183

Alguns teem na vida um
grande sonho, faltam
a esse sonho. Outros não
teem na vida nenhum
sonho, e faltam a esse
tambem
sonho

BIBLIOTECA NACIONAL

Luiz Moitinho Almeida

Hotel Salvador

Weil telegrafa Paris ch

pede o encontre

Expede: Fernando Pessoa,
Rua da Prata, 67,

80.00
50.00
25.00
160.00
30.00
42.50
9.00

396.50
79.30

317.20

184

BIBLIOTECA NACIONAL

A arte livra-nos illusoriamente da sordidez de sermos. Emquanto sentimos os males e as injurias de Hamlet, principe da Dinamarca, não sentimos os nossos - vis porque são nossos e vis porque são vis.

O amor, o somno, as drogas e intoxicantes, são fórmas elementares da arte, ou, antes, de produzir o mesmo effeito que ella. Mas amor, somno, edrogas [illegible] tem cada um a sua desillusão. O amor farta ou desillude. Do somno disperta-se, e, quando se dormiu, não se viveu. As drogas pagam-se com a ruina de aquelle mesmo physico que s rviram de estimular. Mas na arte não ha desillusão porque a illusão foi admittida desde o principio. Da arte não ha dispertar, porque nella [illegible] não [illegible] dormimos, embora sonhassemos. Na arte não ha tributo ou multa que paguemos por ter gosado d'ella.

O prazer que ella nos offerece, como em certo modo não é nosso, não temos nós que pagal-o ou que arrepender-nos d'elle.

Por arte entende-se tudo que nos delicía sem que seja nosso - o rasto da passagem, o sorriso dado a outrem, o poente, o poema, o universo objectivo.

Possuir é perder. Sentir sem possuir é [illegible] guardar, pàrque é extrahir de uma coisa a sua essencia.

BIBLIOTECA NACIONAL

Não o amor, mas os arredores é que vale a pena....

A repressão do amor illumina os phenomenos d'elle com muito mais clareza que a mesma experiencia. Ha virgindades de grande entendimento. Agir compensa mas confunde. Possuir é ser possuido, e portanto perder-se. Só a idéa attinge, sem se estragar, o conhecimento da realidade.

BIBLIOTECA NACIONAL

Não o amor, mas os arredores é que vale a pena...

A repressão do amor illumina os phenomenos d'elle com muito mais clareza que a mesma experiencia. Ha virgindades de grande entendimento. Agir compensa mas confunde. Possuir é ser possuido, e portanto perder-se. Só a idéa attinge, sem se estragar, o conhecimento da realidade.

(O) Christo é uma fórma da emoção.

No pantheon ha logar para os deuses que se excluem uns aos outros, e todos teem assento e regencia. Cada um póde ser tudo, porque aqui não ha limites, nem até logicos, e gosamos, no convivio de varios eternos (immortaes), da coexistencia de differentes infinitos e de diversas eternidades.

BIBLIOTECA NACIONAL

(o) Cantiere è una fiera da cacciare.

Ho partecipato in luogar para ce dounce que se exclusa una sua ouvrage, e todos tem assunto a segurdia. Onde un pode ser tudo, porque aqui não ha limites, tem até tapicos, roseaux, no contrario de varias etarnos (importasse), ca sostenencias de differentes intinitos e de diversos exercitadas.

Lo[illegible] Sigue a [illegible]
188 [illegible]

Dormia tudo como se o
universo fosse um erro; e
o vento, flutuando incerto,
era uma vandeira sem
firma [illegible] [illegible] sobre
um [illegible] edifício sem [illegible].
Enfarinhava-se coisa nenhuma
no ar alto e forte, e
a caixilhos dos janelas
[illegible] as [illegible] para
que a ~~[illegible]~~ o lado de cá [illegible]
se [illegible]. No fundo de
tudo, [illegible] calar, [illegible] ~~[illegible]~~
~~[illegible]~~ [illegible] ~~[illegible]~~ o
~~[illegible]~~ [illegible] ~~[illegible]~~ (a alma [illegible] com pena de Deus)
E, de repente — nova ordem
das coisas universais aqui sobre
a cidade — o vento [illegible]

Como um alçapão, se um pavor [illegible]
fogia vantado de [illegible] a dormir.

no intervalo do vento, e [illegible] uma [illegible] Dormir
de muitas agitações na altura. Depois a [illegible] [illegible]

BIBLIOTECA NACIONAL

Sobre um manifes

Foi ha dias distribuida em Lisboa, com a fórma de um manifesto de estudantes, uma estupida, vil e entristecedora *blague* contra o altissimo espirito, e o não menos alto caracter, do dr. Raul Leal, auctor de *Sodoma Divinizada* e de um manifesto recente, notavel documento de verdade e de nobreza, que, sendo dirigido aos estudantes de Lisboa, nenhuma offensa a elles contém, a não ser que dizer-lhes que estudem o seja.

Consiste a *blague* em dar por louco o dr. Raul Leal, servindo-se seus auctores do manifesto d'elle, e fazendo, por meio de phrases truncadas ou separadas aleivosamente do contexto que as remata, uma psychiatria de circo, facil a todos em quem o espirito scientifico seja nullo e a inconsciencia positiva.

A sordida brincadeira não tem o merito, até certo ponto exculpador, da novidade. O processo do ataque psychiatrico — sempre antipathico, quasi sempre facil, quasi nunca justificavel — já fôra empregado entre nós pelo dr. Arthur Leitão, que escreveu em 1907, contra o conselheiro João Franco, então presidente do conselho, o seu opusculo *Um caso de loucura epileptica*. O artificio, porém, era importado: deu-lhe origem, pelo menos notavel, o fallecido Max Nordau no seu livro celebre *Degeneração*.

Se a *blague* dos estudantes não tivesse maior defeito que o não ser nova, não haveria mistér que se viesse fallar d'ella em publico. O peor é o mais que ella contém, ou, antes, denota. Disse eu que ella era estupida, vil e entristecedora. Repito-o, e vou proval-o. E' nisso que está o seu mal.

A *blague* dos estudantes é estupida, não só porque são negativos o portuguez e o lógico da sua redacção, mas tambem porque o auctor d'ella nem sequer soube effectuar seu proprio intento. Nada ha mais facil que provar por alto que qualquer é louco: basta ter que fazel-o só para quem nada entende da materia. Ao mais leigo em psychiatria — desde que nelle concorram a ausencia de escrupulos e a de espirito scientifico — é facil simular um diagnostico, encaixando em qualquer individuo apenas dois ou trez dos varios symptomas, cujo conjuncto compõe o quadro clinico de qualquer psychose. Ha toda a apparencia, para os leigos, de

Na transcripção esphace
todo o sentido do paragr
E o que é nobreza e sin
paragrapho completo res
quando d'elle se excluem,
os seus elementos vitaes, o

Mais vil (se é possivel) c
pria essencia do manifest
veram-o elles como *blagu*
que um espirito nobre,
nunca brinca, porque o
dos signaes distinctivos d
ellas os deuses, a morte e
author do manifesto o es
louco o dr. Raul Leal, ou,
cer crel-o para o conspurc
das ruas insulta um louco
quer canalha abaixo d'es
bendo que mente.

Ainda sobra vileza. O d
creveu um opusculo antip
tudo contra o presidente d
dor; atacou um homem qu
força das authoridades do
um homem que, a ser louc
pelo logar que occupava,
nefasta.

Os estudantes são de mel
rados simultaneamente n
Epocha — isto é, na repub
seguros porisso do appoio d
consequente difficultação
atacam e insultam confiad
sultam a quem? A um hom
que está sosinho ou tão po
como se o estivesse, sem p
goso a quem o ataca, sem
judicial a sua acção, su
essencia o seja. E por que
sulto? Por aquillo mesmo
se o intentassem; por um
duvida transparece uma
mostra uma altissima dig
didos, são porisso incapa
bilidade de um talento all
dam, ou senão do rebella

1/2/931

199

Depois dos dois tiros de chumbo, de pouco o rei Ley
o ayut que escutara, aos frandes espaços do alto.
Entre os seus, onde os seus dormem como
Charles B Campos, e o alegre [illegible] pre. afri
nos alto. Na sua contente fria toma gra-
Davis, os meus [illegible] funnaveis. cen
cidenos [illegible]. [illegible] e mais cent
em fora. Nem sonhos me afiguram, ao
Nem [illegible] pre. está o dia. Gosto como
uma amizade de acordar que
a cidade parece se afundar. Parece
como um carreiro [illegible] pontos
vistos, ai para 15 o preço de me
sentir agradecer.

Os grandes prédios domiciliários tem
um movimento sólemne de outro aspecto
de dia. Em V. Domingo ha a saída
uma missa, e vae principiar entre. Vê-
se [illegible] as pessoas entrar
[illegible] algumas para [illegible] Mas sempre
pouca.

Todas estas coisas não tem importância. Mas,
como tudo ao comum de vida, um conjunto
de mysterios e de aspectos, é [illegible] ali
como uma [illegible], a planície
da vida sempre [illegible].

Entretanto, criança, eu cá a sete pensa-
mentos, a [illegible] a [illegible]. Pois devia
ser a vida. Tinha com a devida correcção
o meu vinho [illegible] mulher, a [illegible]
tudo. Até o fim não [illegible] de gosar.
Vivia [illegible] e a [illegible] na [illegible]
nova. Os [illegible] [illegible] [illegible]
[illegible] e o [illegible] não [illegible] ?

BIBLIOTECA NACIONAL

2

Outrora gozava tudo isto, porque só hoje o sinto tanto, que comprehendo quanto o gozava. Entrava pouco na mesma como para um paraiso mysterioso e sentia uma poesia como que numa descrição. E assim é que verdadeiramente era, e ainda verdadeiramente é, e é o ar que não vê e é adulto, a alma que recorda e chora, isto é a fricção e o transtorno, o desalento e a lagem fria.

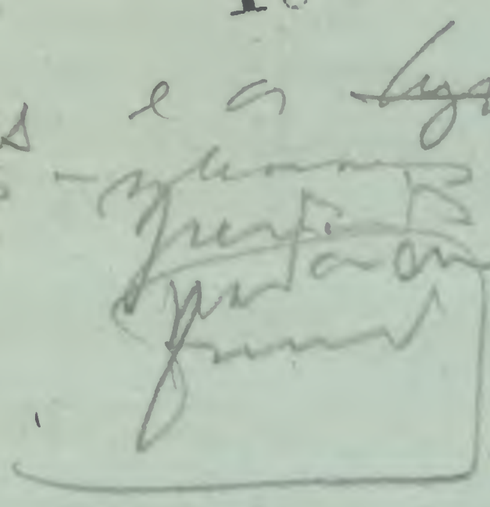
Sim, o que eu sou seria insupportavel se eu não pudesse lembrar-me do que fui. E esta multidão alheia que continua ainda [illegible] [illegible] de mesma, e o [illegible] [illegible] [illegible] que comeca a chegar para estar [illegible] a [illegible], tudo isto [illegible] com braços que passam por [illegible] [illegible] lentos [illegible] as janellas [illegible] do meu [illegible] erguido sobre a margem.

Memorias, [illegible], [illegible], [illegible] de haver sido, [illegible] do tempo que [illegible] por ter passado, e não [illegible] nunca porque foi meu... [illegible] [illegible] do [illegible] sensações por mais [illegible] [illegible] de carruagem e [illegible] que soa rodas no fundo dos silencios [illegible] dos antemovers, e de qualquer [illegible] que um paradoxo material do [illegible] [illegible] hoje, aqui mesmo, [illegible] entre o que sou e o que perdi, no intervallo de mim [illegible] em ......

Quem sei? Quem [illegible]? Quem sinto? [illegible] [illegible] [illegible] que [illegible]?

L d V

180



L. do D.

Ás vezes, sem que o espere ou deva esperal-o, a suffocação do vulgar me toma a garganta e tenho a nausea physica da voz e do gesto do chamado similhante. A nausea physica directa, sentida directamente no estomago e na cabeça, maravilha estupida da sensibilidade disperta... Cada individuo que me falla, cada cara cujos olhos me fitam, affecta-me como um insulto ou como uma porcaria. Extravaso horror de tudo. Entonteço de me sentir sentir.

E acontece, quasi sempre, nestes momentos de desolação estomacal, que ha um homem, uma mulher, uma creança até, que se ergue deante de mim como um representante real da banalidade que me agonia. Não representante por uma emoção minha, subjectiva e pensada, mas por uma verdade objectiva, realmente conforme de fóra com o que sinto de dentro,

BIBLIOTECA NACIONAL

102

L. do D.

A procura da verdade - seja a verdade subjectiva do convencimento, a objectiva da realidade, ou a social do dinheiro ou do poder - traz sempre comsigo, se nella se emprega quem merece o premio, o conhecimento ultimo da sua inexistencia. A sorte grande da vida sahe sòmente aos que não compraram por acaso.

A arte tem valia porque nos tira de aqui.

BIBLIOTECA NACIONAL

193

exprimir ao micro-
scopio ——

BIBLIOTECA NACIONAL

Gibra, Porto e

uma livraria

das Alhas * [illegible]

L. de D.

Não tenho papel, nem me parece em papel, vou pôr aqui a descripção d'meu ideal — Apontamento.

A Arte possível é a Mallarmé dista a Vieira; a Verlaine ao corpo de Horacio; a Homero ao Amor.

Sentir tudo de todas as maneiras; (usar por dentro todas as sensações, descarnando-a até Deus;) ambitiar de novo e repetir na mente como aquelle Caseiro grande aprendeu com os Latos homens a grande da arma enorme.

Todos estes ideaes, pensava a empregar; em uma especie de arte, de sua linha, estavam agora. Toda a realeza de sentir — e d'ahi nem sempre o caracter, d'ella (a ella não vejo) tentando absorver d'uma alma com familia em sorte que fez tregeito d'aranha sem tecer no theia — a da superficie até o fundo. E uma das Cartas calmas, como o Deserto até um apontamento tudo - junto.

e d'ahi nem sempre o caracter d'ella

BIBLIOTECA NACIONAL

23/3/1930.

L. do D.

Ha um cansaço da intelligencia (abstracta) e é o mais horroroso dos cansaços. Não pesa como o cansaço do corpo, nem inquieta como o cansaço (do cerebro) da emoção. É um peso da consciencia do mundo, uma não poder respirar com a (sentir-nos) alma.

Então, como se o vento nellas désse, e foram nuvens, todas as idéas em quem temos sentido a vida, todas as ambições (amputadas) e desejos em que temos fundado a esperança na continuação d'ella, se rasgam, se abrem, se afastam terrados anjos de nevoeiro, fantasmas de que não fiz nem (para) vê. E por traz da derrota surge (a) vida, vigia e implacavel do céu deserto e estrellado.

O mysterio da vida doe-nos e apavora-nos. de muitos modos. Uma vez vem sobre nós como um phantasma sem fórma, e (a) alma treme com o peor dos medos - a da encarnação disforme do nada. Outras vezes (é) atraz de nós, visivel só quando nos não voltamos para ver, é a verdade (toda) que no seu horror profundissimo (é) (a) desconhecemos. (E por a não conhecermos nunca.)

Mas este horror, que hoje me annula, é mais (espaçadamente nocturno) menos (sobre) e mais (pavor). É uma vontade de não querer ter pensamento, um desejo de nunca ter sido nada, um desespero consciente de todas as cellulas do corpo da alma. É o entumecimento subito de se (ter) enclausurado numa cella infinita. Para não pensar em fugir, se é a cella é (tudo)!

E então vem-me o desejo transbordante absurdo, (de) uma especie de (Satanismo) que pretende (Satan), de que um dia - (em) um dia sem (milenio) tempo, - (se) encontre uma fuga para

BIBLIOTECA NACIONAL

O moço atava a embulhos d tudo e dias ao
fim começou de suplicar "Ah grand tuxa"
para mijar
fut / com en ton alto "bons dias" o condutor
bramiu. Jum criança começou a bater muro.
Houve uma pausa que um apito ficava
O apocalypse tinha passado. Fez-se uma pausa

E um pé alto — Ly fut e clara. Depois.
Trouxi Sou — este trouxe já afastado os olhinhos
de pé humano
pulmões inteiros. Completos Reparou que Mãe fumes as
no ringtone. Entre fe hoje ali entre fant.
a ser o noite. Todos paviam
Sem uma coisa Tremeu: era a grande fala depois
de Rosé p. o Quem mais para d'aonde / Vem
Verifiquei.

Assar
Dum pontin (ave)
Cesara

BIBLIOTECA NACIONAL

14/3/1930.

197

L. do D.

O silencio que sahe do som da chuva espalha-se, num crescendo de monotonia cinzenta, pela rua estreita que fito. Estou dormindo disperto, de pé contra a vidraça, a que me encosto como a tudo. Procuro em mim que sensações são as que tenho perante este cahir esfiado de agua sombriamenteluminosa que destaca das fachadas sujas e, ainda mais, das janellas abertas. E não sei o que sinto, não sei o que quero sentir, não sei o que penso nem o que sou.

Toda a amargura retardada da minha vida despe, aos meus olhos sem sensação, o traje ~~xxxxxxx~~ de alegria natural de que usa nos acasos prolongados de todos os dias. Verifico que, tantas vezes alegre, tantas vezes contente, estousempre triste. E o que em mim verifica isto está por traz de mim, como que se debruça sobre o meu encostado á janella, e, por sobre os meus hombros, ou até a minha cabeça, fita, com oljos mais intimos que os meus, a chuva lenta, um pouco ondulada já, que filigrana de movimento o ar pardo e ~~xxxxxxxx~~ mau.

Abandonar todos os deveres, ainda os que nos não exigem, repudiar todos os lares, ainda os que não foram nossos, viver do impreciso e do vestigio, entre grandes purpuras de loucura, e rendas falsas de magestades sonhadas... Ser qualquer coisa que não sinta o pesar de chuva externa, nem a magua da vacuidade intima... Errar sem alma nem pensamento, sensação sem si-mesma, por estrada contornando montanhas, por valles sumidos entre encostas ingremes, longinquo, immerso e fatal... Perder-se entre paisagens como quadros. Não-ser a longe e cores...

Um soprol eve de vento, que por traz da janella não sinto, rasga em desnivelamentos aereos a queda rectilinea da chuva. Clareia qualquer parte do céu que não vejo. Noto-o porque, por traz dos vidros meio-limpos da janella fronteira, já vejo/o calendario na parede, que até agora não via. vagamente

La Bentos → Esqueço. Não reparei em pessoas.

Cessa a chuva, e d'ella fica, um momento, uma poalha de diamantes minimos, como se, no alto, qualquer coisa como uma grande toalha se sacudisse d'essas migalhinhas. Sente-se que parte do céu está já azul. Vê-se, atravez da janella fronteira, o calendario mais nitidamente. Tem uma cara de mulher, e o resto é facil porque o reconheço, e a pasta dentifrica é a mais conhecida de todas.

Mas em que pensava eu antes de me perder a vêr? Não sei. Vontade? Esforço? Vida? Com um grande avanço de luz sente-se que o céu é já quasi todo azul. Mas não ha socego - ah, nem o haverá nunca! - no fundo do meu coraçaõ, poço velho ao fim da quinta vendida, memoria de infancia fechada a pó no sotam da casa alheia. Não ha socego - e, ai de mim!, nem sequer ha desejo de o ter...

BIBLIOTECA NACIONAL

$$\begin{array}{r} 1080 \\ 992 \\ \hline 980 \end{array} \qquad \overline{)\,124} \qquad 0.88$$

L. do D.

Vejo as paisagens sonhadas com a mesma clareza com que fito as reaes. Se me debruço sobre os meus sonhos é sobre qualquer cousa que me debruço. Se vejo a vida passar, sonho qualquer cousa.

De alguem alguem disse que para elle as figuras dos sonhos tinham o mesmo relevo e recorte que as figuras da vida. Para mim, embora comprehendesse que se me applicasse phrase similhante, não a acceitaria. As figuras dos sohnos não são para mim eguaes ás da vida. São parallelas. Cada vida - a dos sonhos e a do mundo - tem uma realidade egual e propria, mas differente. As figuras dos sonhos estão mais proximas de mim, mas

Como as cousas proximas e as cousas remotas.

BIBLIOTECA NACIONAL

L/D.

Invejo - mas não sei se invejo - aquelles de quem se póde escrever uma biographia, ou que podem escrever a propria. Nestas impressões sem nexo, nem desejo de nexo, narro indifferentemente a minha autobiographia sem factos, a minha historia sem vida. São as minhas Confissões, e, se nellas nada digo, é que nada tenho que dizer.

Que ha (de alguem) confessar que valha ou que sirva? O que nos succedeu, ou succedeu a toda a gente ou só a nós; num caso não é novidade, e no outro não é de comprehender. Se escrevo o que sinto é porque assim diminuo a febre de sentir. O que confesso não tem importancia, pois nada tem importancia. Faço paisagens com o que sinto. Faço férias das sensações. Comprehendo bem as bordadoras por magua e as que fazem meia porque ha vida. Minha tia velha fazia paciencias durante o infinito do serão. Estas confissões de sentir são paciencias minhas. Não as interpreto, como quem usasse cartas para saber o destino. Não as ausculto, porque nas paciencias as cartas não teem propriamente valia. Desenrolo-me como uma meada multicolor, ou faço commigo figuras de cordel, como as que se tecem nas mãos espetadas e se passam de umas creanças para as outras. Cuido só de que o pollegar não falhe o laço que lhe compete. Depois vira a mão e a imagem fica differente. E recomeço.

Viver é fazer meia com uma intenção dos outros. Mas, ao fazel-a, o pensamento é livre, e todas os principes [illegible] encantados podem passear nos seus parques entre mergulho e mergulho da agulha de marfim com bico reverso. Crochet das coisas... Intervallo... Nada.....

De resto, com que posso contar commigo? Uma acuidade horrivel das sensações, e a comprehensão profunda de estar sentindo... Uma intelligencia aguda para me destruir, e um poder de sonho soffrego de me entreter... Uma vontade morta e uma reflexão que a embala, como a um filho vivo... Sim, crochet...

BIBLIOTECA NACIONAL

25/XII/1929.

200

L. do D.

Depois que os ultimos pingos da chuva começaram a tardar na queda dos telhados, e pelo centro pedrado da rua o azul do ceu começou a espelhar-se lentamente, o som dos vehiculos tomou outro canto, mais alto e alegre, e ouviu-se o abrir de janellas contra o desesquecimento do sol. Então, pela rua estreita, do fundo da esquina proxima, rompeu o convite alto do primeiro cauteleiro, e os pregos pregados nos caixotes da loja fronteira reverberavam pelo espaço claro.

Era um feriado incerto, legal e que se não mantinha. Havia socego e trabalho conjunctos, e eu não tinha que fazer. Tinha me levantado cedo e tardava em preparar-me para existir. Passeava de um lado ao outro do quarto e sonhava alto coisas sem nexo nem possibilidade - gestos que me esquecera de fazer, ambições impossiveis realizadas sem rumo, conversas firmes e continuas que, se fôssem, teriam sido. E neste devaneio sem grandeza nem calma, neste atardar sem esperança nem fim, gastavam meus passos a manhã livre, e as minhas palavras alto para, soavam multiplas no claustro do meu simples isolamento.

A minha figura humana, se a considerava com uma attenção externa, era do ridiculo que tudo quanto é humano assume sempre que é intimo. Vestira, sobre os trajes simples do somno abandonado, um sobretudo velho, que me serve para estas vigilias matutinas. Os meus chinellos velhos estavam rotos, principalmente o do pé esquerdo. E, com as mãos nos bolsos do casaco posthumo, eu fazia a avenida do meu quarto curto em passos largos e decididos, cumprindo com o devaneio inutil um sonho egual aos de toda a gente.

Ainda, pela frescura aberta da minha janella unica, se ouviam cahir dos telhados os pingos grossos da accumulação da chuva ida. Ainda, vagos, haviam frescores de haver chuvido. O céu, porém, era de um azul conquistador, e as nuvens que restavam da chuva derrotada ou cansada, cediam, retirando para sobre os lados do Castello, os caminhos legitimos do céu todo.

Era a occasião de estar alegre. Mas pesava-me qualquer coisa, uma ansia desconhecida, um desejo sem definição, nem até réles. Tardava-me, talvez, a sensação de estar vivo. E, quando me debrucei da janella altissima, sobre a rua para onde olhei sem vel-a, senti-me de repente um d'aquelles trapos humidos de limpar coisas sujas que se levam para a janella para seccar, mas se esquecem, enrodilhados, no parapeito que mancham lentamente.

BIBLIOTECA NACIONAL

201

L. do D.

Quem quizesse fazer um catalogo de monstros, não teria mais que photographar em palavras aquellas coisas que a noite traz ás almas que não conseguem dormir. Essas coisas teem toda a incoherencia do sonho sem a desculpa incognita de se estar dormindo. Pairam como morcegos sobre a passividade da alma, ou vampiros que suguem o sangue da submissão.

São larvas do declive e do desperdicio, sombras que enchem o valle, vestigios que ficam do destino. Umas vezes são vermes, nauseantes à propria alma que os afaga e cria; outras vezes são espectros, e rondam sinistramente coisa nenhuma; outras vezes ainda, emergem, cobras, dos reconcavos absurdos das emoções perdidas.

Lastro do falso, não servem senão para que não sirvamos. São duvidas do abysmo, deitadas na alma, arrastando dobras somnolentas e frias. Duram fumos, passam rastros, e não ha mais que o haverem sido na substancia esteril de ter tido consciencia d'elles. Um ou outro é como uma peça intima de fogo de artificio: faisca-se um tempo entre sonhos, e o resto é a inconsciencia da consciencia com que o vimos.

Nastro desatado, a alma não existe em si mesma. As grandes paisagens são para amanhã, e nós já vivemos. Falhou a conversa interrompida. Quem diria que a vida havia de ser assim?

Perco-me se me encontro, duvido se acho, não tenho se obtive. Como se passeasse, durmo, mas estou disperto. Como se dormisse, accórdo, e não me pertenço. A vida, afinal, é, em si mesma, uma grande insomnia, e ha um estremunhamento lucido em tudo quanto fazemos e pensamos.

Seria feliz se pudesse dormir. Esta opinião é d'este momento, porque não durmo. A noite é um peso immenso por traz do afogar-me com o cobertor mudo do que sonho. Tenho uma indigestão na alma.

Sempre, depois de depois, virá o dia, mas será tarde, como sempre. Tudo dorme e é feliz, menos eu. Descanso um pouco, sem que ouse que durma. E grandes cabeças de monstros sem ser emergem confusas do fundo de quem sou. São dragões do Oriente do abysmo, com linguas encarnadas de fóra da logica, com olhos que fitam sem vida a minha vida morta que os não fita.

BIBLIOTECA NACIONAL

CASA SERRAS

END. TELEG.: "SERRASDOURO"
CODIGO BENTLEY

FUNDADA EM 1903
TELEFONE 23246

E. DIAS SERRAS, L.DA

IMPORTAÇÃO-REPRESENTAÇÕES

RUA DA MADALENA, 109-LISBOA-PORTUGAL

Julho de 1931.

Ex.mo Snr.

Aos cigarros americanos **"CAMEL"** que nos orgulhamos de ter lançado já ha muitos anos no mercado português, vamos consagrar a **semana** que decorre de 2 a 9 de Agosto proximo fazendo uma campanha especial de publicidade para a apresentação da sua nova embalagem hermetica que permite conservar intacta a sua frescura e o seu inegualavel sabôr.

Para tornar largamente conhecido este seu novo sistema de empacotamento resolvemos conceder excepcionalmente até ao fim do proximo mês de Agosto a todos os comerciantes da especialidade, apesar do recente agravamento aduaneiro, um preço unico sem quaisquer despesas quer de portes quer de embalagem ou ainda de cobrança. Assim, para um minimo de 20 maços faremos o preço de 5$00 liquido cada, enviando as encomendas contra reembolso. De futuro todas as encomendas terão embalagem gratis, desde que venham acompanhadas da respectiva importancia, em cheque ou vale postal acrescida do respectivo porte de correio. Para orientação de V. S.ª devemos esclarecer que o preço de venda ao publico está fixado em todo o país em 6$00.

Aproveitamos o ensejo para pedir a V. S.ª que durante a **Semana "CAMEL"** ornamente, sendo possivel, as suas montras, ou faça nelas pelo menos a exposição dos cigarros **"CAMEL".** Para auxiliar essa propaganda enviaremos a V. S.ª na devida oportunidade uma porção de prospectos, iguais ao que incluimos, para serem distribuidos pelos clientes da vossa casa.

Pedindo portanto que nos envie com a possivel brevidade a vossa encomenda afim de ser executada com a necessaria regularidade e a qual antecipadamente agradecemos, subscrevemo-nos com muita consideração

De V. S.ª
At.os M.o Obg.os
E. DIAS SERRAS, L.DA

GERENTE

(2)

202

A tampa, por amor de Deus, a tampa! Concluam-me a inconsciencia e vida! Felizmente, pela janella fria, de portas desdobradas para traz, um fio triste de luz pallida começa a tirar a sombra do horizonte. Felizmente, o que vae raiar é o dia. Socégo, quasi, do cansaço do desasocego. Um gallo canta, absurdo, em plena cidade. O dia livido começa no meu vago somno. Alguma vez dormirei. Um ruido de rodas faz carroça. Minhas palpebras dormem, mas não eu. Tudo, emfim, é o Destino.

4/11/1931.

BIBLIOTECA NACIONAL

CASA SERRAS

END. TELEG.: "SERRASDOURO"
CODIGO BENTLEY

FUNDADA EM 1903
TELEFONE 23246

E. DIAS SERRAS, L.DA

IMPORTAÇÃO - REPRESENTAÇÕES

RUA DA MADALENA, 109 - LISBOA - PORTUGAL

Julho de 1931.

Ex.mo Snr.

Aos cigarros americanos **"CAMEL"** que nos orgulhamos de ter lançado já ha muitos anos no mercado português, vamos consagrar a **semana** que decorre de 2 a 9 de Agosto proximo fazendo uma campanha especial de publicidade para a apresentação da sua nova embalagem hermetica que permite conservar intacta a sua frescura e o seu inegualavel sabôr.

Para tornar largamente conhecido este seu novo sistema de empacotamento resolvemos conceder excepcionalmente até ao fim do proximo mês de Agosto a todos os comerciantes da especialidade, apesar do recente agravamento aduaneiro, um preço unico sem quaisquer despesas quer de portes quer de embalagem ou ainda de cobrança. Assim, para um minimo de 20 maços faremos o preço de 5$00 liquido cada, enviando as encomendas contra reembolso. De futuro todas as encomendas terão embalagem gratis, desde que venham acompanhadas da respectiva importancia, em cheque ou vale postal acrescida do respectivo porte de correio. Para orientação de V. S.ª devemos esclarecer que o preço de venda ao publico está fixado em todo o país em 6$00.

Aproveitamos o ensejo para pedir a V. S.ª que durante a **Semana "CAMEL"** ornamente, sendo possivel, as suas montras, ou faça nelas pelo menos a exposição dos cigarros **"CAMEL"**. Para auxiliar essa propaganda enviaremos a V. S.ª na devida oportunidade uma porção de prospectos, iguais ao que incluimos, para serem distribuidos pelos clientes da vossa casa.

Pedindo portanto que nos envie com a possivel brevidade a vossa encomenda afim de ser executada com a necessaria regularidade e a qual antecipadamente agradecemos, subscrevemo-nos com muita consideração

De V. S.ª
At.os M.o Obg.os
E. DIAS SERRAS, L.DA

GERENTE

L. do D.

O relogio que está lá para traz, na casa deserto, porque todos dormem, deixa cahir lentamente o quadruplo som claro das quatro horas de quando é noite. Não dormi ainda, nem espero dormir. Sem que nada me detenha a attenção, e assim não durma, ou me pese no corpo, e porisso não socegue, jazo na sombra, que o luar vago dos candieiros da rua torna ainda mais xxxxxx desacompanhada, o silencio amortecido do meu corpo extranho. Nem sei pensar, do somno que tenho; nem sei sentir, do somno que não consigo ter.

Tudo em meu torno é o universo xxx nú, abstracto, feito de negações nocturnas. Divido-me em cansado e inquieto, e chego a tocar com a sensação do corpo um conhecimento metaphysico do mysterio das coisas. Por vezes amollece-se-me a alma, e então os pormenores sem fórma da vida quotidiana boiam-se-me á superficie da consciencia, e estou fazendo lançamentos á tona de não poder dormir. Outra vezes, accordo de dentro do meio-somno em que estagnei, e imagens vagas, de um colorido poetico e involuntario, deixam escorrer pela minha desattenção o seu espectaculo sem ruidos. Não tenho os olhos inteiramente cerrados. Orla-me a vista frouxa uma luz que vem de longe; são os candieiros publicos accesos lá em baixo, nos confins abandonados da rua.

Cessar, dormir, substituir esta consciencia intervallada por melhores coisas melancholicas ditas em segredo ao que me desconhecesse!... Cessar, passar fluido e ribeirinho, xxxxx fluxo e refluxo de um mar vasto, sem costas visiveis na noite em que verdadeiramente se dormisse!... Cessar, ser incognito e externo, movimento de ramos em aleas afastadas, tenue cahir de folhas, xxxxxxx conhecido no som mais que na queda, mar alto fino dos repuxos ao longe, e todo o indefinido dos parques na noite, perdidos entre emmaranhamentos continuos, labyrinthos naturaes da treva!... Cessar, acabar finalmente, mas com uma sobrevivencia translata, ser a pagina de um livro, a madeixa de um cabello solto, o oscillar da trepadeira ao pé da janella entreaberta, os passos sem importancia no cascalho fino da curva, o ultimo fumo alto da aldeia que adormece, o esquecimento do chicote do carroceiro á beira matutina do caminho.... O absurdo, a confusão, o apagamento - tudo xxxxxxxxxxx que não fôsse a vida...

Não durmo, a meu modo, sem somno nem xxxxx repouso, esta vida vegetativa da supposição, e sob as minhas palpebras sem socego paira, como a xxxx de um mar sujo, o reflexo longinquo dos candieiros mudos da rua.

BIBLIOTECA NACIONAL

Durmo e desdurmo.

/

Do outro lado de mim, lá para traz de onde jazo, o silencio da casa toca no infinito. Oiço cahir o tempo, gota a gota, e nenhuma gota que cahe se ouve cahir. Oppprime-me physicamente o coração physico a memoria, reduzida a nada, de tudo quanto foi ou fui. Sinto a cabeça materialmente collocada na almofada em que a tenho fazendo valle. A pelle da fronha tem com a minha pelle um contacto de gente na sombra. A propria ~~xxx~~ orelha, sobre a qual me encosto, grava-se-me mathematicamente contra o cerebro. Pestanejo de cansaço, e as minhas pestanas fazem: um som pequenissimo, inaudivel, na brancura sensivel da almofada erguida. Respiro, suspirando, e a minha respiração acontece - não é minha. Soffro sem sentir nem pensar. O relogio da casa, ~~xx~~ logar certo lá ao fundo das coisas, sôas meia-hora secca e nulla. Tudo é tanto, tudo é tam fundo, tudo é tam negro e tam frio!

x

Subitamente, como uma creança do Mysterio, um gallo canta sem saber da noite. Posso dormir, porque é manhã em mim. E sinto a minha bocca sorrir, deslocando levemnte as pregas molles da fronha que me prende o rosto. Posso deixar-me á vida, posso dormir, posso ignorar-me... E, atravez do somno novo que me escurece, ou lembro o gallo que cantou, ou é elle, de veras, que canta segunda vez.

x

Passo tempos, passo silencios, mundos sem fórma passam por mim.

negra, no fim dos destinos de saudade e da desolação.

L. do D.

Nos primeiros dias do automno subitamente entrado, quando o escurecer toma uma evidencia de qualquer cousa prematura, e parece que tardámos muito no que fazemos de dia, gôso, mesmo entre o trabalho quotidiano, esta anticipação de não trabalhar que a propria sombra traz comsigo, porisso que é noite e a noite é somno, lar, livramento. Quando as luzes se accendem no escriptorio amplo e escuro, e fazemos serão sem que cessassemos de trabalhar de dia, sinto um comforto absurdo como uma lembrança de outrem, e estou socegado com o que escrevo como se estivesse lendo até sentir que irei dormir.

Somos todos escravos de circumstancias externas: um dia de sol abre-nos campos largos no meio de um café de viella; uma sombra no campo encolhe-nos para dentro, e abrigamo-nos mal na casa sem portas de nós mesmos; um chegar da noite, até entre coisas do dia, alarga, como um leque se abra lento, a consciencia intima de dever-se repousar.

Mas com isso o trabalho não se atraza: anima-se. Já não trabalhamos; recreamo-nos com o assumpto a que estamos condemnados. E, de repente, pela folha vasta e pautada do meu destino numerador, a casa velha das tias antigas alberga, fechada contra o mundo, o chá das dez horas somnolentas, e o candieiro de petroleo da minha infancia perdida obscurece-me, com a luz, a visão do Moreira, illuminado a uma electricidade negra infinitos para além de mim. Trazem o chá - é a creada mais velha que as tias que o traz com os restos do somno e o mau humor paciente da ternura da velha vassalagem - e eu escrevo sem errar uma verba ou uma somma atravez de todo o meu passado morto. Reabsorvo-me, perco-me em mim, esqueço-me a noites longinquas, impollutas de dever e de mundo, virgens de mysterio e de futuro.

brilhando sõmente sobre a mesa linho,

E tam suave é a sensação que me alheia do debito e do credito que, se acaso uma pergunta me é feita, respondo suavemente, como se tivesse o meu ser ôco, como se não fôsse mais que a machina de escrever que trago commigo, portatil de mim mesmo aberto. Não me choca a interrupção dos meus sonhos: de tam suaves que são, continuo sonhando-os por traz de fallar, escrever, responder, conversar até. E atravez de tudo o chá perdido finda, e o escriptorio vae fechar... Ergo do livro, que cerro lentamente, olhos cançados do choro que não tiveram, e, numa mixtura de sensações, soffro que ao fechar o escriptorio de me feche o sonho tambem; que no gesto de mão com que cerro o livro encubra o passado irreparavel; que vá para a cama da vida sem somno, sem companhia nem socego, no fluxo e refluxo da minha consciencia misturada, como duas marés na noite

L. do D.

A vulgaridade é um lar. O quotidiano é materno. Depois de uma incursão larga na grande poesia, aos montes da aspiração sublime, aos penhascos do trascendente e do occulto, sabemelhor que bem, sabe a tudo quanto é quente na vida, regressar á estalagem onde riem os parvos felizes, beber com elles, parvo tambem, como Deus nos fez, contente do universo que nos foi dado e deixando o mais aos que trepam montanhas para não fazer nada lá no alto.

Nada me commove que se diga, de um homem que tenho por louco ou nescio, que supera a um homem vulgar em muitos casos e conseguimentos da vida. Os epilepticos são, na crise, fortissimos; os paranoicos raciocinam como poucos homens normaes conseguem discorrer; os delirantes com mania religiosa aggregam multidões de crentes como poucos (se alguns) demagogos as aggregam, e com uma força intima que estes não logram dar aos seus sequazes. E isto tudo não prova senão que a loucura é loucura. Prefiro a derrota com o conhecimento da belleza das flores, que a victoria no meio dos desertos, cheia da cegueira da alma a sós com a sua nullidade separada.

Que de vezes o proprio sonho futil me deixa um horror á vida interior, uma nausea physica dos xxxxxx mysticismos e das contemplações. Com que pressa corro de casa, onde assim sonhe, ao escriptorio; e vejo a cara do Moreira como se chegasse finalmente a um porto. Considerando bem tudo, prefiro o Moreira ao mundo astral; prefiro a realidade á verdade; prefiro a vida, vamos; ao mesmo Deus que a creou. Assim m'a deu, assim a viverei. Sonho porque sonho, mas não soffro o insulto proprio de dar aos sonhos outro valor que não o de serem o meu theatro intimo, como não dou ao vinho, de que xxxxxxx todavia me não abstenho, o nome de alimento ou de necessidade da vida.

L. do D.

206

Todas as movimentos da sensibilidade, por agradaveis que sejam, são sempre interrupçoes de um estado, que não sei em que consiste, que é a vida intima d'essa propria (mesma) sensibilidade. Não só as grandes preoccupações, que nos distrahem de nós, mas até as pequenas xxxx arrelias (?), perturbam uma quietação a que todos, semsaber, aspiramos.

Vivemos quasi sempre fóra de nós, e a mesma vida é uma perpetua dispersão. Porém é para nós que tendemos, como para um centro em torno do qual fazemos, como os planetas, ellipses absurdas e distantes.

BIBLIOTECA NACIONAL

..... como um naufrago afogando-se á vista de ilhas maravilhosas, em aquelles mesmos mares doirados de violeta ~~de~~ em que leitos remotos verdadeiramente xxxxxx sonhára.

Supponho que seja o que chamam um decadente, que haja em (de) mim, como xxxxxxxx definição externa do meu espirito, essas lucilações tristes de uma extranheza postiça que incorporam em palavras inesperadas uma alma anciosa e malabar. Sinto que sou assim e que sou xxxxxx absurdo. Porisso busco, por uma imitação de uma hypothese dos classicos, figurar ao menos em uma mathematica expressiva as sensaçoes decorativas da minha alma substituida. Em certa altura da cogitação escripta; já não sei onde tenho o centro da attenção - se nas sensaçõcs dispersas que procuro descrever, como a tapeçarias incognitas, se nas palavras com que, querendo descrever a propria descripção, me embrenho, me descaminho e vejo outras cousas. Formam-se em mim associações de ideas, de imagens, de palavras - tudo lucido e ~~confuso~~ -, e tanto estou dizendo o que sinto, como o que supponho que sinto, nem distingo o que a alma me suggere do que as imagens, que a alma deixou cahir, ~~me sugerem~~ no chão, nem, até, se um som de palavra barbara, ou um rhythmo de phrase interposta, me não tiram do xxxxxxx assumpto já incerto, da sensação já em parque, e me absolvem da pensar e de dizer, como grandes viagens para distrahir. E isto tudo, que, se o repito, deveria dar-me uma sensação de futilidade, de fallencia, de soffrimento, não consegue senão dar me asas de curo. Desde que fallo de imagens, talvez porque fôsse a condemnar o abuso d'ellas, nascem-me imagens; desde que me ergo de mim para repudiar o que não sinto, eu o estou sentindo já e o proprio repudio é uma sensação com bordados; desde que, perdida xxxx emfim a fé no esforço, me quero abandonar ao extravio, um termo classico, um adjectivo espacial e sobrio, fazem-me de repente, como uma luz de sol, ver clara deante de mim a pagina escripta dormentemente, e as lettras da minha tinta da caneta são um mappa absurdo de signaes magicos. E deponho-me como á caneta, xxxxxxxxxxxxxxxxxx e traço a capa de me reclinar sem nexo, longinquo, xxxxxxx intermedio e succubo, final como um naufrago afogando-se etc.

BIBLIOTECA NACIONAL

3.26

5/2/30.

L. do D.

208

Não são as paredes réles do meu quarto vulgar, nem as secretarias velhas do escriptorio alheio, nem a pobreza das ruas intermedias da Baixa usual, tantas vezes por mim percorridas que já me parecem ter usurpado a fixidez da irreparabilidade, que formam no meu espirito a nausea, que nelle é frequente, da quotidianidade enxovalhante da vida. São as pessoas que habitualmente me cercam, são as almas que, desconhecendo-me, todos os dias me conhecem com xxxx o convivio e a falla, que me põem na garganta do espirito o nó salivar do desgosto physico. É a sordidez monotona da sua vida, parallela á exterioridade da minha, é a sua consciencia intima de serem meus similhantes, que me veste o traje de forçado, me dá a cella de penitenciario, me faz apocrypho e mendigo.

Ha momentos em que cada pormenor do vulgar me interessa na sua existencia propria, e eu tenho por tudo a affeição de saber vêr tudo claramente. Então vejo - como Vieira disse que Sousa descrevia - o commum com singularidade, e sou poeta com aquella alma com que a critica dos gregos formou a edade intellectual da poesia. Mas tambem ha momentos, e xxxxx um é este xxxxx que me opprime agora, em que me sinto mais a mim que ás coisas externas, e tudo se me converte numa noite xxx de chuva e lama, perdida na solidão de um apeadeiro de desvio, entre dois comboios xxxxxxx de terceira classe.

Sim, a minha virtude intima de ser frequentemente objectivo, e assim me extraviar de pensar-me, soffre, como todas as virtudes, e até todos os vicios, decrescimos de affirmação. Então pergunto a mim mesmo como é que me sobrevivo, como é que ouso ter a cobardia de estar aqui, entre esta gente, com esta egualdade certeira com elles, com esta conformação verdadeira com a illusão de lixo de elles todos? Occorrem-me com um brilho de pharol distante todas as soluções com que a imaginação é mulher - o suicidio, a fuga, a renuncia, os grandes gestos da aristocracia da individualidade, o capa e espada das existencias sem balcão.

Mas a Julieta ideal da realidade melhor fechou sobre o Romeu ficticio do meu sangue ax janella alta da entrevista litteraria. Ella obedece ao xxxx pae d'ella; elle obedece ao pae d'elle. Continúa a rixa dos Montechis e dos Capuletos; cahe o panno sobre o que não se deu; e eu recolho a casa - áquelle quarto onde é sordida a dona da casa que não está lá, os filhos que raras vezes vejo, e a gente do x escriptorio que xx só

e só Fernando

verei amanhã - com a gola de um casaco de empregado do commercio erguida sem extranhezas sobre o pescoço de um poeta, com as botas compradas sempre na mesma casa evitando inconscientemente os charcos da chuva fria, e um pouco preoccupado, mixturadamente, de me ter esquecido do guarda-chuva e da dignidade da alma.

27/6/1930.

L. do D. (?)

A vida é para nós o que concebemos nella. Para o rustico cujo campo proprio lhe é tudo, esse campo é um imperio. Para o Çesar cujo imperio lhe ainda é pouco, esse imperio é uma aldeia. O pobre possue um imperio; o grande possue uma aldeia. Na verdade, não possuimos mais que as nossas proprias sensações; nellas, pois, que não no que ellas vêem, temos que fundamentar a realidade da nossa vida.

fundar

+Isto não vem a proposito de nada.

Tenho sonhado muito. Estou cansado de ter sonhado, porém não cansado de sonhar. De sonhar ninguem se cansa, porque sonhar é esquecer, e esquecer não pesa e é um somno sem sonhos em que estamos dispertos. Em sonhos consegui tudo. Tambem tenho dispertado, mas que importa? Quantos Cesares fui! E os gloriosos, que mesquinhos! Cesar, salvo da morte por um pirata, manda crucificar esse pirata logo que, procurando-o bem, o consegue prender. Napoleão, fazendo seu testamento em Santa Helena, deixa um legado a um facinora que tentara assassinar a Wellington. Ó grandezas eguaes ás da alma da visinha vesga! Ó grandes homens da consinheira de outro mundo!

Quantos Cesares fui, mas não dos reaes. Fui verdadeiramente imperial emquanto sonhei, e por isso nunca fui nada. Os meus exercitos foram derrotados, mas a derrota foi fofa, e ninguem morreu. Não perdi bandeiras. Não sonhei até ao ponto do exercito, onde ellas apparecessem ao meu olhar em cujo sonho ha esquina. Quantos Cesares fui, aqui mesmo, na Rua dos Douradores. E os Cesares que fui vivem ainda na minha imaginação; mas os Cesares que foram estão mortos, e a Rua dos Douradores, isto é, a Realidade, não os pode conhecer.

Atiro com a caixa de phosphoros, que está vazia, para o abysmo que a rua é para além do parapeito da minha janella alta sem saccada. Ergo-me na cadeira e escuto. Nitidamente, como se significasse qualquer coisa, a caixa de phosphoroas vazia soa na rua que me declara deserta. Não ha mais som nenhum, salvo os da cidade inteira. Sim, os da cidade inteira - tantos, sem sex entenderem, e todos certos.

Que pouco, no mundo real, forma o supporte das melhores meditações. O ter chegado tarde para almoçar, o teremse acabado os phosphoros, o ter eu atirado, individualmente, a caixa para a rua, mal disposto por ter comido fóra de horas, um dia que promette um poente vil, o não ser ninguem no mundo, e toda a metaphysica.

Quantos Cesares fui!

O céu do estio prolongado todos os dias dispertava de azul verde baço, e breve se tornava de azul acinzentado de branco mudo. No occidente, porém, era da côr que lhe costumam chamar, a elle todo.

Dizer a verdade, encontrar o que se espera, negar a illusão de tudo - quantos o usam na subsidencia e no declive, e como os nomes illustres mancham de maisuculas, como as de terras geographicas, as agudezas das paginas sobrias e lidas!

Cosmorama de acontecer amanhã o que não poderia ter succedido nunca! Lapiz-lazuli das emoções descontinuas! Quantas memorias alberga uma supposição facticia, lembraste, visão sòmente? E num delirio intersticiado de certezas leve, breve, suave, o murmurio da agua de todos os parques nasce, emoção, do fundo da minha consciencia de mim. Sem ninguem os bancos antigos , e as aleas alastram onde elles estão a sua melancholia de arruamentos vazios.

Noite em Heliopolis! Noite em Heliopolis! Noite em Heliopolis! Quem de dirá as palavras inuteis, me compensará a sangue e indecisão?

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

13/6/193-

211

Vivo sempre no presente. O futuro, não o conheço. O passado, já o não tenho. Posso-me com tanto a possibilidade de nada. Não tenho esperanças nem saudades. Esquecendo o passado — tanto o meu como o dos outros — e o tanto do que me não dizia respeito, que pouco presumia da minha vida e amanhã, sem que eu o queira, o que me acontecer, até chamar-lhe-ei vontade. Não tenho nada ao meu dispor. Nunca fui senão uma virtualidade e um sonho. Nunca fui meu. O meu passado é tudo quanto não consegui ser. Nem a recordação de momentos vividos me dá saudades! O que se sente agora, momento a momento, é tudo uma mesma ausência e a história duma vida não é nada.

Posso sentir-me uma ave ao cair da tarde, triste, vendo-se rodeada de noite, perdida pelos caminhos que não conhece, e o mundo inteiro para mim, porque sei o conteúdo da minha consciência.

Nas horas mais vagas em que penso — a certas horas tardias em que

BIBLIOTECA NACIONAL

psychose. Ha toda a apparencia, pelos vistos, de se ter provado a existencia da psychose; em verdade, nada se provou, pelo menos do que se insinua. Tão estupido, porém, é o auctor do manifesto dos estudantes que, podendo fazer isso facilmente, e sem mais sophisma que o de origem, com o mafesto do dr. Raul Leal — porque é facil fazel-o com todo documento singular e complexo —, tem comtudo que servir-se de phrases truncadas, de citações portanto ficticias, para dar ao seu escripto um ar de verdade. Nem esqueça aquella attribuição ao dr. Raul Leal de «um curioso excesso de memoria», pormenor clinico transcripto sem que d'elle haja applicação possivel a qualquer ponto do manifesto; a não ser que haja «excesso de memoria» em alguem se não esquecer que passou quatro annos de miseria.

Peor que a estupidez do manifesto, consubstanciada porém com ella, é a sua sordida vileza. O dr. Arthur Leitão, em seu opusculo, servia-se, ao menos, de phrases do conselheiro João Franco. Os estudantes servem-se de partes de phrases do dr. Raul Leal. Como as phrases inteiras lhes não servem, truncam-as, de modo que sirvam. E assim fazem a sua demonstração por meio de idéas que o dr. Raul Leal não manifestou, sendo que manifestou as contrarias. Exponho um exemplo. O dr. Raul Leal escreveu, em seu manifesto, este paragrapho:

Antes d'esses quatro annos em que puz bem á prova o meu caracter, convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo. Cheguei a defendel-o com emoção. Pois quando veiu a occasião de pôr em pratica as minhas «theorias», subiu-me pela alma um nojo tão grande, uma aversão tão poderosa a todos os abandalhamentos e crimes, que, podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur para estar de accordo com o que pensava, preferi ser verdadeiramente um puro, um immaculado. E foi então que vi Deus...

Os estudantes transcrevem d'este modo, aos bocados:

«*Convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo*» — «*cheguei a defendel-o com emoção*» — «*podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur, para estar de accordo com o que pensava*».

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

gnidade, como se a existencia d'ella os humilhasse.

E' por essa mesma estupidez, e esta mesma complexa vileza, que o manifesto dos estudantes, sendo que é de jovens, é entristecedor. Moços, cuja intelligencia deveria ser, não porcerto disciplinada, porém alacre e disperta, rastejam assim na imbecilidade. Jovens, cuja moral devia peccar só pelos defeitos do impulso e da precipitação, mostram-nos, no emprego da subtileza baixa, da deshonestidade da intelligencia e do calculo sordido, os vicios menos desculpaveis da decrepitude.

De resto, terão elles culpa? Fortes, como estão, com a força alheia, cujo appoio os torna representantes e symbolos d'ella, esta vasa do liberalismo e da democracia é já o transbordar das forças desintegrantes, de cuja acção provém a nossa miseria nacional. Sim, elles não são elles-proprios: são o ambiente que os produziu. São bem o resultado da Monarchia dos Braganças e da Republica Portugueza. São bem o producto de uma sociedade em que varios seculos de educação fradesca e jesuitica prepararam, pela annullação do espirito critico e scientifico, o advento das idéas «liberaes»; em a qual, portanto, a estagnação da intelligencia se completou, como era logico, com a perversão do caracter e a ruina da ordem.

*

É em parte por isto — por serem estes estudantes, sobretudo na acção d'elles que apprecio, o symbolo vivo d'esta sociedade — que de certo modo vale o exforço a publicação d'este protesto, cuja intenção os transcende. É isto um dever social. No que não é por isto, convém escrevel-o para que, d'aquella calumnia de que sempre fica alguma cousa, possa ficar um pouco menos que se elle se não escrevera. É isto um dever moral. Nem é descabido que se aproveite a opportunidade para protestar tambem — o que em grande parte d'este escripto está implicito — contra o complexo desrespeito pela sciencia que ha no emprego da psychiatria para fins de insulto. É isto um dever intellectual.

E se houver alguem do publico a quem em algum grau convencesse o manifesto dos estudantes, com breves palavras se lhe tira essa illusão da ignorancia.

Pretendem os estudantes provar que o dr. Raul Leal é um paranoico com delirio das grandezas; serve de unica razão comprehensivel d'esse «diagnostico» a presença, que allegam, no manifesto lhe vemos, para fazel-a. Que diriamos, porém, se esse mesmo homem de genio manifestasse esse mesmo orgulho, do mesmo modo legitimo porque o homem é o mesmo, antes que o reconhecessemos como genio? Tel-o-hiamos, talvez, por louco. Assim, muitas vezes, o que nos parece a loucura dos outros não é mais que a nossa propria incomprehensão.

Como sabem os estudantes, como sabe quem quer que seja, se o orgulho desmedido do dr. Raul Leal não é illegitimo hoje só para ter sido sempre legitimo ámanhã? Acham excessivo, mesmo como doença, o aspecto d'esse orgulho? Acham sophistica a demonstração de que não é louco quem diz que quer fundar uma nova religião, «o terceiro reino divino»?

Por muitos que sejam os symptomas de desequilibrio que uma psychiatria justa possa encontrar no dr. Raul Leal, não são tantos quantos os symptomas de loucura, de degeneração, de perversão intellectual e moral que um psychiatra eminente, o dr. Binet-Sanglé, encontrou na pessoa de Jesus Christo, o qual, comtudo, fundou uma religião, como mesmo os estudantes de Lisboa devem saber.

Os trez volumes intitulados *La Folie de Jésus* constituem, sem duvida, um exemplo de probidade clinica e de exposição psychiatrica. Nelles podem os estudantes apprender, lendo, como se demonstra um caso de loucura. Fechados elles, porém, podem apprender, reflectindo, que é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.

*

Disse o que tinha que dizer. Conclúo saudando, que assim manda a tradição.

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais — porque não posso desejar melhor — de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, presto-lhe esta, simples e clara, não só da minha amisade, que não tem limites, mas tambem da minha admiração pelo seu alto genio especulativo e metaphysico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tel-o por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, differentes e sósinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

FERNANDO PESSOA.

L. I. N.

Tak and Kassi: amuses friends.

Ogre de cen Nam mgi I. le ands

~~bon: ca se cen vous expulsa~~.

transparents.

O Jesus, au fond de sempre, perpetua

comme à Antibes ~~entretien~~

"Comme ici ! Où on bute à un ? Comment

s'établir facilement.

Un silence !

~~Dit~~ O Jesus va nia comme pa

fraises entre a' fesse. a Paris o

univers intéri : Sentir a, pelgack-

ut, cen cen sub-pitan si tus, cen

suspendes cs cuisse de mpriser

A tuer encaisse. de Hanoi.

Antibes, ces vins,

psychose. Ha toda a ... se ter provado a existencia da psychose; em verdade, nada se provou, pelo menos do que se insinua. Tão estupido, porém, é o auctor do manifesto dos estudantes que, podendo fazer isso facilmente, e sem mais sophisma que o de origem, com o mafesto do dr. Raul Leal — porque é facil fazel-o com todo documento singular e complexo —, tem comtudo que servir-se de phrases truncadas, de citações portanto ficticias, para dar ao seu escripto um ar de verdade. Nem esqueça aquella attribuição ao dr. Raul Leal de «um curioso excesso de memoria», pormenor clinico transcripto sem que d'elle haja applicação possivel a qualquer ponto do manifesto; a não ser que haja «excesso de memoria» em alguem se não esquecer que passou quatro annos de miseria.

Peor que a estupidez do manifesto, consubstanciada porém com ella, é a sua sordida vileza. O dr. Arthur Leitão, em seu opusculo, servia-se, ao menos, de phrases do conselheiro João Franco. Os estudantes servem-se de partes de phrases do dr. Raul Leal. Como as phrases inteiras lhes não servem, truncam-as, de modo que sirvam. E assim fazem a sua demonstração por meio de idéas que o dr. Raul Leal não manifestou, sendo que manifestou as contrarias. Exponho um exemplo. O dr. Raul Leal escreveu, em seu manifesto, este paragrapho:

Antes d'esses quatro annos em que puz bem á prova o meu caracter, convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo. Cheguei a defendel-o com emoção. Pois quando veiu a occasião de pôr em pratica as minhas «theorias», subiu-me pela alma um nojo tão grande, uma aversão tão poderosa a todos os abandalhamentos e crimes, que, podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur para estar de accordo com o que pensava, preferi ser verdadeiramente um puro, um immaculado. E foi então que vi Deus...

Os estudantes transcrevem d'este modo, aos bocados:

«*Convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo*» — «*cheguei a defendel-o com emoção*» — «*podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur, para estar de accordo com o que pensava*».

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

gnidade, como se a existencia d'ella os humilhasse.

E' por essa mesma estupidez, e esta mesma complexa vileza, que o manifesto dos estudantes, sendo que é de jovens, é entristecedor. Moços, cuja intelligencia deveria ser, não porcerto disciplinada, porém alacre e disperta, rastejam assim na imbecilidade. Jovens, cuja moral devia peccar só pelos defeitos do impulso e da precipitação, mostram-nos, no emprego da subtileza baixa, da deshonestidade da intelligencia e do calculo sordido, os vicios menos desculpaveis da decrepitude.

De resto, terão elles culpa? Fortes, como estão, com a força alheia, cujo appoio os torna representantes e symbolos d'ella, esta vása do liberalismo e da democracia é já o transbordar das forças desintegrantes, de cuja acção provém a nossa miseria nacional. Sim, elles não são elles-proprios: são o ambiente que os produziu. São bem o resultado da Monarchia dos Braganças e da Republica Portugueza. São bem o producto de uma sociedade em que varios seculos de educação fradesca e jesuitica prepararam, pela annullação do espirito critico e scientifico, o advento das idéas «liberaes»; em a qual, portanto, a estagnação da intelligencia se completou, como era logico, com a perversão do caracter e a ruina da ordem.

*

É em parte por isto — por serem estes estudantes, sobretudo na acção d'elles que appreco, o symbolo vivo d'esta sociedade — que de certo modo vale o exforço a publicação d'este protesto, cuja intenção os transcende. É isto um dever social. No que não é por isto, convém escrevel-o para que, d'aquella calumnia de que sempre fica alguma cousa, possa ficar um pouco menos que se elle se não escrevera. É isto um dever moral. Nem é descabido que se aproveite a opportunidade para protestar tambem — o que em grande parte d'este escripto está implicito — contra o complexo desrespeito pela sciencia que ha no emprego da psychiatria para fins de insulto. É isto um dever intellectual.

E se houver alguem do publico a quem em algum grau convencesse o manifesto dos estudantes, com breves palavras se lhe tira essa illusão da ignorancia.

Pretendem os estudantes provar que o dr. Raul Leal é um paranoico com delirio das grandezas; serve de unica razão comprehensivel d'esse «diagnostico» a presença, que allegam, no manifesto lhe vemos, para fazel-a. Que diriamos, porém, se esse mesmo homem de genio manifestasse esse mesmo orgulho, do mesmo modo legitimo porque o homem é o mesmo, antes que o reconhecessemos como genio? Tel-o-hiamos, talvez, por louco. Assim, muitas vezes, o que nos parece a loucura dos outros não é mais que a nossa propria incomprehensão.

Como sabem os estudantes, como sabe quem quer que seja, se o orgulho desmedido do dr. Raul Leal não é illegitimo hoje só para ter sido sempre legitimo ámanhã? Acham excessivo, mesmo como doença, o aspecto d'esse orgulho? Acham sophistica a demonstração de que não é louco quem diz que quer fundar uma nova religião, «o terceiro reino divino»?

Por muitos que sejam os symptomas de desequilibrio que uma psychiatria justa possa encontrar no dr. Raul Leal, não são tantos quantos os symptomas de loucura, de degeneração, de perversão intellectual e moral que um psychiatra eminente, o dr. Binet-Sanglé, encontrou na pessoa de Jesus Christo, o qual, comtudo, fundou uma religião, como mesmo os estudantes de Lisboa devem saber.

Os trez volumes intitulados *La Folie de Jésus* constituem, sem duvida, um exemplo de probidade clinica e de exposição psychiatrica. Nelles podem os estudantes apprender, lendo, como se demonstra um caso de loucura. Fechados elles, porém, podem apprender, reflectindo, que é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.

*

Disse o que tinha que dizer. Conclúo saudando, que assim manda a tradição.

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais — porque não posso desejar melhor — de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, prestolhe esta, simples e clara, não só da minha amisade, que não tem limites, mas tambem da minha admiração pelo seu alto genio especulativo e metaphysico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tel-o por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, differentes e sósinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

FERNANDO PESSOA.

Ane humano en. tque metallica
electrica! Ain pregon alegre i viva
chanza en mun resuscitar de algun?

213

Oh, Libra, mon Cor!

---

se ter provado a existencia da psychose; em verdade, nada se provou, pelo menos do que se insinua. Tão estupido, porém, é o auctor do manifesto dos estudantes que, podendo fazer isso facilmente, e sem mais sophisma que o de origem, com o manifesto do dr. Raul Leal — porque é facil fazel-o com todo documento singular e complexo —, tem comtudo que servir-se de phrases truncadas, de citações portanto ficticias, para dar ao seu escripto um ar de verdade. Nem esqueça aquella attribuição ao dr. Raul Leal de «um curioso excesso de memoria», pormenor clinico transcripto sem que d'elle haja applicação possivel a qualquer ponto do manifesto; a não ser que haja «excesso de memoria» em alguem se não esquecer que passou quatro annos de miseria.

Peor que a estupidez do manifesto, consubstanciada porém com ella, é a sua sordida vileza. O dr. Arthur Leitão, em seu opusculo, servia-se, ao menos, de phrases do conselheiro João Franco. Os estudantes servem-se de partes de phrases do dr. Raul Leal. Como as phrases inteiras lhes não servem, truncam-as, de modo que sirvam. E assim fazem a sua demonstração por meio de idéas que o dr. Raul Leal não manifestou, sendo que manifestou as contrarias. Exponho um exemplo. O dr. Raul Leal escreveu, em seu manifesto, este paragrapho:

Antes d'esses quatro annos em que puz bem á prova o meu caracter, convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo. Cheguei a defendel-o com emoção. Pois quando veiu a occasião de pôr em pratica as minhas «theorias», subiu-me pela alma um nojo tão grande, uma aversão tão poderosa a todos os abandalhamentos e crimes, que, podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur para estar de accordo com o que pensava, preferi ser verdadeiramente um puro, um immaculado. E foi então que vi Deus...

Os estudantes transcrevem d'este modo, aos bocados:

«*Convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo*» — «*cheguei a defendel-o com emoção*» — «*podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur, para estar de accordo com o que pensava*».

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

gnidade, como se a existencia d'ella os humilhasse.

E' por essa mesma estupidez, e esta mesma complexa vileza, que o manifesto dos estudantes, sendo que é de jovens, é entristecedor. Moços, cuja intelligencia deveria ser, não porcerto disciplinada, porém alacre e disperta, rastejam assim na imbecilidade. Jovens, cuja moral devia peccar só pelos defeitos do impulso e da precipitação, mostram-nos, no emprego da subtileza baixa, da deshonestidade da intelligencia e do calculo sordido, os vicios menos desculpaveis da decrepitude.

De resto, terão elles culpa? Fortes, como estão, com a força alheia, cujo appoio os torna representantes e symbolos d'ella, esta vasa do liberalismo e da democracia é já o transbordar das forças desintegrantes, de cuja acção provém a nossa miseria nacional. Sim, elles não são elles-proprios: são o ambiente que os produziu. São bem o resultado da Monarchia dos Braganças e da Republica Portugueza. São bem o producto de uma sociedade em que varios seculos de educação fradesca e jesuitica prepararam, pela annullação do espirito critico e scientifico, o advento das idéas «liberaes»; em a qual, portanto, a estagnação da intelligencia se completou, como era logico, com a perversão do caracter e a ruina da ordem.

*

É em parte por isto — por serem estes estudantes, sobretudo na acção d'elles que apprecio, o symbolo vivo d'esta sociedade — que de certo modo vale o exforço a publicação d'este protesto, cuja intenção os transcende. É isto um dever social. No que não é por isto, convém escrevel-o para que, d'aquella calumnia de que sempre fica alguma cousa, possa ficar um pouco menos que se elle se não escrevera. É isto um dever moral. Nem é descabido que se aproveite a opportunidade para protestar tambem — o que em grande parte d'este escripto está implicito — contra o complexo desrespeito pela sciencia que ha no emprego da psychiatria para fins de insulto. É isto um dever intellectual.

E se houver alguem do publico a quem em algum grau convencesse o manifesto dos estudantes, com breves palavras se lhe tira essa illusão da ignorancia.

Pretendem os estudantes provar que o dr. Raul Leal é um paranoico com delirio das grandezas; serve de unica razão comprehensivel d'esse «diagnostico» a presença, que allegam, no manifesto

lhe vemos, para fazel-a. Que diriamos, porém, se esse mesmo homem de genio manifestasse esse mesmo orgulho, do mesmo modo legitimo porque o homem é o mesmo, antes que o reconhecessemos como genio? Tel-o-hiamos, talvez, por louco. Assim, muitas vezes, o que nos parece a loucura dos outros não é mais que a nossa propria incomprehensão.

Como sabem os estudantes, como sabe quem quer que seja, se o orgulho desmedido do dr. Raul Leal não é illegitimo hoje só para ter sido sempre legitimo ámanhã? Acham excessivo, mesmo como doença, o aspecto d'esse orgulho? Acham sophistica a demonstração de que não é louco quem diz que quer fundar uma nova religião, «o terceiro reino divino»?

Por muitos que sejam os symptomas de desequilibrio que uma psychiatria justa possa encontrar no dr. Raul Leal, não são tantos quantos os symptomas de loucura, de degeneração, de perversão intellectual e moral que um psychiatra eminente, o dr. Binet-Sanglé, encontrou na pessoa de Jesus Christo, o qual, comtudo, fundou uma religião, como mesmo os estudantes de Lisboa devem saber.

Os trez volumes intitulados *La Folie de Jésus* constituem, sem duvida, um exemplo de probidade clinica e de exposição psychiatrica. Nelles podem os estudantes apprender, lendo, como se demonstra um caso de loucura. Fechados elles, porém, podem apprender, reflectindo, que é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.

*

Disse o que tinha que dizer. Conclúo saudando, que assim manda a tradição.

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais — porque não posso desejar melhor — de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, prestolhe esta, simples e clara, não só da minha amisade, que não tem limites, mas tambem da minha admiração pelo seu alto genio especulativo e metaphysico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tel-o por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, differentes e sósinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

FERNANDO PESSOA.

12/6/1930.

214

L. de D.

Ha momentos em que tudo cansa, até o que nos repousaria. O que nos cansa porque nos cansa; o que nos repousaria porque a idéa de o obter nos cansa. Ha abatimentos da alma abaixo de toda a angustia e de toda a dor; creio que os não conhecem senão os que se furtam ás angustias e ás dores humanas, e teem diplomacia comsigo mesmos para se esquivar ao proprio tedio. Reduzindo-se, assim, a seres couraçados contra o mundo, não admira que, em certa altura da sua consciencia de si-mesmos, lhes pesa de repente o vulto inteiriço da couraça, e a vida lhes seja uma angustia ás avessas, uma dor perdida.

Estou em um d'esses momentos, e escrevo estas linhas como quem quer ao menos saber que vive. Todo o dia, até agora, trabalhei como um somnolento, fazendo contas por processos de sonho, escrevendo ao longe do meu torpor. Todo o dia me senti pesar a vida sobre os olhos e contra as temporas - somno nos olhos, pressão para fóra nas temporas, consciencia de tudo isso no estomago, nausea e desalento.

Viver parece-me um erro metaphysico da materia, um descuido da inacção. Nem olho o dia, para ver o que elle tem que me distraia de mim, e, escrevendo-o eu aqui em descripção, tape com palavras a chicara vazia do meu não me querer. Nem olho o dia, e ignoro com as costas dobradas se é sol ou falta de sol o que está lá fóra na rua subjectivamente triste, na rua deserta onde está passando o som de gente. Ignoro tudo e doe-me o peito. Parei de trabalhar e não quero mexer-me de aqui. Estou olhando para o mata-borrão branco sujo, que alastra, pregado aos cantos, por sobre a grande edade da secretaria inclinada. Fito attentamente os rabiscos de absorpção e distracção que estão borrados nelle. Varias vezes a minha assignatura ás avessas e ao invez. Alguns numeros aqui e alli, assim mesmo. Uns desenhos de nada, feitos pela minha desattenção. Olho a tudo isto como um aldeão de mata-borrões, com uma attenção de quem olha novidades, com todo o cerebro inerte por traz dos centros cerebraes que promovem a visão.

Tenho mais somno intimo do que cabe em mim. E não quero nada, não prefiro nada, não ha nada a que fugir.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. & D.

215

18/5/1930

Viver é ser outro. Nem sentir é possível
a hoje se sente como hontem se sentiu: sentir
hoje o mesmo que hontem não é sentir — é
lembrar hoje o que se sentiu hontem, ser hoje o
cadaver vivo de que hontem foi a vida perdida.

Apagar todo o quadro de um dia para
outro, ser novo com cada nova madrugada —
suprema recrijenidade perpetua da emoção —
isto, e só isto, vale a pena: ser ou ter o pé imperfeitamente
sobre o mundo. Nunca ter sido amanhecendo
para branco quente pousar assim no —
fauno que a corrente deste encanto dia
de olhos vidrados o silencio que vem na luz
crescente. — Nunca como este hoje, nem
este luz, nem este mar ser. Quanto o que
for será outra coisa, e o que eu for será
visto por olhos recompostos, cheios de
uma nova visão.

Altos muros de cidade! Grandes ar-
chitecturas ~~de fora~~ ~~muros~~ de vidro
luz vossos regaços e engrandecem-
os valamentos de edifícios. Vivamente
amantes, pra a luz face de sombra —

Para [illegible] — Hoje sou [illegible] Pessoa
[illegible] como um [illegible] Pessoa
[illegible] Pessoa

se ter provado a existencia da psychose; em verdade, nada se provou, pelo menos do que se insinua. Tão estupido, porém, é o auctor do manifesto dos estudantes que, podendo fazer isso facilmente, e sem mais sophisma que o de origem, com o mafesto do dr. Raul Leal — porque é facil fazel-o com todo documento singular e complexo —, tem comtudo que servir-se de phrases truncadas, de citações portanto ficticias, para dar ao seu escripto um ar de verdade. Nem esqueça aquella attribuição ao dr. Raul Leal de «um curioso excesso de memoria», pormenor clinico transcripto sem que d'elle haja applicação possivel a qualquer ponto do manifesto; a não ser que haja «excesso de memoria» em alguem se não esquecer que passou quatro annos de miseria.

Peor que a estupidez do manifesto, consubstanciada porém com ella, é a sua sordida vileza. O dr. Arthur Leitão, em seu opusculo, servia-se, ao menos, de phrases do conselheiro João Franco. Os estudantes servem-se de partes de phrases do dr. Raul Leal. Como as phrases inteiras lhes não servem, truncam-as, de modo que sirvam. E assim fazem a sua demonstração por meio de idéas que o dr. Raul Leal não manifestou, sendo que manifestou as contrarias. Exponho um exemplo. O dr. Raul Leal escreveu, em seu manifesto, este paragrapho:

Antes d'esses quatro annos em que puz bem á prova o meu caracter, convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo. Cheguei a defendel-o com emoção. Pois quando veiu a occasião de pôr em pratica as minhas «theorias», subiu-me pela alma um nojo tão grande, uma aversão tão poderosa a todos os abandalhamentos e crimes, que, podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur para estar de accordo com o que pensava, preferi ser verdadeiramente um puro, um immaculado. E foi então que vi Deus...

Os estudantes transcrevem d'este modo, aos bocados:

«*Convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo*» — «*cheguei a defendel-o com emoção*» — «*podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur, para estar de accordo com o que pensava*».

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

gnidade, como se a existencia d'ella os humilhasse.

E' por essa mesma estupidez, e esta mesma complexa vileza, que o manifesto dos estudantes, sendo que é de jovens, é entristecedor. Moços, cuja intelligencia deveria ser, não porcerto disciplinada, porém alacre e disperta, rastejam assim na imbecilidade. Jovens, cuja moral devia peccar só pelos defeitos do impulso e da precipitação, mostram-nos, no emprego da subtileza baixa, da deshonestidade da intelligencia e do calculo sordido, os vicios menos desculpaveis da decrepitude.

De resto, terão elles culpa? Fortes, como estão, com a força alheia, cujo appoio os torna representantes e symbolos d'ella, esta vasa do liberalismo e da democracia é já o transbordar das forças desintegrantes, de cuja acção provém a nossa miseria nacional. Sim, elles não são elles-proprios: são o ambiente que os produziu. São bem o resultado da Monarchia dos Braganças e da Republica Portugueza. São bem o producto de uma sociedade em que varios seculos de educação fradesca e jesuitica prepararam, pela annullação do espirito critico e scientifico, o advento das idéas «liberaes»; em a qual, portanto, a estagnação da intelligencia se completou, como era logico, com a perversão do caracter e a ruina da ordem.

*

É em parte por isto — por serem estes estudantes, sobretudo na acção d'elles que apprecio, o symbolo vivo d'esta sociedade — que de certo modo vale o exforço a publicação d'este protesto, cuja intenção os transcende. É isto um dever social. No que não é por isto, convém escrevel-o para que, d'aquella calumnia de que sempre fica alguma cousa, possa ficar um pouco menos que se elle se não escrevera. É isto um dever moral. Nem é descabido que se aproveite a opportunidade para protestar tambem — o que em grande parte d'este escripto está implicito — contra o complexo desrespeito pela sciencia que ha no emprego da psychiatria para fins de insulto. É isto um dever intellectual.

E se houver alguem do publico a quem em algum grau convencesse o manifesto dos estudantes, com breves palavras se lhe tira essa illusão da ignorancia.

Pretendem os estudantes provar que o dr. Raul Leal é um paranoico com delirio das grandezas; serve de unica razão comprehensivel d'esse «diagnostico» a presença, que allegam, no manifesto lhe vemos, para fazel-a. Que diriamos, porém, se esse mesmo homem de genio manifestasse esse mesmo orgulho, do mesmo modo legitimo porque o homem é o mesmo, antes que o reconhecessemos como genio? Tel-o-hiamos, talvez, por louco. Assim, muitas vezes, o que nos parece a loucura dos outros não é mais que a nossa propria incomprehensão.

Como sabem os estudantes, como sabe quem quer que seja, se o orgulho desmedido do dr. Raul Leal não é illegitimo hoje só para ter sido sempre legitimo ámanhã? Acham excessivo, mesmo como doença, o aspecto d'esse orgulho? Acham sophistica a demonstração de que não é louco quem diz que quer fundar uma nova religião, «o terceiro reino divino»?

Por muitos que sejam os symptomas de desequilibrio que uma psychiatria justa possa encontrar no dr. Raul Leal, não são tantos quantos os symptomas de loucura, de degeneração, de perversão intellectual e moral que um psychiatra eminente, o dr. Binet-Sanglé, encontrou na pessoa de Jesus Christo, o qual, comtudo, fundou uma religião, como mesmo os estudantes de Lisboa devem saber.

Os trez volumes intitulados *La Folie de Jésus* constituem, sem duvida, um exemplo de probidade clinica e de exposição psychiatrica. Nelles podem os estudantes apprender, lendo, como se demonstra um caso de loucura. Fechados elles, porém, podem apprender, reflectindo, que é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.

*

Disse o que tinha que dizer. Conclúo saudando, que assim manda a tradição.

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais — porque não posso desejar melhor — de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, prestolhe esta, simples e clara, não só da minha amisade, que não tem limites, mas tambem da minha admiração pelo seu alto genio especulativo e metaphysico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tel-o por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, differentes e sósinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

FERNANDO PESSOA.

14/5/1930.

L. do D.

216

Reconhecer a realidade como uma fórma da illusão, e a illusão como uma fórma da realidade, é egualmente necessario e egualmente inutil. A vida contemplativa, para sequer existir, tem que considerar os accidentes objectivos como premissas dispersas de uma conclusão inattingivel; mas tem ao mesmo tempo que considerar as contigencias do sonho como em certo modo dignas de aquella attenção a ellas, pela qual nos tornamos contemplativos.

Qualquer coisa, conforme se considera, é um assombro ou um estorvo, um tudo ou um nada, um caminho ou uma preoccupação. Consideral-a cada vez de um modo differente é renoval-a, multiplical-a por si mesma. É porisso que o espirito contemplativo que nunca sahiu da sua aldeia tem comtudo á sua ordem o universo inteiro. Numa cella ou num deserto está o infinito. Numa pedra dorme-se cosmicamente.

Ha, porém, occasiões da meditação - e a todos quantos meditam ellas chegam - em que tudo está gasto, tudo velho, tudo visto, ainda que esteja por ver. Porque, por mais que meditemos qualquer coisa, e, meditando-a a transformemos, nunca a transformamos em qualquer coisa que não seja substancia de meditação. Chega-nos então a ansia da vida, de conhecer sem ser com o conhecimento, de meditar só com os sentidos ou pensar de um modo tactil ou sensivel, de dentro do objecto pensado, como se fôssemos agua e elle esponja. Então tambem temos a hossa noite, e o consaço de todas as emoções aprofunda-se com serem emoções do pensamento, já de si profundas. Mas é uma noite sem repouso, sem luar, sem estrellas, uma noite como se tudo houvesse sido virado do avesso - o infinito tornado interior e apertado, o dia feito forro negro de um trajo desconhecido.

Mais vale, sim, mais vale sempre ser a lesma humana que ama e desconhece, a sanguesuga que é repugnante sem o saber. Ignorar como vida! sentir como esquecimento! Que episodios perdidos na esteira verde branca das naus idas, como um cuspo frio do leme alto a servir de nariz sob os olhos das camaras velhas!

BIBLIOTECA NACIONAL

15/5/1930.

217

L. do D.

Uma vista breve de campo, por cima de um muro dos arredores, liberta-me mais completamente do que uma viagem inteira libertaria outro. Todo ponto de visão é um apice de uma ~~xxx~~ pyramide invertida, cuja base é indeterminavel.

Houve tempo em que me irritavam aquellas cousas que hoje me fazem sorrir. E uma d'ellas, que quasi todos os dias me lembram, é a insistencia com que os homens quotidianos e activos na vida sorriem dos poetas e dos artistas. Nem sempre o fazem, como crêem os pensadores dos jornaes, com um ar de superioridade. Muitas vezes o fazem com carinho. Mas é sempre como quem acarinha uma creança, alguem alheio á certeza e á exactidão da vida.

Isto irritava-me anti amente, porque suppunha, como os ingenuos, e eu era ingenuo, que esse sorriso dado ás preoccupações de sonhar e dizer era um effluvio de uma sensação intima de superioridade. É ~~xxxxx~~ sòmente um estalido de differença. E, se antigamente eu considerava esse sorriso como um insulto, porque implicasse uma superioridade, hoje considero-o como uma duvida inconsciente; como os homens adultos muitas vezes reconhecem nas creanças uma agudeza de espirito superior á propria, assim nos reconhecem, a nós que sonhamos e o dizemos, uma qualquer coisa differente de que elles desconfiam como extranha. Quero crer que, muitas vezes, os mais intelligentes d'elles entrevejam a nossa superioridade; e então sorriem superiormente, para esconder que a entrevêem.

Mas essa nossa superioridade não consiste naquillo que tantos sonhadores teem considerado como a superioridade propria. O sonhador não é superior ao homem activo porque o sonho seja superior á realidade. A superioridade do sonhador consiste em que sonhar é muito mais practico que viver, e em que o sonhador extrahe da vida um prazer muito mais vasto e muito mais variado do que o homem de acção. Em melhores e mais directas palavras, o sonhador é que é o homem de acção.

Sendo a vida essencialmente um estado mental, e tudo, quanto fazemos ou ~~xx~~ pensamos, valido para nós na proporção em que o pensamos valido, depende de nós a valorização. O sonhador é um emissor de notas, e as notas que emitte correm na cidade do seu espirito ~~xxxx~~ do mesmo modo que as da realidade. Que me importa que o papel-moeda da minha alma nunca seja convertivel em ouro, se não ha ouro nunca na alchimia facticia da vida? Depois de todos nós vem o diluvio, mas é só depois de todos nós. Melhores, e mais felizes, os que, reconhecendo a ficção de tudo, fazem o romance antes que elle lhes seja feito, e, como Machiavelli, vestem os trajos da corte para escrever ~~[illegible] prosa~~ em segredo.

BIBLIOTECA NACIONAL

3-6(

L. n D.

18/6-/192.

218

Passei hum dia inteiro, momentos me-
lancolicos com relação, ao passado pu dei,
de vida, a hum dia dum ano. Todos
os pensamentos, que têm ~~feito~~ passado, hamem,
~~todos os condoens~~ que têm, bastado os
fez todos os amores pu os homens tem
deixado de viver, passaram por minha
mente, como um dia mau de
pistema, uma minha meditação andada
a' beira - mar.

Soffri em mim, comigo, as soffrimen
de todos os dias, a comigo passaram, é
fiquei amiga do mar, as desordens de
todos os tempos. O pu os homens pujeram
e hão fazer ai, é pu as almas foram
e as ~~mancas~~ ninguem dirá — é todo it
a fronteira a alma desnúd compu passei
d'ante a' beira-mar. E pu as amantes
estranharam as outras amantes, e pu
a multidão compu do riacho a fugir
aquí'ama, e pu a mãe pensando pu fôra pu
não teve, e qui teve fúria a' dum sorriso
ou numa expectativa d'el, numa tempu teve ou
fi-ose ou numa amoeas pu falta - hei
isso, ao mar passeei a' beira-mar. Foi
comigo e volta comigo, e os ondas
magoamente o acompanhamento fun em fogir
[illegible].

BIBLIOTECA NACIONAL

se ter provado a existencia da psychese; em verdade, nada se provou, pelo menos do que se insinua. Tão estupido, porém, é o auctor do manifesto dos estudantes que, podendo fazer isso facilmente, e sem mais sophisma que o de origem, com o mafesto do dr. Raul Leal — porque é facil fazel-o com todo documento singular e complexo —, tem comtudo que servir-se de phrases truncadas, de citações portanto ficticias, para dar ao seu escripto um ar de verdade. Nem esqueça aquella attribuição ao dr. Raul Leal de «um curioso excesso de memoria», pormenor clinico transcripto sem que d'elle haja applicação possivel a qualquer ponto do manifesto; a não ser que haja «excesso de memoria» em alguem se não esquecer que passou quatro annos de miseria.

Peor que a estupidez do manifesto, consubstanciada porém com ella, é a sua sordida vileza. O dr. Arthur Leitão, em seu opusculo, servia-se, ao menos, de phrases do conselheiro João Franco. Os estudantes servem-se de partes de phrases do dr. Raul Leal. Como as phrases inteiras lhes não servem, truncam-as, de modo que sirvam. E assim fazem a sua demonstração por meio de idéas que o dr. Raul Leal não manifestou, sendo que manifestou as contrarias. Exponho um exemplo. O dr. Raul Leal escreveu, em seu manifesto, este paragrapho:

Antes d'esses quatro annos em que puz bem á prova o meu caracter, convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo. Cheguei a defendel-o com emoção. Pois quando veiu a occasião de pôr em pratica as minhas «theorias», subiu-me pela alma um nojo tão grande, uma aversão tão poderosa a todos os abandalhamentos e crimes, que, podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur para estar de accordo com o que pensava, preferi ser verdadeiramente um puro, um immaculado. E foi então que vi Deus...

Os estudantes transcrevem d'este modo, aos bocados:

«*Convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo*» — «*cheguei a defendel-o com emoção*» — «*podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur, para estar de accordo com o que pensava*».

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

gnidade, como se a existencia d'ella os humilhasse.

E' por essa mesma estupidez, e esta mesma complexa vileza, que o manifesto dos estudantes, sendo que é de jovens, é entristecedor. Moços, cuja intelligencia deveria ser, não porcerto disciplinada, porém alacre e disperta, rastejam assim na imbecilidade. Jovens, cuja moral devia peccar só pelos defeitos do impulso e da precipitação, mostram-nos, no emprego da subtileza baixa, da deshonestidade da intelligencia e do calculo sordido, os vicios menos desculpaveis da decrepitude.

De resto, terão elles culpa? Fortes, como estão, com a força alheia, cujo appoio os torna representantes e symbolos d'ella, esta vasa do liberalismo e da democracia é já o transbordar das forças desintegrantes, de cuja acção provém a nossa miseria nacional. Sim, elles não são elles-proprios: são o ambiente que os produziu. São bem o resultado da Monarchia dos Braganças e da Republica Portugueza. São bem o producto de uma sociedade em que varios seculos de educação fradesca e jesuitica prepararam, pela annullação do espirito critico e scientifico, o advento das idéas «liberaes»; em a qual, portanto, a estagnação da intelligencia se completou, como era logico, com a perversão do caracter e a ruina da ordem.

*

É em parte por isto — por serem estes estudantes, sobretudo na acção d'elles que apprecio, o symbolo vivo d'esta sociedade — que de certo modo vale o exforço a publicação d'este protesto, cuja intenção os transcende. É isto um dever social. No que não é por isto, convém escrevel-o para que, d'aquella calumnia de que sempre fica alguma cousa, possa ficar um pouco menos que se elle se não escrevera. É isto um dever moral. Nem é descabido que se aproveite a opportunidade para protestar tambem — o que em grande parte d'este escripto está implicito — contra o complexo desrespeito pela sciencia que ha no emprego da psychiatria para fins de insulto. É isto um dever intellectual.

E se houver alguem do publico a quem em algum grau convencesse o manifesto dos estudantes, com breves palavras se lhe tira essa illusão da ignorancia.

Pretendem os estudantes provar que o dr. Raul Leal é um paranoico com delirio das grandezas; serve de unica razão comprehensivel d'esse «diagnostico» a presença, que allegam, no manifesto lhe vemos, para fazel-a. Que diriamos, porém, se esse mesmo homem de genio manifestasse esse mesmo orgulho, do mesmo modo legitimo porque o homem é o mesmo, antes que o reconhecessemos como genio? Tel-o-hiamos, talvez, por louco. Assim, muitas vezes, o que nos parece a loucura dos outros não é mais que a nossa propria incomprehensão.

Como sabem os estudantes, como sabe quem quer que seja, se o orgulho desmedido do dr. Raul Leal não é illegitimo hoje só para ter sido sempre legitimo ámanhã? Acham excessivo, mesmo como doença, o aspecto d'esse orgulho? Acham sophistica a demonstração de que não é louco quem diz que quer fundar uma nova religião, «o terceiro reino divino»?

Por muitos que sejam os symptomas de desequilibrio que uma psychiatria justa possa encontrar no dr. Raul Leal, não são tantos quantos os symptomas de loucura, de degeneração, de perversão intellectual e moral que um psychiatra eminente, o dr. Binet-Sanglé, encontrou na pessoa de Jesus Christo, o qual, comtudo, fundou uma religião, como mesmo os estudantes de Lisboa devem saber.

Os trez volumes intitulados *La Folie de Jésus* constituem, sem duvida, um exemplo de probidade clinica e de exposição psychiatrica. Nelles podem os estudantes apprender, lendo, como se demonstra um caso de loucura. Fechados elles, porém, podem apprender, reflectindo, que é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.

*

Disse o que tinha que dizer. Conclúo saudando, que assim manda a tradição.

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais — porque não posso desejar melhor — de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, presto-lhe esta, simples e clara, não só da minha amisade, que não tem limites, mas tambem da minha admiração pelo seu alto genio especulativo e metaphysico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tel-o por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, differentes e sósinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

FERNANDO PESSOA.

219

Sans ~~quem~~ saõ sans, e a vida é
~~prompta~~ e triste. O sam dos anos a' noite
é um sam da morte; o quantos o anunciam
da ~~propria~~ propria alma, como a esperança
custam lo a sahir no meio em um mar
sondo de esperança funda! Que logrimas
chamaram o que Athenas, que logrimas
pensaram o que conseguiram! E tudo isto,
os poucos a' beira-mar, a me tormam
o segredo da vida e a confidencia d
algum. Quantos sonhos! Quantos ~~um~~
enganados! Que nada sobre em mim,
~~da vida~~ da sonho ~~sonho~~, ~~nem~~ ~~mais~~ pelos praias
Que os sentidos nos alagamentos da
emoção!

Aquillo que a ~~dôr~~ tende, aquillo que se
deveria ter pensado, aquillo que se deve
satisfez por cima, o que ainda
e pensamos e, depois de pensar, vemos, ou
mando-o por tal o pensado, por o que
poderiamos acaso; o que julgavamos
que pensavamos quando sentiamos! O
que ha uma memoria e ha uma
que ha uma emoção; e o nada
vasio lá, sumindo e fino, d'onde
fundo de tudo a vida a ~~vida~~ a ~~vida~~
foi ou passou, no ~~fundo~~ meio nocturno
o mar pensou a' beira-mar.

BIBLIOTECA NACIONAL

se ter provado a existencia da psychose; em verdade, nada se provou, pelo menos do que se insinua. Tão estupido, porém, é o auctor do manifesto dos estudantes que, podendo fazer isso facilmente, e sem mais sophisma que o de origem, com o mafesto do dr. Raul Leal — porque é facil fazel-o com todo documento singular e complexo —, tem comtudo que servir-se de phrases truncadas, de cifações portanto ficticias, para dar ao seu escripto um ar de verdade. Nem esqueça aquella attribuição ao dr. Raul Leal de «um curioso excesso de memoria», pormenor clinico transcripto sem que d'elle haja applicação possivel a qualquer ponto do manifesto; a não ser que haja «excesso de memoria» em alguem se não esquecer que passou quatro annos de miseria.

Peor que a estupidez do manifesto, consubstanciada porém com ella, é a sua sordida vileza. O dr. Arthur Leitão, em seu opusculo, servia-se, ao menos, de phrases do conselheiro João Franco. Os estudantes servem-se de partes de phrases do dr. Raul Leal. Como as phrases inteiras lhes não servem, truncam-as, de modo que sirvam. E assim fazem a sua demonstração por meio de idéas que o dr. Raul Leal não manifestou, sendo que manifestou as contrarias. Exponho um exemplo. O dr. Raul Leal escreveu, em seu manifesto, este paragrapho:

Antes d'esses quatro annos em que puz bem á prova o meu caracter, convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo. Cheguei a defendel-o com emoção. Pois quando veiu a occasião de pôr em pratica as minhas «theorias», subiu-me pela alma um nojo tão grande, uma aversão tão poderosa a todos os abandalhamentos e crimes, que, podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur para estar de accordo com o que pensava, preferi ser verdadeiramente um puro, um immaculado. E foi então que vi Deus...

Os estudantes transcrevem d'este modo, aos bocados:

«*Convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo*» — «*cheguei a defendel-o com emoção*» — «*podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur, para estar de accordo com o que pensava*».

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

gnidade, como se a existencia d'ella os humilhasse.

E' por essa mesma estupidez, e esta mesma complexa vileza, que o manifesto dos estudantes, sendo que é de jovens, é entristecedor. Moços, cuja intelligencia deveria ser, não porcerto disciplinada, porém alacre e disperta, rastejam assim na imbecilidade. Jovens, cuja moral devia peccar só pelos defeitos do impulso e da precipitação, mostram-nos, no emprego da subtileza baixa, da deshonestidade da intelligencia e do calculo sordido, os vicios menos desculpaveis da decrepitude.

De resto, terão elles culpa? Fortes, como estão, com a força alheia, cujo appoio os torna representantes e symbolos d'ella, esta vasa do liberalismo e da democracia é já o transbordar das forças desintegrantes, de cuja acção provém a nossa miseria nacional. Sim, elles não são elles-proprios: são o ambiente que os produziu. São bem o resultado da Monarchia dos Braganças e da Republica Portugueza. São bem o producto de uma sociedade em que, varios seculos de educação fradesca e jesuitica prepararam, pela annullação do espirito critico e scientifico, o advento das idéas «liberaes»; em a qual, portanto, a estagnação da intelligencia se completou, como era logico, com a perversão do caracter e a ruina da ordem.

*

É em parte por isto — por serem estes estudantes, sobretudo na acção d'elles que apprecio, o symbolo vivo d'esta sociedade — que de certo modo vale o exforço a publicação d'este protesto, cuja intenção os transcende. É isto um dever social. No que não é por isto, convém escrevel-o para que, d'aquella calumnia de que sempre fica alguma cousa, possa ficar um pouco menos que se elle se não escrevera. É isto um dever moral. Nem é descabido que se aproveite a opportunidade para protestar tambem — o que em grande parte d'este escripto está implicito — contra o complexo desrespeito pela sciencia que ha no emprego da psychiatria para fins de insulto. É isto um dever intellectual.

E se houver alguem do publico a quem em algum grau convencesse o manifesto dos estudantes, com breves palavras se lhe tira essa illusão da ignorancia.

Pretendem os estudantes provar que o dr. Raul Leal é um paranoico com delirio das grandezas; serve de unica razão comprehensivel d'esse «diagnostico» a presença, que allegam, no manifesto

lhe vemos, para fazel-a. Que diriamos, porém, se esse mesmo homem de genio manifestasse esse mesmo orgulho, do mesmo modo legitimo porque o homem é o mesmo, antes que o reconhecessemos como genio? Tel-o-hiamos, talvez, por louco. Assim, muitas vezes, o que nos parece a loucura dos outros não é mais que a nossa propria incomprehensão.

Como sabem os estudantes, como sabe quem quer que seja, se o orgulho desmedido do dr. Raul Leal não é illegitimo hoje só para ter sido sempre legitimo ámanhã? Acham excessivo, mesmo como doença, o aspecto d'esse orgulho? Acham sophistica a demonstração de que não é louco quem diz que quer fundar uma nova religião, «o terceiro reino divino»?

Por muitos que sejam os symptomas de desequilibrio que uma psychiatria justa possa encontrar no dr. Raul Leal, não são tantos quantos os symptomas de loucura, de degeneração, de perversão intellectual e moral que um psychiatra eminente, o dr. Binet-Sanglé, encontrou na pessoa de Jesus Christo, o qual, comtudo, fundou uma religião, como mesmo os estudantes de Lisboa devem saber.

Os trez volumes intitulados *La Folie de Jésus* constituem, sem duvida, um exemplo de probidade clinica e de exposição psychiatrica. Nelles podem os estudantes apprender, lendo, como se demonstra um caso de loucura. Fechados elles, porém, podem apprender, reflectindo, que é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.

*

Disse o que tinha que dizer. Conclúo saudando, que assim manda a tradição.

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais — porque não posso desejar melhor — de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, presto-lhe esta, simples e clara, não só da minha amisade, que não tem limites, mas tambem da minha admiração pelo seu alto genio especulativo e metaphysico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tel-o por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, differentes e sósinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

FERNANDO PESSOA.

220 3

Quem sabe aquo o que penso, ou o que desejo?
Quem sabe o que é pensar e sentir? Quantos
e o pulso
anos a música suggere! Quantos a vida
recorda, e não foram nunca! Como uma
voz alta da vida distante ao coração e
evocação da vida sentida e sofrida e ha
um soluçar ondeado pelo ar mais sensível
fora.

Quanto morro de vida por tudo! Quanto
sítio e humano, com o coração pousado como
uma praia e todo o mar de tudo, na
vida - pr si mesmo, batendo alto, claro,
e sofrido, no meu ~~p~~ eterno pouso
nocturno e bem-vindo

BIBLIOTECA NACIONAL

se ter provado a existencia da psychose; em verdade, nada se provou, pelo menos do que se insinua. Tão estupido, porém, é o auctor do manifesto dos estudantes que, podendo fazer isso facilmente, e sem mais sophisma que o de origem, com o mafesto do dr. Raul Leal — porque é facil fazel-o com todo documento singular e complexo —, tem comtudo que servir-se de phrases truncadas, de citações portanto ficticias, para dar ao seu escripto um ar de verdade. Nem esqueça aquella attribuição ao dr. Raul Leal de «um curioso excesso de memoria», pormenor clinico transcripto sem que d'elle haja applicação possivel a qualquer ponto do manifesto; a não ser que haja «excesso de memoria» em alguem se não esquecer que passou quatro annos de miseria.

Peor que a estupidez do manifesto, consubstanciada porém com ella, é a sua sordida vileza. O dr. Arthur Leitão, em seu opusculo, servia-se, ao menos, de phrases do conselheiro João Franco. Os estudantes servem-se de partes de phrases do dr. Raul Leal. Como as phrases inteiras lhes não servem, truncam-as, de modo que sirvam. E assim fazem a sua demonstração por meio de idéas que o dr. Raul Leal não manifestou, sendo que manifestou as contrarias. Exponho um exemplo. O dr. Raul Leal escreveu, em seu manifesto, este paragrapho:

Antes d'esses quatro annos em que puz bem á prova o meu caracter, convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo. Cheguei a defendel-o com emoção. Pois quando veiu a occasião de pôr em pratica as minhas «theorias», subiu-me pela alma um nojo tão grande, uma aversão tão poderosa a todos os abandalhamentos e crimes, que, podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur para estar de accordo com o que pensava, preferi ser verdadeiramente um puro, um immaculado. E foi então que vi Deus...

Os estudantes transcrevem d'este modo, aos bocados:

«*Convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo*» — «*cheguei a defendel-o com emoção*» — «*podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur, para estar de accordo com o que pensava*».

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

gnidade, como se a existencia d'ella os humilhasse.

E' por essa mesma estupidez, e esta mesma complexa vileza, que o manifesto dos estudantes, sendo que é de jovens, é entristecedor. Moços, cuja intelligencia deveria ser, não porcerto disciplinada, porém alacre e disperta, rastejam assim na imbecilidade. Jovens, cuja moral devia peccar só pelos defeitos do impulso e da precipitação, mostram-nos, no emprego da subtileza baixa, da deshonestidade da intelligencia e do calculo sordido, os vicios menos desculpaveis da decrepitude.

De resto, terão elles culpa? Fortes, como estão, com a força alheia, cujo appoio os torna representantes e symbolos d'ella, esta vasa do liberalismo e da democracia é já o transbordar das forças desintegrantes, de cuja acção provém a nossa miseria nacional. Sim, elles não são elles-proprios: são o ambiente que os produziu. São bem o resultado da Monarchia dos Braganças e da Republica Portugueza. São bem o producto de uma sociedade em que varios seculos de educação fradesca e jesuitica prepararam, pela annullação do espirito critico e scientifico, o advento das idéas «liberaes»; em a qual, portanto, a estagnação da intelligencia se completou, como era logico, com a perversão do caracter e a ruina da ordem.

*

É em parte por isto — por serem estes estudantes, sobretudo na acção d'elles que apprecio, o symbolo vivo d'esta sociedade — que de certo modo vale o exforço a publicação d'este protesto, cuja intenção os transcende. É isto um dever social. No que não é por isto, convém escrevel-o para que, d'aquella calumnia de que sempre fica alguma cousa, possa ficar um pouco menos que se elle se não escrevera. É isto um dever moral. Nem é descabido que se aproveite a opportunidade para protestar tambem — o que em grande parte d'este escripto está implicito — contra o complexo desrespeito pela sciencia que ha no emprego da psychiatria para fins de insulto. É isto um dever intellectual.

E se houver alguem do publico a quem em algum grau convencesse o manifesto dos estudantes, com breves palavras se lhe tira essa illusão da ignorancia.

Pretendem os estudantes provar que o dr. Raul Leal é um paranoico com delirio das grandezas; serve de unica razão comprehensivel d'esse «diagnostico» a presença, que allegam, no manifesto lhe vemos, para fazel-a. Que diriamos, porém, se esse mesmo homem de genio manifestasse esse mesmo orgulho, do mesmo modo legitimo porque o homem é o mesmo, antes que o reconhecessemos como genio? Tel-o-hiamos, talvez, por louco. Assim, muitas vezes, o que nos parece a loucura dos outros não é mais que a nossa propria incomprehensão.

Como sabem os estudantes, como sabe quem quer que seja, se o orgulho desmedido do dr. Raul Leal não é illegitimo hoje só para ter sido sempre legitimo ámanhã? Acham excessivo, mesmo como doença, o aspecto d'esse orgulho? Acham sophistica a demonstração de que não é louco quem diz que quer fundar uma nova religião, «o terceiro reino divino»?

Por muitos que sejam os symptomas de desequilibrio que uma psychiatria justa possa encontrar no dr. Raul Leal, não são tantos quantos os symptomas de loucura, de degeneração, de perversão intellectual e moral que um psychiatra eminente, o dr. Binet-Sanglé, encontrou na pessoa de Jesus Christo, o qual, comtudo, fundou uma religião, como mesmo os estudantes de Lisboa devem saber.

Os trez volumes intitulados *La Folie de Jésus* constituem, sem duvida, um exemplo de probidade clinica e de exposição psychiatrica. Nelles podem os estudantes apprender, lendo, como se demonstra um caso de loucura. Fechados elles, porém, podem apprender, reflectindo, que é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.

*

Disse o que tinha que dizer. Conclúo saudando, que assim manda a tradição.

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais — porque não posso desejar melhor — de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, presto-lhe esta, simples e clara, não só da minha amisade, que não tem limites, mas tambem da minha admiração pelo seu alto genio especulativo e metaphysico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tel-o por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, differentes e sósinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

FERNANDO PESSOA.

L. do D

6/5/1931.

221

A metaphysica parece-me sempre uma fina
personificação da Razão latente. Se entendermos
verdade, vel-a-hemos; tudo [o] mais é systema e
asneiras. Basta-nos, se pensarmos, a incompleni-
tude do universo: quem comprehende-o é Deus
pensa-o, pois se tivesse a sabedoria que
não comprehende.

Traga-se a fé como um embrulho fechado com
sobre abusão. Queremos que o accento ponha-se
ahi. Traga-se a sciencia, como uma faca com
ponta, com que ~~despedaçar~~ abrirei as folhas
um livro de paginas brancas. Traga-se a Poesia
como se traz dentro de uma caixa; dos bons vi
se trazer - basta, e ella não tem razão pó?

Na falta de outro, escrevi; e uso os grandes termos
da Verdade
Cathedra conforme as exigencias da emoção. A
a emoção é clara e forte, falla, naturalmente de Deus
com Deus a emoção enquadra-se num
~~quadro intellectual~~ de a emoção é profunda,
falla, naturalmente, de Deus, e anda a angustia
humana consciente nos. E a emoção é
um pensamento, falla, naturalmente, de Destino
e assim a ~~razão~~ vai como vai, tendo o proprio texto,
como vejo o proprio rhythmo falla sempre
Deus e em Deus. Até versos posso o contrario
num declamento rhythmo, uma cadencia e mo-
ldo, e palpita-me o coração ~~amolda-se~~ e prefere-se
Deus são uma fermentação do rhythmo.

Contas vagas
em que a Razão
Deus falla
Destino
Verdade
mente de
universo.

↓ os meus sentidos

25/4/1930.

222

L. do D.

Remoinhos, redemoinhos, na futilidade fluida da vida! Na grande praça ao centro da cidade, a agua sobriamente multicolor da gente passa, desvia-se, faz pôças, abre-se em riachos, junta-se em ribeiros. Os meus olhos vêem desattentamente, e construo em mim essa imagem aquea que, melhor que qualquer outra, e porque pensei que viria chuva, se ajusta a este incerto movimentos.

Ao escrever esta ultima phrase, que para mim exactamente diz o que define, pensei que seria util pôr no fim do meu livro, quando o publicar, abaixo das "Errata" umas "Não-Errata", e dizer: a phrase "a este incerto movimentos", na pagina tal, é assim mesmo, com as vozes adjectivas no singular e o substantivo no plural. Mas que tem isto com aquillo em que estava pensando? Nada, e porisso me deixo pensal-o.

Á roda dos meios da praça, como caixas de phosphoros moveis, grandes e amarellas, em que uma creança espetasse um phosphoro queimado inclinado, para fazer de mau mastro, os carros electricos rosnam e tinem; arrancados, assobiam a ferro alto. Á roda da estatua central as pombas são migalhas pretas que se mexem, como se lhes désse um vento espalhador. Dão passinhos, gordas sobre pés pequenos.

E são sombras, sombras... (2)

223

monotonamente diversa.

Vista de perto, toda a gente é ~~apagadamente differente~~ Dizia Vieira que Frei Luiz de Sousa esrevia "o commum com singularidade". Esta gente é singular com communidade, ás avessas do estylo da Vida do Arcebispo. Tudo isto me faz pena, sendo-me todavia indifferente. Vim pararaqui sem razão, como tudo na vida.

Do lado do oriente, entrevista, a cidade argue-se quasi a prumo falso, assalta estaticamente o Castello. O sol pallido molha de um aureolar vago essa mole subita de casas, que para aqui o occulta. O céu é de um azul humidamente esbranquiçado. A chuva de hontem talvez se repita hoje, mas mais branda. O vento parece leste, talvez porque aqui mesmo, de repente, cheira vagamente ao maduro e verde do mercado occulto proximo. Do lado oriental da praça ha mais forasteiros que do outro. Como descargas alcatifadas, as portas onduladas descem para cima; não sei porquê, é assim a phrase que me transmitte aquelle som.

De repente, estou só no mundo. Vejo tudo isto do alto de um telhado espiritual mental. Estou só no mundo. Ver é estar distahte. Ver claro é parar. Analysar é ser extrangeiro. Toda a gente passa sem roçar por mim. Tenho só ar á minha volta. Sinto-me tam isolado que roço sinto a distancia entre mim e o meu fato ~~a camisa.~~ Sou uma criança, com uma palmatoria mal accesa, que atravessa, de camisa de noite, uma grande casa deserta. Vivem sombras que me cercam - só sombras, filhas dos moveis hirtos e da luz que me acompanha. Ellas me rondam, mas são gente.

monotonamente diversa.

Vista de perto, toda a gente é Dizia Vieira que Frei Luiz de Sousa escrevia "o commum com singularidade". Esta gente é singular com communidade, às avessas do estylo da Vida do Arcebispo. Tudo isto me faz pena, sendo-me todavia indifferente. Vim pararaqui sem razão, como tudo na vida.

Do lado do oriente, entrevista, a cidade argue-se quasi a prumo falso, assalta estaticamente o Castello. O sol pallido colha de um aureolar vago essa mole subita da cidade, que para aqui o occulta. O céu é de um azul humidamente esbranquiçado. A chuva de hontem talvez se repita hoje, mas mais branda. O vento parece leste, talvez por que aqui mesmo, de repente, cheira vagamente ao maduro e verde do mercado proximo. Do lado oriental da praça ha mais forasteiros que do outro. Como descargas alcatifadas, as portas onduladas descem para cima; não sei porquê, é assim a phrase que me transmitte aquelle som.

De repente, estou só no mundo. Vejo tudo isto do alto de um telhado espiritual. Estou só no mundo. Ver é estar distante. Ver claro é parar. Analysar é ser extrangeiro. Toda a gente passa sem roçar por mim. Tenho só ar à minha volta. Sinto-me tam isolado que sinto a distancia entre mim e a camisa. Sou uma criança, com uma palmatoria mal accesa, que atravessa, de camisa de noite, uma grande casa deserta. Vivem sombras que me cercam - só sombras, filhas dos moveis hirtos e da luz que me acompanha. Ellas me rondam, e são gente.

que e a alma é ~~divina.~~ Ser-se.

25/4/1930

L. do D.

224

Meditei hoje, num intervallo de sentir, na fórma de prosa de que uso. Em verdade, como escrevo? Tive, como muitos teem tido, a vontade pervertida de querer ter um systema e uma norma. É certo que escrevi antes da norma e do systema; nisso, porém, não sou differente dos outros.

Analysando-me á tarde, descubro que o meu systema de estylo assenta em dois principios, e immediatamente, e á boa maneira dos bons classicos, erijo esses dois principios em fundamentos geraes de todo estylo: dizer o que se sente exactamente como se sente - claramente, se é claro; obscuramente, se é obscuro; confusamente, se é confuso -; comprehender que a grammatica é um instrumento, e não uma lei.

Supponhamos que vejo deante de nós uma rapariga de modos masculinos. Um ente humano vulgar dirá d'ella, "Aquella rapariga parece um rapaz". Um outro entre humano vulgar, já mais proximo da consciencia de que fallar é dizer, dirá d'ella, "Aquella rapariga é um rapaz". Outro ainda, egualmente consciente dos deveres da expressão, mas mais animado do affecto pela concisão, que é a luxuria do pensamento, dirá d'ella, "Aquelle rapaz". Eu direi, "Aquella rapaz", violando a mais elementar das regras da grammatica, que manda que haja concordancia de genero, como de numero, entre a voz substantiva e a adjectiva. E terei dito bem; terei fallado fóra da chateza, da norma, e da quotidianidade.

A grammatica, definindo o uso, faz divisões legitimas e falsas. Divide os verbos em transitivos e intransitivos; porém o homem de saber dizer tem muitas vezes que converter um verbo transitivo em intransitivo para photographar o que sente, e não para, como o commum dos animaes homens, o ver ás escuras. Se quizer dizer que existo, direi "Sou". Se quizer dizer que existo como alma separada, direi "Sou eu". Mas se quizer dizer que existo como entidade que a si mesma se dirige e fórma, que exerce junto de si mesma a funcção divina de se crear, como hei de empregar o verbo "ser" senão convertendo-o subitamente em transitivo? E então, triumphalmente, anti-grammaticalmente supremo, direi, "Sou-me". Terei dito uma philosophia em duas palavras pequenas. Que preferivel não é isto a não dizer nada em quarenta phrases? (Que mais se pode exigir da philosophia e da dicção?)

Obedeça á grammatica quem não sabe pensar o que sente. Sirva-se d'ella quem sabe mandar nas suas expressões. Conta-se de Sigismundo, Rei de Roma, que, tendo, num discurso publico, commettido um erro de grammatica, respondeu a quem d'elle lhe fallou, "Sou Rei de Roma, e acima da grammatica". E a historia narra que ficou sendo conhecido nella como Sigismundo "super-grammaticam". Cada homem que sabe dizer o que diz é, em seu modo, Rei de Roma. O titulo não é mau,

BIBLIOTECA NACIONAL

3-43

225

L. de D.

Escravo do temperamento como das circumstancias, insultado pelas mulheres do homem como pela sua affeição e prem suppõem que sua —

a insultos humanos A Destino.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Penso, muitas vezes, em como eu seria se, resguardado do vento da sorte pelo ~~xxxxxx~~ biombo da riqueza, nunca houvesse sido trazido, pela mão moral de meu tio, para um escriptorio de Lisboa, nem houvesse ascendido d'elle para outros, até a este pincaro barato de bom ajudante de guarda-livros, com um trabalho como uma certa sésta e um ordenado que dá para estar a viver.

Sei bem que, se esse passado que não foi tivesse sido, eu não seria hoje o capaz de escrever estas paginas, em todo o caso melhores, por algumas, do que as nenhumas que em melhores circumstancias não teria feito mais que sonhar. É que a banalidade é uma intelligencia e a realidade, sobretudo se é estupida ou aspera, um complemento natural da alma.

Devo ao ser guarda-livros grande parte do que posso sentir e pensar como a negação e a fuga do cargo.

Se houvesse de inscrever, no logar sem lettras de resposta a um questionario, a que influencias litterarias estava grata a formação do meu espirito, abriria o espaço ponteado com o nome de Cesario Verde, mas não o fecharia sem nelle inscrever os nomes do patrão Vasques, do guarda-livros Moreira, do Vieira caixeiro de praça e do Antonio moço do escriptorio. E a todos poria, em letras magnas, o endereço LISBOA.

Vendo bem, tanto o Cesario Verde como estes foram para a minha visão do mundo coefficientes de correcção. Creio que é esta a phrase, cujo sentido exacto evidentemente ignoro, com que os engenheiros designam o tratamento que se faz á mathematica para ella poder andar até á vida. Se é, foi isso mesmo. Se não é, passe por o que poderia ser, e a intenção ~~xxxxx~~ valha pela metaphora que falhou.

Considerando, aliás, e com a clareza que posso, o que tem sido apparentemente a minha vida, vejo-a como uma coisa colorida - capa de ~~rebuçado~~ chocolate ou anilha de charuto - varrida, pela escova da ~~xxxxxxxxxxxx~~ creada que escuta de cima da, ~~xxxxxxxxx~~ toalha a ~~xxxxxxx~~ levantar para a pá de lixo das migalhas, entre as codeas da realidade propriamente dita. Destaca-se das coisas cujo destino é egual por um privilegio que vae ter á pá tambem. E a conversa dos deuses continúa por cima do escovar, indifferente a esses incidentes do serviço do mundo.

Sim, se eu tivesse sido rico, resguardado, escovado, ornamental, não teria sido bem esse breve episodio de papel bonito entre migalhas; teria ficado num prato da sorte - "não, muito obrigado" - e recolheria ao aparador para envelhecer. Assim, ~~xx xx~~ rejeitado depois de me comerem o miolo práctico, vou com o pó do que resta do corpo de Christo para o caixote do lixo, e nem imagino o que se segue, e entre que astros; mas sempre é seguir.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

227

Não sei que raça caricia, tanto mais branda quanto não é caricia, a brisa ~~vago~~ encrita da tarde me traz á fronte e á campainha. Sei sei que o telão que soffro se me ajusta melhor, um momento, como uma veste que deixei de roçar numa choça.

Sobre da sensibilidade que depende de um pequeno movimento de ar para o cumprimento, ainda que ignorasse da sua tranquilidade! Mas assim é toda sensibilidade humana, nem mais que ~~seja mais subtil~~ pese mais na balança dos seus o sinhesio subjetivamente ganho, ou o objetivamente sensível, que não para outros e fim para mim fora, neste momento, a paragem livre de uma brisa de sua continuação.

BIBLIOTECA NACIONAL

2

Como pensar em Deus. Como
sonhar de sonhar. Vejo mais clara
a objectividade de tudo. Isso com
mais comporto o sentimento estranho
da vida. E tudo isto, effectiva-
mente, porque, ao chegar quasi a
esquina, um vento no ar da tarde
me alegra a superficie da pele.

Tudo pensamos ou pensamos
nossas coisas, seus, superficiais: nos
rege a pele e ama nos chega a Deus,
e o episodio vae a ir, embora, mais fun-
da brisa que nos ar tenue vae sobre
o alheio respeito; o momento superficie
fundo-se splendidamente
Fe o poder perder tudo

23/4/92.

Resumo do movimento de contas

3-46

21/4/1930

228

L. do D.

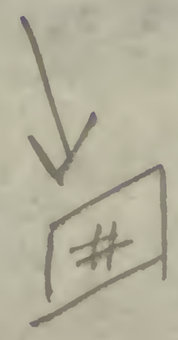
Ha sensações que são somnos, que occupam como uma nevoa toda a extensão do espirito, que não deixam pensar, que não deixam agir, que não deixam claramente ser. Como se não tivessemos dormido, sobrevive em nós qualquer cousa de sonho, e ha um torpor ao sol do dia a aquecer a superficie estagnada dos sentidos. É uma bebedeira de não ser nada, e a vontade é um balde despejado para o quintal por um movimento indolente do pé á passagem.

Olha-se mas não se vê. A longa rua movimentada de bichos humanos é uma especie de taboleta onde as lettras fôssem moveis e não quizessem dizer nada. As casas são sòmente casas. Pode-se a possibilidade de dar um sentido ao que se vê, mas vê-se bem o que é, sim.

As pancadas de martello á porta do caixoteiro soam com uma extranheza proxima. Soam grandemente separadas, cada uma com echo e sem proveito. Os ruidos das carroças parecem de dia em que vem trovoada. As vozes sahem do ar, e não de gargantas.

Não é tedio o que se sente. Não é magua o que se sente. Nem sequer é cansaço o que se sente. É uma vontade de dormir com outra personalidade, de esquecer com melhoria de vencimento. Não se sente nada, a não ser um automatismo cá em baixo, a fazer umas pernas que nos pertencem levar a bater no chão, na marcha involuntaria, uns pés que se sentem dentro dos sapatos. Nem isto se sente talvez. Á roda dos olhos e ~~para dentro dos~~ ouvidos ha um aperto de dentro.

Parece uma constipação na alma. E com a imagem litteraria de ser estar doente nasce um desejo de que a vida fôsse uma convalescença, sem andar; e a idéa de convalescença evoca as quintas dos arredores, mas lá para dentro, onde são lares, longe da rua e ~~dos carros electricos~~. Sim, não se sente nada. Passa-se conscientemente, a dormir só com a impossibilidade de dar ao corpo outra direcção, ax porta onde se deve entrar. Passa-se tudo. Que é do pandeiro, ó urso?



BIBLIOTECA NACIONAL

L. de D.

21/4/1930.

229

L. do D.

... e a consciencia sarcastica das sensações suppostas.

... ou, como na phrase simples e ampla do Livro de Job, "Minha alma está cansada de minha vida".

Leve, como uma cousa que começasse, a maresia da brisa pairou de sobre o Tejo e espalhou-se ~~xxxxxxxx~~ sujamente pelos principios da Baixa. Nauseava frescamente, num torpor de mar morno. Senti a vida no estomago, e o olfacto tornou-se-me uma coisa ~~dentro da cabeça~~. Altas, pousavam em nada nuvens ralas, rolos, ~~xxxxxxxxx~~ num cinzento a desmoronar-se para branco fal-so. A atmopshera era de ~~xxxxxxxxxxxxxxxxx~~ uma ameaça de co-barde, como de uma trovoada inaudivel, feita de ar sòmente.

Havia estagnação no proprio vôo das gaivotas; pareciam cousas mais leves que o ar, deixadas nelle por alguem. A tarde cahia num desasocego nosso; o ar refrescava ~~involuntariamente~~.

Pobres das esperanças que tenho tido, sahidas da vida que tenho tido de ter! São como esta hora e este ar, nevoas sem nevoa, alinhavos rotos de tormenta falsa. Tenho vontade de gri-tar, para acabar com a paisagem e a meditação. Mas ha maresia no meu proposito, e ~~xxx xxxxxx~~ o baixamar em mim deixou a descoberto o ne-grume lodoso que está alli fóra e não vejo senão pelo cheiro.

Tanta inconsequencia em querer bastar-se! Tanta conscien-cia sarcastica das sensações suppostas! Tanto enredo da alma com as sensações, dos pensamentos com o ar e orio, para dizer que me dóe a vida no olfacto e na ~~respiração~~, para não saber dizer, como na phrase simples e ampla do Livro de Job, "Minha alma está cançada de minha vida"!

BIBLIOTECA REGIONAL

L. n. D. 230

O peso de contar! O peso de
[de] contar!

se ter provado a existencia da psychose; em verdade, nada se provou, pelo menos do que se insinua. Tão estupido, porém, é o auctor do manifesto dos estudantes que, podendo fazer isso facilmente, e sem mais sophisma que o de origem, com o mafesto do dr. Raul Leal — porque é facil fazel-o com todo documento singular e complexo —, tem comtudo que servir-se de phrases truncadas, de citações portanto ficticias, para dar ao seu escripto um ar de verdade. Nem esqueça aquella attribuição ao dr. Raul Leal de «um curioso excesso de memoria», pormenor clinico transcripto sem que d'elle haja applicação possivel a qualquer ponto do manifesto; a não ser que haja «excesso de memoria» em alguem se não esquecer que passou quatro annos de miseria.

Peor que a estupidez do manifesto, consubstanciada porém com ella, é a sua sordida vileza. O dr. Arthur Leitão, em seu opusculo, servia-se, ao menos, de phrases do conselheiro João Franco. Os estudantes servem-se de partes de phrases do dr. Raul Leal. Como as phrases inteiras lhes não servem, truncam-as, de modo que sirvam. E assim fazem a sua demonstração por meio de idéas que o dr. Raul Leal não manifestou, sendo que manifestou as contrarias. Exponho um exemplo. O dr. Raul Leal escreveu, em seu manifesto, este paragrapho:

Antes d'esses quatro annos em que puz bem á prova o meu caracter, convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo. Cheguei a defendel-o com emoção. Pois quando veiu a occasião de pôr em pratica as minhas «theorias», subiu-me pela alma um nojo tão grande, uma aversão tão poderosa a todos os abandalhamentos e crimes, que, podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur para estar de accordo com o que pensava, preferi ser verdadeiramente um puro, um immaculado. E foi então que vi Deus...

Os estudantes transcrevem d'este modo, aos bocados:

«Convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo» — «cheguei a defendel-o com emoção» — «podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur, para estar de accordo com o que pensava».

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

gnidade, como se a existencia d'ella os humilhasse.

E' por essa mesma estupidez, e esta mesma complexa vileza, que o manifesto dos estudantes, sendo que é de jovens, é entristecedor. Moços, cuja intelligencia deveria ser, não porcerto disciplinada, porém alacre e disperta, rastejam assim na imbecilidade. Jovens, cuja moral devia peccar só pelos defeitos do impulso e da precipitação, mostram-nos, no emprego da subtileza baixa, da deshonestidade da intelligencia e do calculo sordido, os vicios menos desculpaveis da decrepitude.

De resto, terão elles culpa? Fortes, como estão, com a força alheia, cujo appoio os torna representantes e symbolos d'ella, esta vasa do liberalismo e da democracia é já o transbordar das forças desintegrantes, de cuja acção provém a nossa miseria nacional. Sim, elles não são elles-proprios: são o ambiente que os produziu. São bem o resultado da Monarchia dos Braganças e da Republica Portugueza. São bem o producto de uma sociedade em que varios seculos de educação fradesca e jesuitica prepararam, pela annullação do espirito critico e scientifico, o advento das idéas «liberaes»; em a qual, portanto, a estagnação da intelligencia se completou, como era logico, com a perversão do caracter e a ruina da ordem.

*

É em parte por isto — por serem estes estudantes, sobretudo na acção d'elles que apprecio, o symbolo vivo d'esta sociedade — que de certo modo vale o exforço a publicação d'este protesto, cuja intenção os transcende. É isto um dever social. No que não é por isto, convém escrevel-o para que, d'aquella calumnia de que sempre fica alguma cousa, possa ficar um pouco menos que se elle se não escrevera. É isto um dever moral. Nem é descabido que se aproveite a opportunidade para protestar tambem — o que em grande parte d'este escripto está implicito — contra o complexo desrespeito pela sciencia que ha no emprego da psychiatria para fins de insulto. É isto um dever intellectual.

E se houver alguem do publico a quem em algum grau convencesse o manifesto dos estudantes, com breves palavras se lhe tira essa illusão da ignorancia.

Pretendem os estudantes provar que o dr. Raul Leal é um paranoico com delirio das grandezas; serve de unica razão comprehensivel d'esse «diagnostico» a presença, que allegam, no manifesto lhe vemos, para fazel-a. Que diriamos, porém, se esse mesmo homem de genio manifestasse esse mesmo orgulho, do mesmo modo legitimo porque o homem é o mesmo, antes que o reconhecessemos como genio? Tel-o-hiamos, talvez, por louco. Assim, muitas vezes, o que nos parece a loucura dos outros não é mais que a nossa propria incomprehensão.

Como sabem os estudantes, como sabe quem quer que seja, se o orgulho desmedido do dr. Raul Leal não é illegitimo hoje só para ter sido sempre legitimo ámanhã? Acham excessivo, mesmo como doença, o aspecto d'esse orgulho? Acham sophistica a demonstração de que não é louco quem diz que quer fundar uma nova religião, «o terceiro reino divino»?

Por muitos que sejam os symptomas de desequilibrio que uma psychiatria justa possa encontrar no dr. Raul Leal, não são tantos quantos os symptomas de loucura, de degeneração, de perversão intellectual e moral que um psychiatra eminente, o dr. Binet-Sanglé, encontrou na pessoa de Jesus Christo, o qual, comtudo, fundou uma religião, como mesmo os estudantes de Lisboa devem saber.

Os trez volumes intitulados *La Folie de Jésus* constituem, sem duvida, um exemplo de probidade clinica e de exposição psychiatrica. Nelles podem os estudantes apprender, lendo, como se demonstra um caso de loucura. Fechados elles, porém, podem apprender, reflectindo, que é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.

*

Disse o que tinha que dizer. Conclúo saudando, que assim manda a tradição.

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais — porque não posso desejar melhor — de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, prestolhe esta, simples e clara, não só da minha amisade, que não tem limites, mas tambem da minha admiração pelo seu alto genio especulativo e metaphysico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tel-o por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, differentes e sósinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

FERNANDO PESSOA.

L 50 X

Respondéi sempre que me compadecem
deixem. De compadecendo-se prostituir-se.
Porque se tomam a serio como o que são
são, ignorando humanamente. Como
decerto ao naturalidade
Porque julgam indispor-me tanto como
se me roubassem ou estrangulassem. Quero
ser amigo a amigo de mim
estranhamente. Quero o vicio de me
julgarem igual a elles. Quero a
ancipação de me não distinguirem.
Ha momentos mais subtis que o gosto
pela negação do ponto de vista
mesmo. Ha supplicios intellectuaes
como o de se ser do desejo.
E d'esses, como dos outros, supplicios
ha sempre redempção

BIBLIOTECA NACIONAL

se ter provado a existencia da psychose; em verdade, nada se provou, pelo menos do que se insinua. Tão estupido, porém, é o auctor do manifesto dos estudantes que, podendo fazer isso facilmente, e sem mais sophisma que o de origem, com o mafesto do dr. Raul Leal — porque é facil fazel-o com todo documento singular e complexo —, tem comtudo que servir-se de phrases truncadas, de citações portanto ficticias, para dar ao seu escripto um ar de verdade. Nem esqueça aquella attribuição ao dr. Raul Leal de «um curioso excesso de memoria», pormenor clinico transcripto sem que d'elle haja applicação possivel a qualquer ponto do manifesto; a não ser que haja «excesso de memoria» em alguem se não esquecer que passou quatro annos de miseria.

Peor que a estupidez do manifesto, consubstanciada porém com ella, é a sua sordida vileza. O dr. Arthur Leitão, em seu opusculo, servia-se, ao menos, de phrases do conselheiro João Franco. Os estudantes servem-se de partes de phrases do dr. Raul Leal. Como as phrases inteiras lhes não servem, truncam-as, de modo que sirvam. E assim fazem a sua demonstração por meio de idéas que o dr. Raul Leal não manifestou, sendo que manifestou as contrarias. Exponho um exemplo. O dr. Raul Leal escreveu, em seu manifesto, este paragrapho:

Antes d'esses quatro annos em que puz bem á prova o meu caracter, convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo. Cheguei a defendel-o com emoção. Pois quando veiu a occasião de pôr em pratica as minhas «theorias», subiu-me pela alma um nojo tão grande, uma aversão tão poderosa a todos os abandalhamentos e crimes, que, podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur para estar de accordo com o que pensava, preferi ser verdadeiramente um puro, um immaculado. E foi então que vi Deus...

Os estudantes transcrevem d'este modo, aos bocados:

«Convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo» — «cheguei a defendel-o com emoção» — «podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur, para estar de accordo com o que pensava».

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

gnidade, como se a existencia d'ella o consentisse.

E' por essa mesma estupidez, e esta mesma complexa vileza, que o manifesto dos estudantes, sendo que é de jovens, é entristecedor. Moços, cuja intelligencia deveria ser, não porcerto disciplinada, porém alacre e disperta, rastejam assim na imbecilidade. Jovens, cuja moral devia peccar só pelos defeitos do impulso e da precipitação, mostram-nos, no emprego da subtileza baixa, da deshonestidade da intelligencia e do calculo sordido, os vicios menos desculpaveis da decrepitude.

De resto, terão elles culpa? Fortes, como estão, com a força alheia, cujo appoio os torna representantes e symbolos d'ella, esta vasa do liberalismo e da democracia é já o transbordar das forças desintegrantes, de cuja acção provém a nossa miseria nacional. Sim, elles não são elles-proprios: são o ambiente que os produziu. São bem o resultado da Monarchia dos Braganças e da Republica Portugueza. São bem o producto de uma sociedade em que varios seculos de educação fradesca e jesuitica prepararam, pela annullação do espirito critico e scientifico, o advento das idéas «liberaes»; em a qual, portanto, a estagnação da intelligencia se completou, como era logico, com a perversão do caracter e a ruina da ordem.

*

É em parte por isto — por serem estes estudantes, sobretudo na acção d'elles que apprecio, o symbolo vivo d'esta sociedade — que de certo modo vale o exforço a publicação d'este protesto, cuja intenção os transcende. É isto um dever social. No que não é por isto, convém escrevel-o para que, d'aquella calumnia de que sempre fica alguma cousa, possa ficar um pouco menos que se elle se não escrevera. É isto um dever moral. Nem é descabido que se aproveite a opportunidade para protestar tambem — o que em grande parte d'este escripto está implicito — contra o complexo desrespeito pela sciencia que ha no emprego da psychiatria para fins de insulto. É isto um dever intellectual.

E se houver alguem do publico a quem em algum grau convencesse o manifesto dos estudantes, com breves palavras se lhe tira essa illusão da ignorancia.

Pretendem os estudantes provar que o dr. Raul Leal é um paranoico com delirio das grandezas; serve de unica razão comprehensivel d'esse «diagnostico» a presença, que allegam, no manifesto me vemos, para fazel-a. Que diriamos, porém, se esse mesmo homem de genio manifestasse esse mesmo orgulho, do mesmo modo legitimo porque o homem é o mesmo, antes que o reconhecessemos como genio? Tel-o-hiamos, talvez, por louco. Assim, muitas vezes, o que nos parece a loucura dos outros não é mais que a nossa propria incomprehensão.

Como sabem os estudantes, como sabe quem quer que seja, se o orgulho desmedido do dr. Raul Leal não é illegitimo hoje só para ter sido sempre legitimo ámanhã? Acham excessivo, mesmo como doença, o aspecto d'esse orgulho? Acham sophistica a demonstração de que não é louco quem diz que quer fundar uma nova religião, «o terceiro reino divino»?

Por muitos que sejam os symptomas de desequilibrio que uma psychiatria justa possa encontrar no dr. Raul Leal, não são tantos quantos os symptomas de loucura, de degeneração, de perversão intellectual e moral que um psychiatra eminente, o dr. Binet-Sanglé, encontrou na pessoa de Jesus Christo, o qual, comtudo, fundou uma religião, como mesmo os estudantes de Lisboa devem saber.

Os trez volumes intitulados *La Folie de Jésus* constituem, sem duvida, um exemplo de probidade clinica e de exposição psychiatrica. Nelles podem os estudantes apprender, lendo, como se demonstra um caso de loucura. Fechados elles, porém, podem apprender, reflectindo, que é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.

*

Disse o que tinha que dizer. Conclúo saudando, que assim manda a tradição.

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais — porque não posso desejar melhor — de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, presto-lhe esta, simples e clara, não só da minha amisade, que não tem limites, mas tambem da minha admiração pelo seu alto genio especulativo e metaphysico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tel-o por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, differentes e sósinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

FERNANDO PESSOA.

L. 8 D

232 Flores.

Vivos ah, nem a aleva era certa
era a alcova vestida da amiga infanta
perdida! Como um nevoeiro, afasta-a
Motivadas
obtus. se ao pandes, atravessam os pas-
sos baços o mau quarto real
estudo, e este emergir das sombras,
notas e meu
como a vida e o dia, como o fumo
do cavaco em o seu rapaz S. Ch.
ete que poeira masculina de ca
Dito
levantar no corpo da mesa bata
semelante.

se ter provado a existencia da psychose; em verdade, nada se provou, pelo menos do que se insinua. Tão estupido, porém, é o auctor do manifesto dos estudantes que, podendo fazer isso facilmente, e sem mais sophisma que o de origem, com o mafesto do dr. Raul Leal — porque é facil fazel-o com todo documento singular e complexo —, tem comtudo que servir-se de phrases truncadas, de citações portanto ficticias, para dar ao seu escripto um ar de verdade. Nem esqueça aquella attribuição ao dr. Raul Leal de «um curioso excesso de memoria», pormenor clinico transcripto sem que d'elle haja applicação possivel a qualquer ponto do manifesto; a não ser que haja «excesso de memoria» em alguem se não esquecer que passou quatro annos de miseria.

Peor que a estupidez do manifesto, consubstanciada porém com ella, é a sua sordida vileza. O dr. Arthur Leitão, em seu opusculo, servia-se, ao menos, de phrases do conselheiro João Franco. Os estudantes servem-se de partes de phrases do dr. Raul Leal. Como as phrases inteiras lhes não servem, truncam-as, de modo que sirvam. E assim fazem a sua demonstração por meio de idéas que o dr. Raul Leal não manifestou, sendo que manifestou as contrarias. Exponho um exemplo. O dr. Raul Leal escreveu, em seu manifesto, este paragrapho:

Antes d'esses quatro annos em que puz bem á prova o meu caracter, convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo. Cheguei a defendel-o com emoção. Pois quando veiu a occasião de pôr em pratica as minhas «theorias», subiu-me pela alma um nojo tão grande, uma aversão tão poderosa a todos os abandalhamentos e crimes, que, podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur para estar de accordo com o que pensava, preferi ser verdadeiramente um puro, um immaculado. E foi então que vi Deus...

Os estudantes transcrevem d'este modo, aos bocados:

«Convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo» — «cheguei a defendel-o com emoção» — «podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur, para estar de accordo com o que pensava».

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

gnidade, como se a existencia d'ella os humilhasse.

E' por essa mesma estupidez, e esta mesma complexa vileza, que o manifesto dos estudantes, sendo que é de jovens, é entristecedor. Moços, cuja intelligencia deveria ser, não porcerto disciplinada, porém alacre e disperta, rastejam assim na imbecilidade. Jovens, cuja moral devia peccar só pelos defeitos do impulso e da precipitação, mostram-nos, no emprego da subtileza baixa, da deshonestidade da intelligencia e do calculo sordido, os vicios menos desculpaveis da decrepitude.

De resto, terão elles culpa? Fortes, como estão, com a força alheia, cujo appoio os torna representantes e symbolos d'ella, esta vasa do liberalismo e da democracia é já o transbordar das forças desintegrantes, de cuja acção provém a nossa miseria nacional. Sim, elles não são elles-proprios: são o ambiente que os produziu. São bem o resultado da Monarchia dos Braganças e da Republica Portugueza. São bem o producto de uma sociedade em que varios seculos de educação fradesca e jesuitica prepararam, pela annullação do espirito critico e scientifico, o advento das idéas «liberaes»; em a qual, portanto, a estagnação da intelligencia se completou, como era logico, com a perversão do caracter e a ruina da ordem.

*

É em parte por isto — por serem estes estudantes, sobretudo na acção d'elles que apprecio, o symbolo vivo d'esta sociedade — que de certo modo vale o exforço a publicação d'este protesto, cuja intenção os transcende. É isto um dever social. No que não é por isto, convém escrevel-o para que, d'aquella calumnia de que sempre fica alguma cousa, possa ficar um pouco menos que se elle se não escrevera. É isto um dever moral. Nem é descabido que se aproveite a opportunidade para protestar tambem — o que em grande parte d'este escripto está implicito — contra o complexo desrespeito pela sciencia que ha no emprego da psychiatria para fins de insulto. É isto um dever intellectual.

E se houver alguem do publico a quem em algum grau convencesse o manifesto dos estudantes, com breves palavras se lhe tira essa illusão da ignorancia.

Pretendem os estudantes provar que o dr. Raul Leal é um paranoico com delirio das grandezas; serve de unica razão comprehensivel d'esse «diagnostico» a presença, que allegam, no manifesto lhe vemos, para fazel-a. Que diriamos, porém, se esse mesmo homem de genio manifestasse esse mesmo orgulho, do mesmo modo legitimo porque o homem é o mesmo, antes que o reconhecessemos como genio? Tel-o-hiamos, talvez, por louco. Assim, muitas vezes, o que nos parece a loucura dos outros não é mais que a nossa propria incomprehensão.

Como sabem os estudantes, como sabe quem quer que seja, se o orgulho desmedido do dr. Raul Leal não é illegitimo hoje só para ter sido sempre legitimo ámanhã? Acham excessivo, mesmo como doença, o aspecto d'esse orgulho? Acham sophistica a demonstração de que não é louco quem diz que quer fundar uma nova religião, «o terceiro reino divino»?

Por muitos que sejam os symptomas de desequilibrio que uma psychiatria justa possa encontrar no dr. Raul Leal, não são tantos quantos os symptomas de loucura, de degeneração, de perversão intellectual e moral que um psychiatra eminente, o dr. Binet-Sanglé, encontrou na pessoa de Jesus Christo, o qual, comtudo, fundou uma religião, como mesmo os estudantes de Lisboa devem saber.

Os trez volumes intitulados *La Folie de Jésus* constituem, sem duvida, um exemplo de probidade clinica e de exposição psychiatrica. Nelles podem os estudantes apprender, lendo, como se demonstra um caso de loucura. Fechados elles, porém, podem apprender, reflectindo, que é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.

*

Disse o que tinha que dizer. Conclúo saudando, que assim manda a tradição.

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais — porque não posso desejar melhor — de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, prestolhe esta, simples e clara, não só da minha amisade, que não tem limites, mas tambem da minha admiração pelo seu alto genio especulativo e metaphysico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tel-o por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, differentes e sósinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

FERNANDO PESSOA.

L. V. S.

14/4/93.

233

No alto cumo dos montes naturaes temos, quando de-
gamos, a sensação do perí-
logio. Somos mais altos, de
toda a nossa Vistatura, do que o
alto dos montes. O maximo
da natureza, pelo menos na-
quelle logar, fica-nos abai-
xo dos pés. Somos, por perí-
cia, mais do mundo visual.
Em tempo de nós tudo é mais
facil: a vida é emquanto
que dure, planicie que faz,
onde o organismo é no
principio que temos.

Tudo em nós é accidente
, mudança, é ha alturas em
temos, não a temos; nós somos
mais altos no alto que a
nossa altura. Aquelle mesmo
que calcamos, no, abaixo;

BIBLIOTECA NACIONAL

Sobre um manifesto de estudantes

Foi ha dias distribuida em Lisboa, com a fórma de um manifesto de estudantes, uma estupida, vil e entristecedora *blague* contra o altissimo espirito, e o não menos alto caracter, do dr. Raul Leal, auctor de *Sodoma Divinizada* e de um manifesto recente, notavel documento de verdade e de nobreza, que, sendo dirigido aos estudantes de Lisboa, nenhuma offensa a elles contém, a não ser que dizer-lhes que estudem o seja.

Consiste a *blague* em dar por louco o dr. Raul Leal, servindo-se seus auctores do manifesto d'elle, e fazendo, por meio de phrases truncadas ou separadas aleivosamente do contexto que as remata, uma psychiatria de circo, facil a todos em quem o espirito scientifico seja nullo e a inconsciencia positiva.

A sordida brincadeira não tem o merito, até certo ponto exculpador, da novidade. O processo do ataque psychiatrico — sempre antipathico, quasi sempre facil, quasi nunca justificavel — já fôra empregado entre nós pelo dr. Arthur Leitão, que escreveu em 1907, contra o conselheiro João Franco, então presidente do conselho, o seu opusculo *Um caso de loucura epileptica*. O artificio, porém, era importado: deu-lhe origem, pelo menos notavel, o fallecido Max Nordau no seu livro celebre *Degeneração*.

Se a *blague* dos estudantes não tivesse maior defeito que o não ser nova, não haveria mister que se viesse fallar d'ella em publico. O peor é o mais que ella contém, ou, antes, denota. Disse eu que ella era estupida, vil e entristecedora. Repito-o, e vou proval-o. E' nisso que está o seu mal.

A *blague* dos estudantes é estupida, não só porque são negativos o portuguez e o lógico da sua redacção, mas tambem porque o auctor d'ella nem sequer soube effectuar seu proprio intento. Nada ha mais facil que provar por alto que qualquer é louco: basta ter que fazel-o só para quem nada entende da materia. Ao mais leigo em psychiatria — desde que nelle concorram a ausencia de escrupulos e a de espirito scientifico — é facil simular um diagnostico, encaixando em qualquer individuo apenas dois ou trez dos varios symptomas, cujo conjuncto compõe o quadro clinico de qualquer psychose. Ha toda a apparencia, para os leigos, de

Na transcripção esphacelada desapparece, assim, todo o sentido do paragrapho em seu conjuncto. E o que é nobreza e sinceridade na ligação do paragrapho completo resulta vileza e impudor quando d'elle se excluem, na transcripção ficticia, os seus elementos vitaes, o seu unico sentido.

Mais vil (se é possivel) que esta vileza, é a propria essencia do manifesto dos estudantes. Escreveram-o elles como *blague?* Ha trez cousas com que um espirito nobre, de velho ou de jovem, nunca brinca, porque o brincar com ellas é um dos signaes distinctivos da baixeza da alma: são ellas os deuses, a morte e a loucura. Se, porém, o author do manifesto o escreveu a serio, ou crê louco o dr. Raul Leal, ou, não crendo, usa o parecer crel-o para o conspurcar. Só a ultima canalha das ruas insulta um louco, e em publico. Só qualquer canalha abaixo d'essa imita esse insulto, sabendo que mente.

Ainda sobra vileza. O dr. Arthur Leitão, se escreveu um opusculo antipathico, escreveu-o comtudo contra o presidente do conselho, então dictador; atacou um homem que tinha comsigo toda a força das authoridades do Estado e da Tradição; um homem que, a ser louco, sem duvida exerceria, pelo logar que occupava, uma acção largamente nefasta.

Os estudantes são de melhor calculo. Entrincheirados simultaneamente no Governo Civil e na *Epocha* — isto é, na republica e na monarchia —, seguros porisso do appoio de toda a imprensa e da consequente difficultação de qualquer protesto, atacam e insultam confiadamente. Atacam e insultam a quem? A um homem que não os atacou, que está sosinho ou tão pouco acompanhado que é como se o estivesse, sem posição que o torne perigoso a quem o ataca, sem influencia que torne prejudicial a sua acção, suppondo que ella em sua essencia o seja. E por que foram movidos a esse insulto? Por aquillo mesmo que os devera demover, se o intentassem; por um manifesto em que sem duvida transparece uma alta intelligencia e se mostra uma altissima dignidade. Estupidos e sordidos, são porisso incapazes de conceder a possibilidade de um talento alheio que não comprehendam, ou senão de rebellar-se contra a alheia di-

d'elle de uma exaltação morbida do orgulho e de idéas de perseguição. Veremos opportunamente o que pesam éstas duas allegações. Conceda-se, por ora, que são justas. Com isso se simplificará o argumento.

Nem as idéas doentias de grandeza, nem as idéas de perseguição bastam, de per si, separadas ou juntas, para provar a paranoia. Ha mister que se manifestem de certa maneira, que se desenvolvam de certo modo, e que nellas e em seu desenrolamento haja o que se chama systematização. E, provada que não seja a paranoia, pode a morbidez mental revelada descer facilmente — e quasi sempre se verá que desce — do nivel das psychoses para o das neuropsychoses, cuja gravidade é muito menor, como a sua natureza muito differente. Tenho notado — leigo que sou — em casos de simples hystero-epilepsia a eclosão episodica e irregular de taes idéas; nunca, porém, nellas se estabelece uma coordenação tal, que simulem de perto um delirio systematizado.

No dr. Raul Leal não se revelam idéas de perseguição. No manifesto d'elle parece haver, em algumas referencias á Egreja Catholica, um esboço muito vago d'ellas. Como, porém, na sua conversação e nos actos da sua vida taes idéas *nunca* surgem, nem mesmo vagas, podemos considerar o que no manifesto as simula como menos que episodico, pormenor antes da só imaginação exaltada, sobretudo litterariamente, que da inteligencia em desvio. A exaltação morbida do orgulho e da personalidade é que nelle é manifesta e frequente. Carece, porém, de linha morbida directriz, que a constitua em delirio. E tem, talvez, ainda que doentia na sua manifestação, uma razão-de-ser que de certo modo o não é, e que de todo a differença do delirio das grandezas.

A presença ou ausencia de elementos justificativos de um orgulho excessivo é um facto primordial para se fazer juizo em casos d'estes. O orgulho desmedido, e, por desmedido, doentio, de um homem de genio não tem analogia, senão na fórma externa, com o delirio orgulhoso de um megalomano vulgar. Quando um homem de genio, cujo genio reconhecemos já, manifesta um orgulho doentio, desculpamos-lhe o excesso da affirmação pela razão, que

e, se dizes alto, e por aquillo mesmo
de pre somes mais alto.

~~Respeita-te a ti mesmo~~

Respeita-te a ti mesmo quando te
e'stes; e'stes mais livre quando
te e'stabeles; o principio ter de
um titulo a nobreza e' uma
fingida mentira. Tudo e' artificio
nos o artificio nem sempre e' nosso.
Submete-te a elle, ou luta com. os
ate' elle, ou usa-os mas não te cegue
do mente.

Grande, porem, e' o que com-
de que do valle ao ceu ou
do monte ao ceu, a distancia que
e' differença não faz differença.
Quando o Diluvio cubrio as montanhas
estavamos todos ao mesmo
nos pareceu a maldição de Deus
fora raios, como a de Jupiter,
ou ventos, como a de Eolo,
, abysmos, mas tinhamos onde
e a refugiar-nos.

Sobre um manifesto de estudantes

Foi ha dias distribuida em Lisboa, com a fórma de um manifesto de estudantes, uma estupida, vil e entristecedora *blague* contra o altissimo espirito, e o não menos alto caracter, do dr. Raul Leal, auctor de *Sodoma Divinizada* e de um manifesto recente, notavel documento de verdade e de nobreza, que, sendo dirigido aos estudantes de Lisboa, nenhuma offensa a elles contém, a não ser que dizer-lhes que estudem o seja.

Consiste a *blague* em dar por louco o dr. Raul Leal, servindo-se seus auctores do manifesto d'elle, e fazendo, por meio de phrases truncadas ou separadas dolosamente do contexto que as remata, uma psychiatria de circo, facil a todos em quem o espirito scientifico seja nullo e a inconsciencia positiva.

A sordida brincadeira não tem o merito, até certo ponto exculpador, da novidade. O processo do ataque psychiatrico — sempre antipathico, quasi sempre facil, quasi nunca justificavel — já fôra empregado entre nós pelo dr. Arthur Leitão, que escreveu em 1907, contra o conselheiro João Franco, então presidente do conselho, o seu opusculo *Um caso de loucura epileptica*. O artificio, porém, era importado: deu-lhe origem, pelo menos notavel, o fallecido Max Nordau no seu livro celebre *Degeneração*.

Se a *blague* dos estudantes não tivesse maior defeito que o não ser nova, não haveria mistér que se viesse fallar d'ella em publico. O peor é o mais que ella contém, ou, antes, denota. Disse eu que ella era estupida, vil e entristecedora. Repito-o, e vou proval-o. E' nisso que está o seu mal.

A *blague* dos estudantes é estupida, não só porque são negativos o portuguez e o lógico da sua redacção, mas tambem porque o auctor d'ella nem sequer soube effectuar seu proprio intento. Nada ha mais facil que provar por alto que qualquer é louco: basta ter que fazel-o só para quem nada entende da materia. Ao mais leigo em psychiatria — desde que nelle concorram a ausencia de escrupulos e a de espirito scientifico — é facil simular um diagnostico, encaixando em qualquer individuo apenas dois ou trez dos varios symptomas, cujo conjuncto compõe o quadro clinico de qualquer psychose. Ha toda a apparencia, para os leigos, de

Na transcripção esphacelada desapparece, assim, todo o sentido do paragrapho em seu conjuncto. E o que é nobreza e sinceridade na ligação do paragrapho completo resulta vileza e impudor quando d'elle se excluem, na transcripção ficticia, os seus elementos vitaes, o seu unico sentido.

Mais vil (se é possivel) que esta vileza, é a propria essencia do manifesto dos estudantes. Escreveram-o elles como *blague?* Ha trez cousas com que um espirito nobre, de velho ou de jovem, nunca brinca, porque o brincar com ellas é um dos signaes distinctivos da baixeza da alma: são ellas os deuses, a morte e a loucura. Se, porém, o author do manifesto o escreveu a sério, ou crê louco o dr. Raul Leal, ou, não crendo, usa o parecer crel-o para o conspurcar. Só a ultima canalha das ruas insulta um louco, e em publico. Só qualquer canalha abaixo d'essa imita esse insulto, sabendo que mente.

Ainda sobra vileza. O dr. Arthur Leitão, se escreveu um opusculo antipathico, escreveu-o comtudo contra o presidente do conselho, então dictador; atacou um homem que tinha comsigo toda a força das authoridades do Estado e da Tradição; um homem que, a ser louco, sem duvida exerceria, pelo logar que occupava, uma acção largamente nefasta.

Os estudantes são de melhor calculo. Entrincheirados simultaneamente no Governo Civil e na *Epocha* — isto é, na republica e na monarchia —, seguros porisso do appoio de toda a imprensa e da consequente difficultação de qualquer protesto, atacam e insultam confiadamente. Atacam e insultam a quem? A um homem que não os atacou, que está sosinho ou tão pouco acompanhado que é como se o estivesse, sem posição que o torne perigoso a quem o ataca, sem influencia que torne prejudicial a sua acção, suppondo que ella em sua essencia o seja. E por que foram movidos a esse insulto? Por aquillo mesmo que os devera demover, se o intentassem; por um manifesto em que sem duvida transparece uma alta intelligencia e se mostra uma altissima dignidade. Estupidos e sordidos, são porisso incapazes de conceder a possibilidade de um talento alheio que não comprehendam, ou senão de rebellar-se contra a alheia di-

d'elle de uma exaltação morbida do orgulho e de idéas de perseguição. Veremos opportunamente o que pesam estas duas allegações. Conceda-se, por ora, que são justas. Com isso se simplificará o argumento.

Nem as idéas doentias de grandeza, nem as idéas de perseguição bastam, de per si, separadas ou juntas, para provar a paranoia. Ha mister que se manifestem de certa maneira, que se desinvolvam de certo modo, e que nellas e em seu desenrolamento haja o que se chama systematização. E, provada que não seja a paranoia, pode a morbidez mental revelada descer facilmente — e quasi sempre se verá que desce — do nivel das psychoses para o das neuropsychoses, cuja gravidade é muito menor, como a sua natureza muito differente. Tenho notado — leigo que sou — em casos de simples hystero-epilepsia a eclosão episodica e irregular de taes idéas; nunca, porém, nellas se estabelece uma coordenação tal, que simulem de perto um delirio systematizado.

No dr. Raul Leal não se revelam idéas de perseguição. No manifesto d'elle parece haver, em algumas referencias á Egreja Catholica, um esboço muito vago d'ellas. Como, porém, na sua conversação e nos actos da sua vida taes idéas *nunca* surgem, nem mesmo vagas, podemos considerar o que no manifesto as simula como menos que episodico, pormenor antes da só imaginação exaltada, sobretudo litterariamente, que da inteligencia em desvio. A exaltação morbida do orgulho e da personalidade é que nelle é manifesta e frequente. Carece, porém, de linha morbida directriz, que a constitua em delirio. E tem, talvez, ainda que doentia na sua manifestação, uma razão-de-ser que de certo modo o não é, e que de todo a differença do delirio das grandezas.

A presença ou ausencia de elementos justificativos de um orgulho excessivo é um facto primordial para se fazer juizo em casos d'estes. O orgulho desmedido, e, por desmedido, doentio, de um homem de genio não tem analogia, senão na fórma externa, com o delirio orgulhoso de um megalomano vulgar. Quando um homem de genio, cujo genio reconhecemos já, manifesta um orgulho doentio, desculpamos-lhe o excesso da affirmação pela razão, que

Caro Senna é o que tem a
possibilidade de attrahir as mu-
lheres a a seguirem á sombra do
conhecimento. Ella tem, por
isso, tudo a ganhar; o tem,
por isso, tudo a perder. O mal
que fazem os preconceitos
hão para ella; e o peior
dos peiores peccados para
ella será o peior. a ambição
vulgar por que o seguem os
Outros são os que o condemnam.
Vou.

Com estas reflexões me consolo,
pois por mim não posso consolar-me
a mim. E o symbolo fundo-se-
me com a realidade quando, tem-
pos tempo e alma para
meus braços para a conhecer o Vê-
rio a alto clamor R minha explo-
são, como a flor attrahe
hoje vários R um só
+ perante.

Sobre um manifesto de estudantes

Foi ha dias distribuida em Lisboa, com a fórma de um manifesto de estudantes, uma estupida, vil e entristecedora *blague* contra o altissimo espirito e o não menos alto caracter, do dr. Raul Leal, auctor de *Sodoma Divinizada* e de um manifesto recente, notavel documento de verdade e de nobreza, que, sendo dirigido aos estudantes de Lisboa, nenhuma offensa a elles contém, a não ser que dizer-lhes que estudem o seja.

Consiste a *blague* em dar por louco o dr. Raul Leal, servindo-se seus auctores do manifesto d'elle, e fazendo, por meio de phrases truncadas ou separadas aleivosamente do contexto que as remata, uma psychiatria de circo, facil a todos em quem o espirito scientifico seja nullo e a inconsciencia positiva.

A sordida brincadeira não tem o merito, até certo ponto exculpador, da novidade. O processo do ataque psychiatrico — sempre antipathico, quasi sempre facil, quasi nunca justificavel — já fôra empregado entre nós pelo dr. Arthur Leitão, que escreveu em 1907, contra o conselheiro João Franco, então presidente do conselho, o seu opusculo *Um caso de loucura epileptica*. O artificio, porém, era importado: deu-lhe origem, pelo menos notavel, o fallecido Max Nordau no seu livro celebre *Degeneração*.

Se a *blague* dos estudantes não tivesse maior defeito que o não ser nova, não haveria mistér que se viesse fallar d'ella em publico. O peor é o mais que ella contém, ou, antes, denota. Disse eu que ella era estupida, vil e entristecedora. Repito-o, e vou proval-o. E' nisso que está o seu mal.

A *blague* dos estudantes é estupida, não só porque são negativos o portuguez e o lógico da sua redacção, mas tambem porque o auctor d'ella nem sequer soube effectuar seu proprio intento. Nada ha mais facil que provar por alto que qualquer é louco: basta ter que fazel-o só para quem nada entende da materia. Ao mais leigo em psychiatria — desde que nelle concorram a ausencia de escrupulos e a de espirito scientifico — é facil simular um diagnostico, encaixando em qualquer individuo apenas dois ou trez dos varios symptomas, cujo conjuncto compõe o quadro clinico de qualquer psychose. Ha toda a apparencia, para os leigos, de

Na transcripção esphacelada desapparece, assim, todo o sentido do paragrapho em seu conjuncto. E o que é nobreza e sinceridade na ligação do paragrapho completo resulta vileza e impudor quando d'elle se excluem, na transcripção ficticia, os seus elementos vitaes, o seu unico sentido.

Mais vil (se é possivel) que esta vileza, é a propria essencia do manifesto dos estudantes. Escreveram-o elles como *blague?* Ha trez cousas com que um espirito nobre, de velho ou de jovem, nunca brinca, porque o brincar com ellas é um dos signaes distinctivos da baixeza da alma: são ellas os deuses, a morte e a loucura. Se, porém, o author do manifesto o escreveu a serio, ou crê louco o dr. Raul Leal, ou, não crendo, usa o parecer crel-o para o conspurcar. Só a ultima canalha das ruas insulta um louco, e em publico. Só qualquer canalha abaixo d'essa imita esse insulto, sabendo que mente.

Ainda sobra vileza. O dr. Arthur Leitão, se escreveu um opusculo antipathico, escreveu-o comtudo contra o presidente do conselho, então dictador; atacou um homem que tinha comsigo toda a força das authoridades do Estado e da Tradição; um homem que, a ser louco, sem duvida exerceria, pelo logar que occupava, uma acção largamente nefasta.

Os estudantes são de melhor calculo. Entrincheirados simultaneamente no Governo Civil e na *Epocha* — isto é, na republica e na monarchia —, seguros porisso do appoio de toda a imprensa e da consequente difficultação de qualquer protesto, atacam e insultam confiadamente. Atacam e insultam a quem? A um homem que não os atacou, que está sosinho ou tão pouco acompanhado que é como se o estivesse, sem posição que o torne perigoso a quem o ataca, sem influencia que torne prejudicial a sua acção, suppondo que ella em sua essencia o seja. E por que foram movidos a esse insulto? Por aquillo mesmo que os devera demover, se o intentassem; por um manifesto em que sem duvida transparece uma alta intelligencia e se mostra uma altissima dignidade. Estupidos e sordidos, são porisso incapazes de conceder a possibilidade de um talento alheio que não comprehendam, ou senão de rebellar-se contra a alheia di-

d'elle dé uma exaltação morbida do orgulho e de idéas de perseguição. Veremos opportunamente o que pesam estas duas allegações. Conceda-se, por ora, que são justas. Com isso se simplificará o argumento.

Nem as idéas doentias de grandeza, nem as idéas de perseguição bastam, de per si, separadas ou juntas, para provar a paranoia. Ha mister que se manifestem de certa maneira, que se desinvolvam de certo modo, e que nellas e em seu desenrolamento haja o que se chama systematização. E, provada que não seja a paranoia, pode a morbidez mental revelada descer facilmente — e quasi sempre se verá que desce — do nivel das psychoses para o das neuropsychoses, cuja gravidade é muito menor, como a sua natureza muito differente. Tenho notado — leigo que sou — em casos de simples hystero-epilepsia a eclosão episodica e irregular de taes idéas; nunca, porém, nellas se estabelece uma coordenação tal, que simulem de perto um delirio systematizado.

No dr. Raul Leal não se revelam idéas de perseguição. No manifesto d'elle parece haver, em algumas referencias á Egreja Catholica, um esboço muito vago d'ellas. Como, porém, na sua conversação e nos actos da sua vida taes idéas *nunca* surgem, nem mesmo vagas, podemos considerar o que no manifesto as simula como menos que episodico, pormenor antes da só imaginação exaltada, sobretudo litterariamente, que da inteligencia em desvio. A exaltação morbida do orgulho e da personalidade é que nelle é manifesta e frequente. Carece, porém, de linha morbida directriz, que a constitua em delirio. E tem, talvez, ainda que doentia na sua manifestação, uma razão-de-ser que de certo modo o não é, e que de todo a differença do delirio das grandezas.

A presença ou ausencia de elementos justificativos de um orgulho excessivo é um facto primordial para se fazer juizo em casos d'estes. O orgulho desmedido, e, por desmedido, doentio, de um homem de genio não tem analogia, senão na fórma externa, com o delirio orgulhoso de um megalomano vulgar. Quando um homem de genio, cujo genio reconhecemos já, manifesta um orgulho doentio, desculpamos-lhe o excesso da affirmação pela razão, que

L. do D.

10/4/30.

236

A alma

Toda a vida humana é um movimento na penumbra. Vivemos, num lusco-fusco de consciência, nunca certos com o que somos ou com o que nos supomos ser. Nas melhores de nós mesmos a realidade de qualquer coisa, e de nós mesmos muito mais, nos falta. Somos sempre consoante a passagem no intervallo de um momento; por vezes, por certos pontos entrevemos o que talvez nos seja verdadeiro. Tudo o mundo é confuso, como vozes na noite.

Estas paginas que escrito com amor doirego que sejam para elles, agora mesmo a mim e me interrogo. Que é isto, — para quem é isto? Quem sou quando sonho? Que coisa morro quando sou?

Como alguem que, de muito alto, tenta distinguir as minas d'uma valle, — assim mesmo me contemplo de um cimo, e sou, com tudo, uma paysagem indistincta e confusa.

É' nestas horas de um abysmo a alma que o mais pequeno fio mesmo me oppresse como uma corda de aço.

se ter provado a existencia da psychose; em verdade, nada se provou, pelo menos do que se insinua. Tão estupido, porém, é o auctor do manifesto dos estudantes que, podendo fazer isso facilmente, e sem mais sophisma que o de origem, com o mafesto do dr. Raul Leal — porque é facil fazel-o com todo documento singular e complexo —, tem comtudo que servir-se de phrases truncadas, de citações portanto ficticias, para dar ao seu escripto um ar de verdade. Nem esqueça aquella attribuição ao dr. Raul Leal de «um curioso excesso de memoria», pormenor clinico transcripto sem que d'elle haja applicação possivel a qualquer ponto do manifesto; á não ser que haja «excesso de memoria» em alguem se não esquecer que passou quatro annos de miseria.

Peor que a estupidez do manifesto, consubstanciada porém com ella, é a sua sordida vileza. O dr. Arthur Leitão, em seu opusculo, servia-se, ao menos, de phrases do conselheiro João Franco. Os estudantes servem-se de partes de phrases do dr. Raul Leal. Como as phrases inteiras lhes não servem, truncam-as, de modo que sirvam. E assim fazem a sua demonstração por meio de idéas que o dr. Raul Leal não manifestou, sendo que manifestou as contrarias. Exponho um exemplo. O dr. Raul Leal escreveu, em seu manifesto, este paragrapho:

Antes d'esses quatro annos em que puz bem á prova o meu caracter, convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo. Cheguei a defendel-o com emoção. Pois quando veiu a occasião de pôr em pratica as minhas «theorias», subiu-me pela alma um nojo tão grande, uma aversão tão poderosa a todos os abandalhamentos e crimes, que, podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur para estar de accordo com o que pensava, preferi ser verdadeiramente um puro, um immaculado. E foi então que vi Deus...

Os estudantes transcrevem d'este modo, aos bocados:

«Convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo» — «cheguei a defendel-o com emoção» — «podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur, para estar de accordo com o que pensava».

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

gnidade, como se a existencia d'ella os humilhasse.

E' por essa mesma estupidez, e esta mesma complexa vileza, que o manifesto dos estudantes, sendo que é de jovens, é entristecedor. Moços, cuja intelligencia deveria ser, não porcerto disciplinada, porém alacre e disperta, rastejam assim na imbecilidade. Jovens, cuja moral devia peccar só pelos defeitos do impulso e da precipitação, mostram-nos, no emprego da subtileza baixa, da deshonestidade da intelligencia e do calculo sordido, os vicios menos desculpaveis da decrepitude.

De resto, terão elles culpa? Fortes, como estão, com a força alheia, cujo appoio os torna representantes e symbolos d'ella, esta vasa do liberalismo e da democracia é já o transbordar das forças desintegrantes, de cuja acção provém a nossa miseria nacional. Sim, elles não são elles-proprios: são o ambiente que os produziu. São bem o resultado da Monarchia dos Braganças e da Republica Portugueza. São bem o producto de uma sociedade em que varios seculos de educação fradesca e jesuitica prepararam, pela annullação do espirito critico e scientifico, o advento das idéas «liberaes»; em a qual, portanto, a estagnação da intelligencia se completou, como era logico, com a perversão do caracter e a ruina da ordem.

*

É em parte por isto — por serem estes estudantes, sobretudo na acção d'elles que apprecio, o symbolo vivo d'esta sociedade — que de certo modo vale o exforço a publicação d'este protesto, cuja intenção os transcende. É isto um dever social. No que não é por isto, convém escrevel-o para que, d'aquella calumnia de que sempre fica alguma cousa, possa ficar um pouco menos que se elle se não escrevera. É isto um dever moral. Nem é descabido que se aproveite a opportunidade para protestar tambem — o que em grande parte d'este escripto está implicito — contra o complexo desrespeito pela sciencia que ha no emprego da psychiatria para fins de insulto. É isto um dever intellectual.

E se houver alguem do publico a quem em algum grau convencesse o manifesto dos estudantes, com breves palavras se lhe tira essa illusão da ignorancia.

Pretendem os estudantes provar que o dr. Raul Leal é um paranoico com delirio das grandezas; serve de unica razão comprehensivel d'esse «diagnostico» a presença, que allegam, no manifesto

me vemos, para fazel-a. Que diriamos, porém, se esse mesmo homem de genio manifestasse esse mesmo orgulho, do mesmo modo legitimo porque o homem é o mesmo, antes que o reconhecessemos como genio? Tel-o-hiamos, talvez, por louco. Assim, muitas vezes, o que nos parece a loucura dos outros não é mais que a nossa propria incomprehensão.

Como sabem os estudantes, como sabe quem quer que seja, se o orgulho desmedido do dr. Raul Leal não é illegitimo hoje só para ter sido sempre legitimo ámanhã? Acham excessivo, mesmo como doença, o aspecto d'esse orgulho? Acham sophistica a demonstração de que não é louco quem diz que quer fundar uma nova religião, «o terceiro reino divino»?

Por muitos que sejam os symptomas de desequilibrio que uma psychiatria justa possa encontrar no dr. Raul Leal, não são tantos quantos os symptomas de loucura, de degeneração, de perversão intellectual e moral que um psychiatra eminente, o dr. Binet-Sanglé, encontrou na pessoa de Jesus Christo, o qual, comtudo, fundou uma religião, como mesmo os estudantes de Lisboa devem saber.

Os trez volumes intitulados *La Folie de Jésus* constituem, sem duvida, um exemplo de probidade clinica e de exposição psychiatrica. Nelles podem os estudantes apprender, lendo, como se demonstra um caso de loucura. Fechados elles, porém, podem apprender, reflectindo, que é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.

*

Disse o que tinha que dizer. Conclúo saudando, que assim manda a tradição.

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais — porque não posso desejar melhor — de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, presto-lhe esta, simples e clara, não só da minha amisade, que não tem limites, mas tambem da minha admiração pelo seu alto genio especulativo e metáphysico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tel-o por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, differentes e sósinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

FERNANDO PESSOA.

~~"Entrou na noite, e foi-se~~

~~se misturando~~ 237

Ponto. Ao contentamento minha vespera de
chegar, attribuo o encanto e a paz
pessoa, uma abstracção de cansaço.
De bom grado ficaria na cama
chegasse a qualquer parte. Mas ha
um grande encanto, e descoberta
uma viagem para alem como uma
encontro de amigos, de que dizem de diversos
coisas de sol e verde a outra mesa entristecida
banal do campo prolongado.

~~Luiz~~ Sou como alguem que procura ao
acaso, nada sabendo onde foi ouvir o de
jeito fim lhe vai dizendo o que é.
Jogamos á encontrão com amigos.
Ha alguns um subterfugio transcendente,
uma Divindade ~~triste~~ fluida e só minha.

Rubro, sim, estes fogueiros que
representam bons pobres, pequenos re-
cos ou illusão, grandes esperanças de-
vidas para a paisagem, magros como
gantes mas de aço entre, certos vezes,
um grande cansaço, o evangelho por
dever.

Cada um tem a sua vaidade, e a
vaidade de cada um é o seu especi-
mento de ser na outro com alma
A minha vaidade são alguns fogos,
uns trechos, certos dunas, ~~...~~ --

se ter provado a existencia da psychose; em verdade, nada se provou, pelo menos do que se insinua. Tão estupido, porém, é o auctor do manifesto dos estudantes que, podendo fazer isso facilmente, e sem mais sophisma que o de origem, com o mafesto do dr. Raul Leal — porque é facil fazel-o com todo documento singular e complexo —, tem comtudo que servir-se de phrases truncadas, de citações portanto ficticias, para dar ao seu escripto um ar de verdade. Nem esqueça aquella attribuição ao dr. Raul Leal de «um curioso excesso de memoria», pormenor clinico transcripto sem que d'elle haja applicação possivel a qualquer ponto do manifesto; a não ser que haja «excesso de memoria» em alguem se não esquecer que passou quatro annos de miseria.

Peor que a estupidez do manifesto, consubstanciada porém com ella, é a sua sordida vileza. O dr. Arthur Leitão, em seu opusculo, servia-se, ao menos, de phrases do conselheiro João Franco. Os estudantes servem-se de partes de phrases do dr. Raul Leal. Como as phrases inteiras lhes não servem, truncam-as, de modo que sirvam. E assim fazem a sua demonstração por meio de idéas que o dr. Raul Leal não manifestou, sendo que manifestou as contrarias. Exponho um exemplo. O dr. Raul Leal escreveu, em seu manifesto, este paragrapho:

Antes d'esses quatro annos em que puz bem á prova o meu caracter, convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo. Cheguei a defendel-o com emoção. Pois quando veiu a occasião de pôr em pratica as minhas «theorias», subiu-me pela alma um nojo tão grande, uma aversão tão poderosa a todos os abandalhamentos e crimes, que, podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur para estar de accordo com o que pensava, preferi ser verdadeiramente um puro, um immaculado. E foi então que vi Deus...

Os estudantes transcrevem d'este modo, aos bocados:

«Convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo» — «cheguei a defendel-o com emoção» — «podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur, para estar de accordo com o que pensava».

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

gnidade, como se a existencia d'ella os humilhasse.

E' por essa mesma estupidez, e esta mesma complexa vileza, que o manifesto dos estudantes, sendo que é de jovens, é entristecedor. Moços, cuja intelligencia deveria ser, não porcerto disciplinada, porém alacre e disperta, rastejam assim na imbecilidade. Jovens, cuja moral devia peccar só pelos defeitos do impulso e da precipitação, mostram-nos, no emprego da subtileza baixa, da deshonestidade da intelligencia e do calculo sordido, os vicios menos desculpaveis da decrepitude.

De resto, terão elles culpa? Fortes, como estão, com a força alheia, cujo appoio os torna representantes e symbolos d'ella, esta vasa do liberalismo e da democracia é já o transbordar das forças desintegrantes, de cuja acção provém a nossa miseria nacional. Sim, elles não são elles-proprios: são o ambiente que os produziu. São bem o resultado da Monarchia dos Braganças e da Republica Portugueza. São bem o producto de uma sociedade em que varios seculos de educação fradesca e jesuitica prepararam, pela annullação do espirito critico e scientifico, o advento das idéas «liberaes»; em a qual, portanto, a estagnação da intelligencia se completou, como era logico, com a perversão do caracter e a ruina da ordem.

*

É em parte por isto — por serem estes estudantes, sobretudo na acção d'elles que apprecio, o symbolo vivo d'esta sociedade — que de certo modo vale o exforço a publicação d'este protesto, cuja intenção os transcende. É isto um dever social. No que não é por isto, convém escrevel-o para que, d'aquella calumnia de que sempre fica alguma cousa, possa ficar um pouco menos que se elle se não escrevera. É isto um dever moral. Nem é descabido que se aproveite a opportunidade para protestar tambem — o que em grande parte d'este escripto está implicito — contra o complexo desrespeito pela sciencia que ha no emprego da psychiatria para fins de insulto. É isto um dever intellectual.

E se houver alguem do publico a quem em algum grau convencesse o manifesto dos estudantes, com breves palavras se lhe tira essa illusão da ignorancia.

Pretendem os estudantes provar que o dr. Raul Leal é um paranoico com delirio das grandezas; serve de unica razão comprehensivel d'esse «diagnostico» a presença, que allegam, no manifesto

lhe vemos, para fazel-a. Que diriamos, porém, se esse mesmo homem de genio manifestasse esse mesmo orgulho, do mesmo modo legitimo porque o homem é o mesmo, antes que o reconhecessemos como genio? Tel-o-hiamos, talvez, por louco. Assim, muitas vezes, o que nos parece a loucura dos outros não é mais que a nossa propria incomprehensão.

Como sabem os estudantes, como sabe quem quer que seja, se o orgulho desmedido do dr. Raul Leal não é illegitimo hoje só para ter sido sempre legitimo ámanhã? Acham excessivo, mesmo como doença, o aspecto d'esse orgulho? Acham sophistica a demonstração de que não é louco quem diz que quer fundar uma nova religião, «o terceiro reino divino»?

Por muitos que sejam os symptomas de desequilibrio que uma psychiatria justa possa encontrar no dr. Raul Leal, não são tantos quantos os symptomas de loucura, de degeneração, de perversão intellectual e moral que um psychiatra eminente, o dr. Binet-Sanglé, encontrou na pessoa de Jesus Christo, o qual, comtudo, fundou uma religião, como mesmo os estudantes de Lisboa devem saber.

Os trez volumes intitulados *La Folie de Jésus* constituem, sem duvida, um exemplo de probidade clinica e de exposição psychiatrica. Nelles podem os estudantes apprender, lendo, como se demonstra um caso de loucura. Fechados elles, porém, podem apprender, reflectindo, que é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.

*

Disse o que tinha que dizer. Conclúo saudando, que assim manda a tradição.

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais — porque não posso desejar melhor — de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, presto-lhe esta, simples e clara, não só da minha amisade, que não tem limites, mas tambem da minha admiração pelo seu alto genio especulativo e metaphysico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tel-o por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, differentes e sósinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

FERNANDO PESSOA.

12/4/1930

238

L. do D.

Quantas vezes, presa da superficie e do bruxedo, me sinto homem$ Então convivo com alegria e existo com clareza. Sobrenado. E é-me agradavel receber o ordenado e ir para casa. Sinto o tempo sem o ver, e agrada-me ~~xxx~~ qualquer cousa organica. ~~Quando~~ medito, não penso. Nesses dias gosto muito dos jardins.

Não sei que cousa estranha e pobre existe na substancia intima dos jardins citadinos que só a posso sentir bem quando me não sinto bem a mim. Um jardim é um resumo da civilização - uma modificação anonyma da Natureza. As plantas estão alli, mas ha ~~xxxx~~ ruas - ruas. Crescem arvores, mas ha bancos por baixo da sua sombra. No alinhamento virado para os quatro lados da cidade, alli largo, os bancos são maiores e teem quasi sempre gente. ~~O horror dos jardins!~~

Uma atrocidade a menos

Não odeio a regularidade das flores em canteiros. Odeio, porém, o emprego publico das flores. Se os canteiros fossem em parques fechados, se as arvores crescessem sobre recantos feudaes, se os bancos não tivessem ~~xxxxxxxxxx~~ alguem, haveria com que consolar-me na contemplação inutil dos jardins. Assim, na cidade, regrados e uteis, ~~utilisaveis~~, os jardins são para mim como ~~xxxxxx~~ gaiolas, em que as espontaneidades coloridas das arvores e das flores não teem senão espaço para o não ter, logar para d'elle não sahir, e a beleza propria sem a vida que pertence a ella.

Mas ha dias em que esta é a paisagem que me pertence, e em que entro como um figurante numa tragedia comica. Nesses dias estou errado, mas, pelo menos em certo modo, sou mais feliz. Se me distraio, julgo que tenho realmente casa, lar, a onde volte. Se me esqueço, sou normal, poupado para um fim, escovo um cutro fato e leio um jornal todo.

Mas a illusão não dura muito, tanto porque não dura como porque a noite vem. E a côr das flores, a sombra das arvores, o alinhamento de ruas e canteiros, tudo se esbate e encolhe. Por cima do erro e de ~~xxx xxxxxx~~ estar ~~xxxx~~ homem abre-se de repente, como se a luz do dia fosse um panno de theatro que se ~~erguesse~~, o grande scenario das estrellas. E então ~~xxxxx~~ esqueço ~~de ver~~ a plateia ~~xxxxxxx~~ amorpha e aguardo os primeiros actores com um sobresalto de creança no circo.

Estou liberto e perdido.

Tarde ~~Fado~~ falar. Imen. Sinto. Enfim

BIBLIOTECA NACIONAL

239
L. do D.

3.52
10/4/1930

Tenho a nausea physica da humanidade vulgar, que é, aliás, a unica que ha. E capricho, ás vezes, em aprofundar essa nausea, como se póde provocar um vomito para alliviar a vontade de vomitar.

Um dos meus passeios predilectos, nas manhãs em que temo a banalidade do dia que vae seguir como quem teme a cadeia, é o de seguir lentamente pelas ruas fóra, antes da abertura das lojas e dos armazens, e ouvir os farrapos de phrases que os grupos de raparigas, de rapazes, e de uns com outras, deixam cahir, como esmolas de ironia, na saccola invisivel da minha meditação attenta.

E é sempre a mesma successão das mesmas phrases... "E então ella disse"... e o tom diz da intriga d'ella. "Se não foste tu, foi elle..." e a voz que responde ergue-se no protesto que já não oiço. "Disseste, sim senhor, disseste"... e a voz da costureira affirma estridentemente "Eu?". e o pasmo do rapaz que traz o lunch embrulhado em papel manteiga não me convence, nem deve convencer a loura suja, "Se calhar era..." e as quatro raparigas riem da obscenidade que me ficou perdida. "E então eu puz-me mesmo deante do gajo, e alli mesmo na cara d'elle - na cara d'elle, hein, ó Zé"... e o pobre diabo mente, pois o chefe do escriptorio - sei pela voz que o outro contendor era chefe do escriptorio que desconheço - não lhe acceitaria o gesto de gladiador. "...E eu fui fumar para a retrete"... ri o pequeno de fundilhos.

Outros, que passam sós ou juntos, não fallam, ou fallam e eu não oiço, mas as vozes todas são me claras por uma transparencia intuitiva e rota. Não ouso dizer - não ouso dizel-o a mim mesmo em escripta, ainda que logo a cortasse - o que tenho visto nos olhares casuaes, na sua direcção involuntaria e baixa, nos seus atravessamentos sujos. Não ouso porque, quando se provoca o vomito, é preciso provocar só um.

"O gajo estava tam grosso que nem via a escada"... Ergo a cabeça. Este rapazote, ao menos, descreve objectivamente. A phrase estupida e banal sempre é melhor que o horror das meias phrases que trazem sentimentos. Até o calão innocente me anima. Bemdito ar que me dá na fronte - o do gajo tam grosso que não via a escada - talvez a escada por onde a humanidade sobe aos tombos, apalpando-se e atropellando-se na falsidade regrada do declive.

13/4/1930.

L. do D.

240

~~A maioria das gentes pensa com a massa~~

~~libertadas.~~

~~O que acho~~

O que acho que, acho, pouca gente pensa com a minha sentimento profundo, em que vivo de incompreensão com os outros, é que a maioria pensa com a sensibilidade, e com sinto com o pensamento.

Para o homem vulgar, sentir é viver e pensar é saber viver. Para mim, pensar é viver e sentir não é mais que o alimento de pensar.

É natural que, sendo assim a minha capacidade de entusiasmo, alheia e naturalmente mais solicitada pelas que se me opõem em temperamento, do que pelas que são da minha especie espiritual. A arrogancia admiro-a em literatura, mais que as clamores que vai por aí quem menos se assemelha. Leio tudo que escrevem, para lutar contra a Vieira, procuro Vieira com a sensibilidade de meditar.

Quanto mais diferente de mim algum é, mais real me parece, porque menos dependente da minha subjectividade. E é pensar que o meu estudo atento e

se ter provado a existencia da psychose; em verdade, nada se provou, pelo menos do que se insinua. Tão estupido, porém, é o auctor do manifesto dos estudantes que, podendo fazer isso facilmente, e sem mais sophisma que o de origem, com o mafesto do dr. Raul Leal — porque é facil fazel-o com todo documento singular e complexo —, tem comtudo que servir-se de phrases truncadas, de citações portanto ficticias, para dar ao seu escripto um ar de verdade. Nem esqueça aquella attribuição ao dr. Raul Leal de «um curioso excesso de memoria», pormenor clinico transcripto sem que d'elle haja applicação possivel a qualquer ponto do manifesto; a não ser que haja «excesso de memoria» em alguem se não esquecer que passou quatro annos de miseria.

Peor que a estupidez do manifesto, consubstanciada porém com ella, é a sua sordida vileza. O dr. Arthur Leitão, em seu opusculo, servia-se, ao menos, de phrases do conselheiro João Franco. Os estudantes servem-se de partes de phrases do dr. Raul Leal. Como as phrases inteiras lhes não servem, truncam-as, de modo que sirvam. E assim fazem a sua demonstração por meio de ideas que o dr. Raul Leal não manifestou, sendo que manifestou as contrarias. Exponho um exemplo. O dr. Raul Leal escreveu, em seu manifesto, este paragrapho:

Antes d'esses quatro annos em que puz bem á prova o meu caracter, convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo. Cheguei a defendel-o com emoção. Pois quando veiu a occasião de pôr em pratica as minhas «theorias», subiu-me pela alma um nojo tão grande, uma aversão tão poderosa a todos os abandalhamentos e crimes, que, podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur para estar de accordo com o que pensava, preferi ser verdadeiramente um puro, um immaculado. E foi então que vi Deus...

Os estudantes transcrevem d'este modo, aos bocados:

«Convivia gostosamente com amoraes, sendo em theoria d'uma condescendencia quasi absoluta e reconhecendo mesmo um certo valor transitorio em todo o amoralismo» — «cheguei a defendel-o com emoção» — «podendo ter sido um bandido, um escroc e um souteneur, para estar de accordo com o que pensava».

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES

gnidade, como se a existencia d'ella os humilhasse.

E' por essa mesma estupidez, e esta mesma complexa vileza, que o manifesto dos estudantes, sendo que é de jovens, é entristecedor. Moços, cuja intelligencia deveria ser, não porcerto disciplinada, porém alacre e disperta, rastejam assim na imbecilidade. Jovens, cuja moral devia peccar só pelos defeitos do impulso e da precipitação, mostram-nos, no emprego da subtileza baixa, da deshonestidade da intelligencia e do calculo sordido, os vicios menos desculpaveis da decrepitude.

De resto, terão elles culpa? Fortes, como estão, com a força alheia, cujo appoio os torna representantes e symbolos d'ella, esta vasa do liberalismo e da democracia é já o transbordar das forças desintegrantes, de cuja acção provém a nossa miseria nacional. Sim, elles não são elles-proprios: são o ambiente que os produziu. São bem o resultado da Monarchia dos Braganças e da Republica Portugueza. São bem o producto de uma sociedade em que varios seculos de educação fradesca e jesuitica prepararam, pela annullação do espirito critico e scientifico, o advento das ideas «liberaes»; em a qual, portanto, a estagnação da intelligencia se completou, como era logico, com a perversão do caracter e a ruina da ordem.

*

É em parte por isto — por serem estes estudantes, sobretudo na acção d'elles que aprecio, o symbolo vivo d'esta sociedade — que, de certo modo vale o exforço a publicação d'este protesto, cuja intenção os transcende. É isto um dever social. No que não é por isto convém escrevel-o para que, d'aquella calumnia de que sempre fica alguma cousa, possa ficar um pouco menos que se elle se não escrevera. É isto um dever moral. Nem é descabido que se aproveite a opportunidade para protestar tambem — o que em grande parte d'este escripto está implicito — contra o complexo desrespeito pela sciencia que ha no emprego da psychiatria para fins de insulto. É isto um dever intellectual.

E se houver alguem do publico a quem em algum grau convencesse o manifesto dos estudantes, com breves palavras se lhe tira essa illusão da ignorancia.

Pretendem os estudantes provar que o dr. Raul Leal é um paranoico com delirio das grandezas; serve de unica razão comprehensivel d'esse «diagnostico» a presença, que allegam, no manifesto lhe vemos, para fazel-a. Que diriamos, porém, se esse mesmo homem de genio manifestasse esse mesmo orgulho, do mesmo modo legitimo porque o homem é o mesmo, antes que o reconhecessemos como genio? Tel-o-hiamos, talvez, por louco. Assim, muitas vezes, o que nos parece a loucura dos outros não é mais que a nossa propria incomprehensão.

Como sabem os estudantes, como sabe quem quer que seja, se o orgulho desmedido do dr. Raul Leal não é illegitimo hoje só para ter sido sempre legitimo ámanhã? Acham excessivo, mesmo como doença, o aspecto d'esse orgulho? Acham sophistica a demonstração de que não é louco quem diz que quer fundar uma nova religião, «o terceiro reino divino»?

Por muitos que sejam os symptomas de desequilibrio que uma psychiatria justa possa encontrar no dr. Raul Leal, não são tantos quantos os symptomas de loucura, de degeneração, de perversão intellectual e moral que um psychiatra eminente, o dr. Binet-Sanglé, encontrou na pessoa de Jesus Christo, o qual, comtudo, fundou uma religião, como mesmo os estudantes de Lisboa devem saber.

Os trez volumes intitulados *La Folie de Jésus* constituem, sem duvida, um exemplo de probidade clinica e de exposição psychiatrica. Nelles podem os estudantes apprender, lendo, como se demonstra um caso de loucura. Fechados elles, porém, podem apprender, reflectindo, que é a loucura que dirige o mundo. Loucos são os heroes, loucos os santos, loucos os genios, sem os quaes a humanidade é uma mera especie animal, cadaveres addiados que procriam.

*

Disse o que tinha que dizer. Concluo saudando, que assim manda a tradição.

Aos estudantes de Lisboa não desejo mais — porque não posso desejar melhor — de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, presto-lhe esta, simples e clara, não só da minha amisade, que não tem limites, mas tambem da minha admiração pelo seu alto genio especulativo e metaphysico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tel-o por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, differentes e sósinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.

FERNANDO PESSOA.

6/4/93.

L. de D.

241

O ambiente é a alma das coisas. Cada coisa tem uma expressão própria de si e sua sorte — lhe de fora.

Cada coisa é a intersecção de três linhas, e essas três linhas formam uma coisa: uma quantidade de matéria, o modo como interpretamos e o ambiente em que está. Esta mesa, que estou escrevendo, é um pedaço de madeira, é uma mesa, e é uma entre outras aqui neste quarto. A minha expressão d'esta mesa, e a que lhe transmitem, terá que ver com a noção de que ella é de madeira, de que eu chamo a aquillo uma mesa e lhe attribuo certos usos e fins, e de que nella se reflectem, nella se miserem, e a transformam, os objectos em cuja proximidade ella tem alma própria eterna, o que lhe está perto em cima. E a sua própria cor lhe foi dada, o destacamento d'essa cor, do resto em

e a personalidade.

Sobre um manifesto de estudantes

Foi ha dias distribuida em Lisboa, com a fórma de um manifesto de estudantes, uma estupida, vil e entristecedora *blague* contra o altissimo espirito, e o não menos alto caracter, do dr. Raul Leal, auctor de *Sodoma Divinizada* e de um manifesto recente, notavel documento de verdade e de nobreza, que, sendo dirigido aos estudantes de Lisboa, nenhuma offensa a elles contém, a não ser que dizer-lhes que estudem o seja.

Consiste a *blague* em dar por louco o dr. Raul Leal, servindo-se seus auctores do manifesto d'elle, e fazendo, por meio de phrases truncadas ou separadas aleivosamente do contexto que as remata, uma psychiatria de circo, facil a todos em quem o espirito scientifico seja nullo e a inconsciencia positiva.

A sordida brincadeira não tem o merito, até certo ponto exculpador, da novidade. O processo do ataque psychiatrico — sempre antipathico, quasi sempre facil, quasi nunca justificavel — já fôra empregado entre nós pelo dr. Arthur Leitão, que escreveu em 1907, contra o conselheiro João Franco, então presidente do conselho, o seu opusculo *Um caso de loucura epileptica*. O artificio, porém, era importado: deu-lhe origem, pelo menos notavel, o fallecido Max Nordau no seu livro celebre *Degeneração*.

Se a *blague* dos estudantes não tivesse maior defeito que o não ser nova, não haveria mistér que se viesse fallar d'ella em publico. O peor é o mais que ella contém, ou, antes, denota. Disse eu que ella era estupida, vil e entristecedora. Repito-o, e vou proval-o. E' nisso que está o seu mal.

A *blague* dos estudantes é estupida, não só porque são negativos o portuguez e o lógico da sua redacção, mas tambem porque o auctor d'ella nem sequer soube effectuar seu proprio intento. Nada ha mais facil que provar por alto que qualquer é louco: basta ter que fazel-o só para quem nada entende da materia. Ao mais leigo em psychiatria — desde que nelle concorram a ausencia de escrupulos e a de espirito scientifico — é facil simular um diagnostico, encaixando em qualquer individuo apenas dois ou trez dos varios symptomas, cujo conjuncto compõe o quadro clinico de qualquer psychose. Ha toda a apparencia, para os leigos, de

Na transcripção esphacelada desapparece, assim, todo o sentido do paragrapho em seu conjuncto. E o que é nobreza e sinceridade na ligação do paragrapho completo resulta vileza e impudor quando d'elle se excluem, na transcripção ficticia, os seus elementos vitaes, o seu unico sentido.

Mais vil (se é possivel) que esta vileza, é a propria essencia do manifesto dos estudantes. Escreveram-o elles como *blague*? Ha trez cousas com que um espirito nobre, de velho ou de jovem, nunca brinca, porque o brincar com ellas é um dos signaes distinctivos da baixeza da alma: são ellas os deuses, a morte e a loucura. Se, porém, o author do manifesto o escreveu a serio, ou crê louco o dr. Raul Leal, ou, não crendo, usa o parecer crel-o para o conspurcar. Só a ultima canalha das ruas insulta um louco, e em publico. Só qualquer canalha abaixo d'essa imita esse insulto, sabendo que mente.

Ainda sobra vileza. O dr. Arthur Leitão, se escreveu um opusculo antipathico, escreveu-o comtudo contra o presidente do conselho, então dictador; atacou um homem que tinha comsigo toda a força das authoridades do Estado e da Tradição; um homem que, a ser louco, sem duvida exerceria, pelo logar que occupava, uma acção largamente nefasta.

Os estudantes são de melhor calculo. Entrincheirados simultaneamente no Governo Civil e na *Epocha* — isto é, na republica e na monarchia —, seguros porisso do appoio de toda a imprensa e da consequente difficultação de qualquer protesto, atacam e insultam confiadamente. Atacam e insultam a quem? A um homem que não os atacou, que está sosinho ou tão pouco acompanhado que é como se o estivesse, sem posição que o torne perigoso a quem o ataca, sem influencia que torne prejudicial a sua acção, suppondo que ella em sua essencia o seja. E por que foram movidos a esse insulto? Por aquillo mesmo que os devera demover, se o intentassem; por um manifesto em que sem duvida transparece uma alta intelligencia e se mostra uma altissima dignidade. Estupidos e sordidos, são porisso incapazes de conceder a possibilidade de um talento alheio que não comprehendam, ou senão de rebellar-se contra a alheia di-

d'elle de uma exaltação morbida do orgulho e de idéas de perseguição. Veremos opportunamente o que pesam estas duas allegações. Conceda-se, por ora, que são justas. Com isso se simplificará o argumento.

Nem as idéas doentias de grandeza, nem as idéas de perseguição bastam, de per si, separadas ou juntas, para provar a paranoia. Ha mister que se manifestem de certa maneira, que se desinvolvam de certo modo, e que nellas e em seu desenrolamento haja o que se chama systematização. E, provada que não seja a paranoia, pode a morbidez mental revelada descer facilmente — e quasi sempre se verá que desce — do nivel das psychoses para o das neuropsychoses, cuja gravidade é muito menor, como a sua natureza muito differente. Tenho notado — leigo que sou — em casos de simples hystero-epilepsia a eclosão episodica e irregugular de taes idéas; nunca, porém, nellas se estabelece uma coordenação tal, que simulem de perto um delirio systematizado.

No dr. Raul Leal não se revelam idéas de perseguição. No manifesto d'elle parece haver, em algumas referencias á Egreja Catholica, um esboço muito vago d'ellas. Como, porém, na sua conversação e nos actos da sua vida taes idéas *nunca* surgem, nem mesmo vagas, podemos considerar o que no manifesto as simula como menos que episodico, pormenor antes da só imaginação exaltada, sobretudo litterariamente, que da inteligencia em desvio. A exaltação morbida do orgulho e da personalidade é que nelle é manifesta e frequente. Carece, porém, de linha morbida directriz, que a constitua em delirio. E tem, talvez, ainda que doentia na sua manifestação, uma razão-de-ser que de certo modo o não é, e que de todo a differença do delirio das grandezas.

A presença ou ausencia de elementos justificativos de um orgulho excessivo é um facto primordial para se fazer juizo em casos d'estes. O orgulho desmedido; e, por desmedido, doentio, de um homem de genio não tem analogia, senão na fórma externa, com o delirio orgulhoso de um megalomano vulgar. Quando um homem de genio, cujo genio reconhecemos já, manifesta um orgulho doentio, desculpamos-lhe o

Acho, pois, que não ha arte humana, nem litteraria, em attribuir alma ás cousas inanimados. Ser uma cousa é ser objecto de uma attribuição. Pode ao facto dizer que uma ~~fonte~~ arvore sente, que um rio "corre", que uma fonte é magoada ou mar calmo (azul pelo que não tem) é ornidente (pelo ser que lhe está fóra). Mas egual erro é attribuir belleza a qualquer coisa. Egual erro é attribuir cõr, fórma, perfeição até ser, a qualquer coisa. Este mar é agua salgada. Esta fonte é começar a fallar a luz ou ser esta latitude e longitude. Este arcanjo, que brinca deante da mesa, é um amontoado intellectual de cabellos — mas, é uma subtilissima de movimentos subatomicos, estranha conglomeração electrica de milhões de systemas solares em miniatura insignificante.

Sobre um manifesto de estudantes

Foi ha dias distribuida em Lisboa, com a fórma de um manifesto de estudantes, uma estupida, vil e entristecedora *blague* contra o altissimo espirito, e o não menos alto caracter, do dr. Raul Leal, auctor de *Sodoma Divinizada* e de um manifesto recente, notavel documento de verdade e de nobreza, que, sendo dirigido aos estudantes de Lisboa, nenhuma offensa a elles contém, a não ser que dizer-lhes que estudem o seja.

Consiste a *blague* em dar por louco o dr. Raul Leal, servindo-se seus auctores do manifesto d'elle, e fazendo, por meio de phrases truncadas ou separadas aleivosamente do contexto que as remata, uma psychiatria de circo, facil a todos em quem o espirito scientifico seja nullo e a inconsciencia positiva.

A sordida brincadeira não tem o merito, até certo ponto exculpador, da novidade. O processo do ataque psychiatrico — sempre antipathico, quasi sempre facil, quasi nunca justificavel — já fôra empregado entre nós pelo dr. Arthur Leitão, que escreveu em 1907, contra o conselheiro João Franco, então presidente do conselho, o seu opusculo *Um caso de loucura epileptica*. O artificio, porém, era importado: deu-lhe origem, pelo menos notavel, o fallecido Max Nordau no seu livro celebre *Degeneração*.

Se a *blague* dos estudantes não tivesse maior defeito que o não ser nova, não haveria mistér que se viesse fallar d'ella em publico. O peor é o mais que ella contém, ou, antes, denota. Disse eu que ella era estupida, vil e entristecedora. Repito-o, e vou proval-o. E' nisso que está o seu mal.

A *blague* dos estudantes é estupida, não só porque são negativos o portuguez e o lógico da sua redacção, mas tambem pôrque o auctor d'ella nem sequer soube effectuar seu proprio intento. Nada ha mais facil que provar por alto que qualquer é louco: basta ter que fazel-o só para quem nada entende da materia. Ao mais leigo em psychiatria — desde que nelle concorram a ausencia de escrupulos e a de espirito scientifico — é facil simular um diagnostico, encaixando em qualquer individuo apenas dois ou trez dos varios symptomas, cujo conjuncto compõe o quadro clinico de qualquer psychose. Ha toda a apparencia para os leigos de

Na transcripção esphacelada desapparece, assim, todo o sentido do paragrapho em seu conjuncto. E o que é nobreza e sinceridade na ligação do paragrapho completo resulta vileza e impudor quando d'elle se excluem, na transcripção ficticia, os seus elementos vitaes, o seu unico sentido.

Mais vil (se é possivel) que esta vileza, é a propria essencia do manifesto dos estudantes. Escreveram-o elles como *blague*? Ha trez cousas com que um espirito nobre, de velho ou de jovem, nunca brinca, porque o brincar com ellas é um dos signaes distinctivos da baixeza da alma: são ellas os deuses, a morte e a loucura. Se, porém, o author do manifesto o escreveu a serio, ou crê louco o dr. Raul Leal, ou, não crendo, usa o parecer crel-o para o conspurcar. Só a ultima canalha das ruas insulta um louco, e em publico. Só qualquer canalha abaixo d'essa imita esse insulto, sabendo que mente.

Ainda sobra vileza. O dr. Arthur Leitão, se escreveu um opusculo antipathico, escreveu-o comtudo contra o presidente do conselho, então dictador; atacou um homem que tinha comsigo toda a força das authoridades do Estado e da Tradição; um homem que, a ser louco, sem duvida exerceria, pelo logar que occupava, uma acção largamente nefasta.

Os estudantes são de melhor calculo. Entrincheirados simultaneamente no Governo Civil e na *Epocha* — isto é, na republica e na monarchia —, seguros porisso do appoio de toda a imprensa e da consequente difficultação de qualquer protesto, atacam e insultam confiadamente. Atacam e insultam a quem? A um homem que não os atacou, que está sosinho ou tão pouco acompanhado que é como se o estivesse, sem posição que o torne perigoso a quem o ataca, sem influencia que torne prejudicial a sua acção, suppondo que ella em sua essencia o seja. E por que foram movidos a esse insulto? Por aquillo mesmo que os devera demover, se o intentassem; por um manifesto em que sem duvida transparece uma alta intelligencia e se mostra uma altissima dignidade. Estupidos e sordidos, são porisso incapazes de conceder a possibilidade de um talento alheio que não comprehendam, ou serão de caballar-se contra a altura di-

d'elle de uma exaltação morbida do orgulho e de idéas de perseguição. Veremos opportunamente o que pesam estas duas allegações. Conceda-se, por ora, que são justas. Com isso se simplificará o argumento.

Nem as idéas doentias de grandeza, nem as idéas de perseguição bastam, de per si, separadas ou juntas, para provar a paranoia. Ha mister que se manifestem de certa maneira, que se desinvolvam de certo modo, e que nellas e em seu desenrolamento haja o que se chama systematização. E, provada que não seja a paranoia, pode a morbidez mental revelada descer facilmente — e quasi sempre se verá que desce — do nivel das psychoses para o das neuropsychoses, cuja gravidade é muito menor, como a sua natureza muito differente. Tenho notado — leigo que sou — em casos de simples hystero-epilepsia a eclosão episodica e irregular de taes idéas; nunca, porém, nellas se estabelece uma coordenação tal, que simulem de perto um delirio systematizado.

No dr. Raul Leal não se revelam idéas de perseguição. No manifesto d'elle parece haver, em algumas referencias á Egreja Catholica, um esboço muito vago d'ellas. Como, porém, na sua conversação e nos actos da sua vida taes idéas *nunca* surgem, nem mesmo vagas, podemos considerar o que no manifesto as simula como menos que episodico, pormenor antes da só imaginação exaltada, sobretudo litterariamente, que da inteligencia em desvio. A exaltação morbida do orgulho e da personalidade é que nelle é manifesta e frequente. Carece, porém, de linha morbida directriz, que a constitua em delirio. E tem, talvez, ainda que doentia na sua manifestação, uma razão-de-ser que de certo modo o não é, e que de todo a differença do delirio das grandezas.

A presença ou ausencia de elementos justificativos de um orgulho excessivo é um facto primordial para se fazer juizo em casos d'estes. O orgulho desmedido, e, por desmedido, doentio, de um homem de genio não tem analogia, senão na fórma externa, com o delirio orgulhoso de um megalomano vulgar. Quando um homem de genio, cujo genio reconhecemos já, manifesta um orgulho doentio, desculpamo-lhe o exc[illegible] pela razão

243 Tudo vem de fora, ~~Tudo é~~ nenhuma alma humana vai à
procedura mais que o raio de sol
que bate à sida. Só chai onde
foi o ponto de atenção que é
o corpo.

Nesta cura dedicação ao
procedura toda uma pública
dispõe, para quem produzam
tão à fina de tirar conclusão.
Vão a tudo ou, surgem uma
atenta pensamento cego, de
possibilidades lógicas, e tão
e me bate numa visão
de um raio de sol dourando
estume como pedra humidecendo
amadurecendo, no chão quem
negro ao pé de uma cueva ~~tabla~~ indígena.

Ainda vai. Quando quero
pensar, vejo. Quando quero
dizer na minha alma, fico
à espera quando, e nada.
Começo no espiral ~~[illegible]~~ de grande pin-
funda, vendo pela janella
dar acto o dia que nada
de despedida pela o afastamento
do peso do tilhado.

BIBLIOTECA NACIONAL

Sobre um manifesto de estudantes

Foi ha dias distribuida em Lisboa, com a fórma de um manifesto de estudantes, uma estupida, vil e entristecedora *blague* contra o altissimo espirito, e o não menos alto caracter, do dr. Raul Leal, auctor de *Sodoma Divinizada* e de um manifesto recente, notavel documento de verdade e de nobreza, que, sendo dirigido aos estudantes de Lisboa, nenhuma offensa a elles contém, a não ser que dizer-lhes que estudem o seja.

Consiste a *blague* em dar por louco o dr. Raul Leal, servindo-se seus auctores do manifesto d'elle, e fazendo, por meio de phrases truncadas ou separadas aleivosamente do contexto que as remata, uma psychiatria de circo, facil a todos em quem o espirito scientifico seja nullo e a inconsciencia positiva.

A sordida brincadeira não tem o merito, até certo ponto exculpador, da novidade. O processo do ataque psychiatrico — sempre antipathico, quasi sempre facil, quasi nunca justificavel — já fôra empregado entre nós pelo dr. Arthur Leitão, que escreveu em 1907, contra o conselheiro João Franco, então presidente do conselho, o seu opusculo *Um caso de loucura epileptica*. O artificio, porém, era importado: deu-lhe origem, pelo menos notavel, o fallecido Max Nordau no seu livro celebre *Degeneração*.

Se a *blague* dos estudantes não tivesse maior defeito que o não ser nova, não haveria mistér que se viesse fallar d'ella em publico. O peor é o mais que ella contém, ou, antes, denota. Disse eu que ella era estupida, vil e entristecedora. Repito-o, e vou proval-o. E' nisso que está o seu mal.

A *blague* dos estudantes é estupida, não só porque são negativos o portuguez e o lógico da sua redacção, mas tambem porque o auctor d'ella nem sequer soube effectuar seu proprio intento. Nada ha mais facil que provar por alto que qualquer é louco: basta ter que fazel-o só para quem nada entende da materia. Ao mais leigo em psychiatria — desde que nelle concorram a ausencia de escrupulos e a de espirito scientifico — é facil simular um diagnostico, encaixando em qualquer individuo apenas dois ou trez dos varios symptomas, cujo conjuncto compõe o quadro clinico de qualquer psychose. Ha toda a apparencia para os leigos, de

Na transcripção esphacelada desapparece, assim, todo o sentido do paragrapho em seu conjuncto. E o que é nobreza e sinceridade na ligação do paragrapho completo resulta vileza e impudor quando d'elle se excluem, na transcripção ficticia, os seus elementos vitaes, o seu unico sentido.

Mais vil (se é possivel) que está vileza, é a propria essencia do manifesto dos estudantes. Escreveram-o elles como *blague?* Ha trez cousas com que um espirito nobre, de velho ou de jovem, nunca brinca, porque o brincar com ellas é um dos signaes distinctivos da baixeza da alma: são ellas os deuses, a morte e a loucura. Se, porém, o author do manifesto o escreveu a serio, ou crê louco o dr. Raul Leal, ou, não crendo, usa o parecer crel-o para o conspurcar. Só a ultima canalha das ruas insulta um louco, e em publico. Só qualquer canalha abaixo d'essa imita esse insulto, sabendo que mente.

Ainda sobra vileza. O dr. Arthur Leitão, se escreveu um opusculo antipathico, escreveu-o comtudo contra o presidente do conselho, então dictador; atacou um homem que tinha comsigo toda a força das authoridades do Estado e da Tradição; um homem que, a ser louco, sem duvida exerceria, pelo logar que occupava, uma acção largamente nefasta.

Os estudantes são de melhor calculo. Entrincheirados simultaneamente no Governo Civil e na *Epocha* — isto é, na republica e na monarchia —, seguros porisso do appoio de toda a imprensa e da consequente difficultação de qualquer protesto, atacam e insultam confiadamente. Atacam e insultam a quem? A um homem que não os atacou, que está sosinho ou tão pouco acompanhado que é como se o estivesse, sem posição que o torne perigoso a quem o ataca, sem influencia que torne prejudicial a sua acção, suppondo que ella em sua essencia o seja. E por que foram movidos a esse insulto? Por aquillo mesmo que os devera demover, se o intentassem; por um manifesto em que sem duvida transparece uma alta intelligencia e se mostra uma altissima dignidade. Estupidos e sordidos, são porisso incapazes de conceder a possibilidade de um talento alheio que não comprehendam, ou senão do rebellar-se contra a alheia di-

d'elle de uma exaltação morbida do orgulho e de idéas de perseguição. Veremos opportunamente o que pesam estas duas allegações. Conceda-se, por ora, que são justas. Com isso se simplificará o argumento.

Nem as idéas doentias de grandeza, nem as idéas de perseguição bastam, de per si, separadas ou juntas, para provar a paranoia. Ha mister que se manifestem de certa maneira, que se desinvolvam de certo modo, e que nellas e em seu desenrolamento haja o que se chama systematização. E, provada que não seja a paranoia, pode a morbidez mental revelada descer facilmente — e quasi sempre se verá que desce — do nivel das psychoses para o das neuropsychoses, cuja gravidade é muito menor, como a sua natureza muito differente. Tenho notado — leigo que sou — em casos de simples hystero-epilepsia a eclosão episodica e irregular de taes idéas; nunca, porém, nellas se estabelece uma coordenação tal, que simulem de perto um delirio systematizado.

No dr. Raul Leal não se revelam idéas de perseguição. No manifesto d'elle parece haver, em algumas referencias á Egreja Catholica, um esboço muito vago d'ellas. Como, porém, na sua conversação e nos actos da sua vida taes idéas *nunca* surgem, nem mesmo vagas, podemos considerar o que no manifesto as simula como menos que episodico, pormenor antes da só imaginação exaltada, sobretudo litterariamente, que da inteligencia em desvio. A exaltação morbida do orgulho e da personalidade é que nelle é manifesta e frequente. Carece, porém, de linha morbida directriz, que a constitua em delirio. E tem, talvez, ainda que doentia na sua manifestação, uma razão-de-ser que de certo modo o não é, e que de todo a differença do delirio das grandezas.

A presença ou ausencia de elementos justificativos de um orgulho excessivo é um facto primordial para se fazer juizo em casos d'estes. O orgulho desmedido, e, por desmedido, doentio, de um homem de genio não tem analogia, senão na fórma externa, com o delirio orgulhoso de um megalomano vulgar. Quando um homem de genio, cujo genio reconhecemos já, manifesta um orgulho doentio, desculpamos-lhe o excesso da affirmação pela razão que

3.62

5/4/1930

L. S

244

E, hoje, pensando no que tem dito a minha vida, acho-me preso entre dois, tranportado num certo de encurvar. braço, entre duas estações sub-urbanas. A imagem é estupida, porém a vida para mim é mais estupida ainda do que ela é. Uma certa continuação de seus tempos, assim meio ovos, de um braço com pinça e lápis entre braço. Mas o braço e mesmo tempo, apoiado um pouco ao longo do pharmacia contra-ria dizem constantemente dali, engole mais pra as estações minha; como hoje o bilhete que enfrenta-

Impressionou-me fulano e assim a descripção do acto. Vejo-o detalhadamente e ao braço de criança pendente pelo transporte. Mais comigo vão a criança para além do braço e sua personagem. Não consigo muito-me bem sem-

do respeito - uma distancia de ... - d'aquelles vagos braços e mãos com pinça e lápis entre dedos e mesa estabelecido, lápis, entre

Ao lado: Ao meu lado, a fulano (?) fica o braço

Sobre um manifesto de estudantes

Foi ha dias distribuida em Lisboa, com a fórma de um manifesto de estudantes, uma estupida, vil e entristecedora *blague* contra o altissimo espirito, e o não menos alto caracter, do dr. Raul Leal, auctor de *Sodoma Divinizada* e de um manifesto recente, notavel documento de verdade e de nobreza, que, sendo dirigido aos estudantes de Lisboa, nenhuma offensa a elles contém, a não ser que dizer-lhes que estudem o seja.

Consiste a *blague* em dar por louco o dr. Raul Leal, servindo-se seus auctores do manifesto d'elle, e fazendo, por meio de phrases truncadas ou separadas aleivosamente do contexto que as remata, uma psychiatria de circo, facil a todos em quem o espirito scientifico seja nullo e a inconsciencia positiva.

A sordida brincadeira não tem o merito, até certo ponto exculpador, da novidade. O processo do ataque psychiatrico — sempre antipathico, quasi sempre facil, quasi nunca justificavel — já fôra empregado entre nós pelo dr. Arthur Leitão, que escreveu em 1907, contra o conselheiro João Franco, então presidente do conselho, o seu opusculo *Um caso de loucura epileptica*. O artificio, porém, era importado: deu-lhe origem, pelo menos notavel, o fallecido Max Nordau no seu livro celebre *Degeneração*.

Se a *blague* dos estudantes não tivesse maior defeito que o não ser nova, não haveria mistér que se viesse fallar d'ella em publico. O peor é o mais que ella contém, ou, antes, denota. Disse eu que ella era estupida, vil e entristecedora. Repito-o, e vou proval-o. E' nisso que está o seu mal.

A *blague* dos estudantes é estupida, não só porque são negativos o portuguez e o lógico da sua redacção, mas tambem porque o auctor d'ella nem sequer soube effectuar seu proprio intento. Nada ha mais facil que provar por alto que qualquer é louco: basta ter que fazel-o só para quem nada entende da materia. Ao mais leigo em psychiatria — desde que nelle concorram a ausencia de escrupulos e a de espirito scientifico — é facil simular um diagnostico, encaixando em qualquer individuo apenas dois ou trez dos varios symptomas, cujo conjuncto compõe o quadro clinico de qualquer psychose. Ha toda a apparencia, para os leigos, de

Na transcripção esphacelada desapparece, assim, todo o sentido do paragrapho em seu conjuncto. E o que é nobreza e sinceridade na ligação do paragrapho completo resulta vileza e impudor quando d'elle se excluem, na transcripção ficticia, os seus elementos vitaes, o seu unico sentido.

Mais vil (se é possivel) que esta vileza, é a propria essencia do manifesto dos estudantes. Escreveram-o elles como *blague?* Ha trez cousas com que um espirito nobre, de velho ou de jovem, nunca brinca, porque o brincar com ellas é um dos signaes distinctivos da baixeza da alma: são ellas os deuses, a morte e a loucura. Se, porém, o author do manifesto o escreveu a serio, ou crê louco o dr. Raul Leal, ou, não crendo, usa o parecer crel-o para o conspurcar. Só a ultima canalha das ruas insulta um louco, e em publico. Só qualquer canalha abaixo d'essa imita esse insulto, sabendo que mente.

Ainda sobra vileza. O dr. Arthur Leitão, se escreveu um opusculo antipathico, escreveu-o comtudo contra o presidente do conselho, então dictador; atacou um homem que tinha comsigo toda a força das authoridades do Estado e da Tradição; um homem que, a ser louco, sem duvida exerceria, pelo logar que occupava, uma acção largamente nefasta.

Os estudantes são de melhor calculo. Entrincheirados simultaneamente no Governo Civil e na *Epocha* — isto é, na republica e na monarchia —, seguros porisso do appoio de toda a imprensa e da consequente difficultação de qualquer protesto, atacam e insultam confiadamente. Atacam e insultam a quem? A um homem que não os atacou, que está sosinho ou tão pouco acompanhado que é como se o estivesse, sem posição que o torne perigoso a quem o ataca, sem influencia que torne prejudicial a sua acção, suppondo que ella em sua essencia o seja. E por que foram movidos a esse insulto? Por aquillo mesmo que os devera demover, se o intentassem; por um manifesto em que sem duvida transparece uma alta intelligencia e se mostra uma altissima dignidade. Estupidos e sordidos, são porisso incapazes de conceder a possibilidade de um talento alheio que não comprehendam, ou senão de rebellar-se contra a alheia di-

d'elle de uma exaltação morbida do orgulho e de idéas de perseguição. Veremos opportunamente o que pesam estas duas allegações. Conceda-se, por ora, que são justas. Com isso se simplificará o argumento.

Nem as idéas doentias de grandeza, nem as idéas de perseguição bastam, de per si, separadas ou juntas, para provar a paranoia. Ha mister que se manifestem de certa maneira, que se desinvolvam de certo modo, e que nellas e em seu desenrolamento haja o que se chama systematização. E, provada que não seja a paranoia, pode a morbidez mental revelada descer facilmente — e quasi sempre se verá que desce — do nivel das psychoses para o das neuropsychoses, cuja gravidade é muito menor, como a sua natureza muito differente. Tenho notado — leigo que sou — em casos de simples hystero-epilepsia a eclosão episodica e irregular de taes idéas; nunca, porém, nellas se estabelece uma coordenação tal, que simulem de perto um delirio systematizado.

No dr. Raul Leal não se revelam idéas de perseguição. No manifesto d'elle parece haver, em algumas referencias á Egreja Catholica, um esboço muito vago d'ellas. Como, porém, na sua conversação e nos actos da sua vida taes idéas *nunca* surgem, nem mesmo vagas, podemos considerar o que no manifesto as simula como menos que episodico, pormenor antes da só imaginação exaltada, sobretudo litterariamente, que da inteligencia em desvio. A exaltação morbida do orgulho e da personalidade é que nelle é manifesta e frequente. Carece, porém, de linha morbida directriz, que a constitua em delirio. E tem, talvez, ainda que doentia na sua manifestação, uma razão-de-ser que de certo modo o não é, e que de todo a differença do delirio das grandezas.

A presença ou ausencia de elementos justificativos de um orgulho excessivo é um facto primordial para se fazer juizo em casos d'estes. O orgulho desmedido, e, por desmedido, doentio, de um homem de genio não tem analogia, senão na fórma externa, com o delirio orgulhoso de um megalomano vulgar. Quando um homem de genio, cujo genio reconhecemos já, manifesta um orgulho doentio, desculpamos-lhe o excesso da affirmação pela razão, que

L. do D.

245

Senti-me inquieto já. De repente, o silencio deixára de respirar.

Subito, de aço, um dia infinito estilhaçou-se. Agacheime, animal, sobre a mesa, com as mãos garras inuteis sobre a tabua lisa. Uma luz sem alma entrára nos recantos e nas almas, e um som de montanha desabara do alto, rasgando sedas do abysmo. Meu coração parou. A minha consciencia viu só um borrão de tinta num papel.

L. do P. 2 ½

Senti-me inquieto já. De repente, o silencio deixará de respirar.

Subito, de aço, um dia infinito estilhaçou-se. Agachei-me, animal, sobre a mesa, com as mãos garras inuteis sobre a tabua lisa. Uma luz sem alma entrára nos recantos e nas almas, e um som de montanha desabara do alto, rasgando sedas do abysmo. Meu coração parou. A minha consciencia viu só um corrão de tinta num papel.

3-64

5/4/1930.

246

L. do D.

Por mais que pertença, por alma, á linhagem dos romanticos, não encontro repouso senão na leitura dos classicos. A sua mesma estreiteza, atravez da qual a sua clareza se exprime, me conforta não sei de quê. Colho nelles uma impressão alacre de vida larga, que contempla amplos espaços sem os percorrer. Os mesmos deuses pagãos repousam do mysterio.

A analyse sobrecuriosa das sensações - por vezes das sensações que suppomos ter -, a identificação do coração com a paisagem, a revelação anatomica dos nervos todos, o uso do desejo como vontade e da aspiração como pensamento - todas estas coisas me são demasiado familiares para que em outrem me tragam novidade, ou me dêem socego. Sempre que as sinto, desejaria, exactamente porque as sinto, estar sentindo outra cousa. E, quando leio um classico, essa outra cousa é-me dada.

Confesso-o sem rebuço nem vergonha... Não ha trecho de Chateaubriand ou canto de Lamartine - trechos que tantas vezes parecem ser a voz do que eu penso, cantos que tanta vez parecem ser-me ditos para conhecer - que me enleve e me erga como um trecho de prosa de Vieira ou uma outra ode d'aquelles nossos poucos classicos que seguiram deveras a Horacio.

Leio e estou liberto. Adquiro objectividade. Deixei de ser eu e ~~guarda-livros~~. E o que leio, em vez de ser um trajo que mal vejo e por vezes me pesa, é a grande clareza do mundo externo, toda ella ~~visivel~~, o sol que vê todos, a lua que malha de sombras o chão quieto, os espaços largos que acabam em mar, a solidez negra das arvores que acenam verdes em cima, a paz solida dos tanques das quintas, os caminhos tapados pelas vinhas, nos declives breves das encostas.

Leio como quem abdica. E, como a coroa e o manto regios nunca são tam grandes como quando o Rei que parte os deixa no chão, deponho sobre os mosaicos das antecamaras todos os meus triumphaes do tedio e do sonho, e subo a escadaria com a unica nobreza de ver.

Leio como quem passa. E é nos classicos, nos calmos, nos que, se soffrem, o não dizem, que me sinto sagrado transeunte, ungido peregrino, contemplador sem razão do mundo sem proposito, Principe do Grande Exilio, que deu, partindo-se, ao ultimo mendigo, a esmola extrema da sua desolação.

BIBLIOTECA NACIONAL

247

L. do D.

A sensação da convalescença, sobretudo se se fez sem sentir a doença que a precedeu, tem qualquer coisa de alegria triste. Ha um outomno nas emoções e nos pensamentos, ou, antes, um d'aquelles principios de primavera que, salvo que não cahem folhas, parecem, no ar e no céu, o xxxx outomno.

O cansaço sabe bem, e o xxxxx bem que sabe doe um pouco. Senti-mo-nos um pouco àparte da vida, ainda que nella, como que na varanda da casa de viver. Estamos contemplativos sem pensar, sentimos sem emoção definivel. A vontade sovega, pois não ha necessidade xxxxxxxx d'ella.

É então que certas memorias, certas esperanças, certos vagos desejos sobem lentamente a rampa da consciencia, como caminheiros vagos vistos do alto do monte. Memorias de coisas futeis, esperanças de coisas que não fez mal que não fôssem, desejos que não tiveram violencia de natureza ou de emissão, que nunca puderam querer ser.

Quando o dia se ajusta a estas sensações, como hoje, que, ainda que estio, está meio nublado com azues, e um vago vento não é quente, então o estado da alma se accentua em que pensamos, sentimos, vivemos estas impressões. Não que sejam mais claras as memorias, as esperanças, os desejos que xxxxxxx tinhamos. Mas sente-se mais, e a sua somma incerta pesa um pouco, absurdamente, sobre o coração.

Ha qualquer coisa de longinquo em mim neste momento. Estou de facto à varanda da vida, mas não é bem d'esta vida. Estou sobre ella, e vendo-a de onde vejo. Jaz deante de mim, descendo em socalcos e resvalamentos, como uma paisagem diversa, até aos fumos sobre casas brancas das aldeias do valle. Se cerrar os olhos, continúo vendo, poisque não vejo. Se os abrir nada mais vejo, poisque não via. Sou todo eu uma vaga saudade, nem do passado, nem do futuro: sou uma saudade do presente, anonyma, nem de mim comprehendida.

16/7/1932.

BIBLIOTECA NACIONAL

5/4/1930.

248

L. do D.

O socio capitalista aqui da firma, sempre doente em parte incerta, quiz, não sei por que capricho de que intervallo de doença, ter um ~~xxtx~~ retrato do conjuncto do pessoal do escriptorio. E assim, antes de hontem, alinhámos todos, por indicação do photographo alegre, contra a barreira branca suja que divide, com madeira fragil, o escriptorio geral do gabinete do patrão Vasques. Ao ~~centro~~ em corpo o mesmo Vasques; nas duas alas, numa distribuição primeiro definida, depois indefinida, de categorias, as outras almas humanas que aqui se reunem ~~todos~~ os dias para pequenos fins cujo ultimo intuito só o segredo dos Deuses conhece.

Hoje, quando cheguei ao escriptorio, um pouco tarde, e, em verdade, esquecido já do acontecimento estático da photographia duas vezes tirada, encontrei o Moreira, inesperadamente matutino, e um dos caixeiros de praça, debruçados rebuçadamente sobre umas coisas ennegrecidas, que reconheci como as primeiras provas ~~xx~~ das photographias. Eram, afinal, só de uma, d'aquella que ficára melhor.

~~Senti~~ a verdade ao ver-me alli, porque, como é de suppor, foi a mim mesmo que primeiro busquei. Nunca tive uma ~~alta~~ idéa nova da minha presença physica, mas nunca a senti tam nulla como em comparação com as outras caras, tam minhas conhecidas, naquelle alinhamento de quotidianos. Pareço um jesuita fruste. A minha cara magra e inexpressiva nem tem intelligencia, nem intensidade, nem qualquer coisa, seja o que fôr, que a alce da maré morta das outras caras. Da maré morta, não. Ha alli rostos verdadeiramente expressivos. O patrão Vasques está tal qual é - o largo rosto prazenteiro e duro, o olhar firme, o bigode rigido completando. A energia, a esperteza, do homem - afinal tam banaes, e tantas vezes repetidas por tantos milhares de homens em todo o mundo - são todavia escriptas naquella photographia como num passaporte ~~xxxx~~ psychologico. Os dois caixeiros viajantes estão admiraveis; ~~cx xxxx~~ caixeiro de praça está bem, mas ficou um pouco por traz de um hombro do Moreira. E o Moreira! O meu chefe Moreira, essencia da monotonia e da continuidade, está muito mais gente do que eu! Até o moço - reparo sem poder reprimir um sentimento que busco suppor que não é inveja - tem uma ~~humanidade~~ de cara, uma expressão directa que dista ~~dos risos~~ do meu apagamento nullo de esphynge de papelaria.

O que quererá isto dizer? Que verdade é esta que uma pellicula não erra? Que certeza é esta que uma lente fria documenta? Quem sou, para que seja assim? Comtudo... E o insulto do conjuncto ?

- Você ficou muito bem, ~~xxxx~~ diz de repente o Moreira. E depois, virando-se para o caixeiro de ~~praça~~ praça, "É mesmo a carinha d'elle, hein?" E o caixeiro de praça concordou com uma alegria amiga que atirou para o lixo.

me escorreu

L. do D.

Sinto-me às vezes tocado, não sei porquê, de um prenuncio de morte. Ou seja uma vaga doença, que se não materializa em dor e porisso tende a espiritualizar-se em fim, ou seja um cansaço que quer um somno tam profundo que o dormir lhe não basta - o certo é que sinto como se, no fim de um peorar de doente, por fim largasse sem violencia ou saudade as mãos debeis de sobre a colcha sentida.

Considero então que coisa é esta a que chamamos mortex. Não quero ~~fazer~~ ~~de~~ dizer o ~~meu~~ mysterio da morte, que não penetro, mas a sensação physica de cessar de viver. A humanidade tem medo da morte, mas incertamente; o homem normal bate-se bem em exercito, o homem normal, doente ou velho, raras vezes olha com horror o abysmo do nada que elle attribue a esse abysmo. Tudo isso é falta de imaginação. Nem ha nada menos de quem pensa que suppôr a morte um somno. Porque o ha de ser se a morte se não assemelha ao somno? O essencial do somno é o accordar-se d'elle, e da morte, suppomos, não se accorda. E se a morte se ~~assemelha~~ assemelha ao somno, deveremos ter a noção de que se accorda d'ella. Não é isso, porém, o que o homem normal se figura: figura para si a morte como um somno de que não se accorda, o que nada quere dizer. A morte, dísse, não se assemelha ao somno, pois no somno se está vivo e dormindo; nem sei como póde alguem assemelhar a morte a qualquer coisa, pois não póde ter experiencia d'ella, ou coisa com que a comparar.

A mim, quando vejo um morto, a morte parece-me uma partida. O cadaver dá-me a impressão de um trajo que se deixou. Alguem se foi embora e não precisou de levar aquelle fato unico que vestira(vestia).

3.68

16/3/1932.

250

L. do D.

Passaram mezes sobre o ultimo que escrevi. Tenho estado num somno do entendimento pelo qual tenho sido outro na vida. Uma sensação de felicidade translata tem-me sido frequente. Não tenho existido, tenho sido outro, tenho vivido sem pensar.

Hoje, de repente, voltei ao que sou ou me sonho. Foi um momento de grande cansaço, depois de um trabalho sem relevo. Pousei a ~~xxxxx xxx~~ cabeça contra as mãos, fincados os cotovellos na mesa alta inclinada. E, fechados os olhos, retrovei-me.

Num somno falso longinquo relembrei tudo quanto fôra, e foi com uma nitidez de paysagem vista que se me ergueu de repente, antes ou depois de tudo, o lado largo da quinta velha, de onde, a meio da visão, a era se erguia vazia.

Senti immediatamente a inutilidade da vida. Vêr, sentir, lembrar, esquecer - tudo isso se me confundiu, ~~com xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ vaga dôr nos cotovellos, com o murmurio incerto da rua proxima e os pequenos ruidos do trabalho socegado no escriptorio quedo.

Quando, depostas as mãos sobre a mesa ao alto, lancei sobre o que via o olhar que deveria ser de um cansaço cheio de mundos mortos, a primeira coisa que vi, com ver, foi uma mosca varejeira (aquelle vago zumbido que não era do escriptorio!) poisada em cima do tinteiro. Contemplei-a do fundo do abysmo, anonymo e disperto. Tinha tons verdes de azul preto, e era lustrosa de um nojo que não era feio. Uma vida!

Quem sabe para que forças supremas, deuses ou demonios da Verdade em cuja sombra erramos, não serei senão a mosca lustrosa que poisa um momento deante d'elles? ~~xxxxxxxx~~ Reparo facil? Observação já feita? Philosophia sem pensamento? Talvez, mas eu não pensei: senti. ~~E~~ Foi carnalmente, directamente, com um horror profundo e ~~epidermico~~, que fiz a comparação ~~involuntaria~~. Fui mosca quando me comparei a mosca. Senti-me mosca quando suppuz que me o senti. E senti-me uma alma à mosca, dormi-me mosca, senti-me fechado mosca. E o horror é que no mesmo tempo me senti eu. Sem querer, ergui os olhos para a direcção do tecto, não baixasse sobre mim uma regua suprema, e esmagar-me, como eu poderia esmagar aquella mosca. Felizmente, quando baixei os olhos, a mosca, sem ruido que eu ouvisse, desapparecera. O escriptorio involuntario estava outra vez sem philosophia.

BIBLIOTECA NACIONAL

- Depois que os ultimos calores do estio deixaram de ser duros no sol baço, começou o outomno, antes que viesse, numa leve tristeza, prolixamente indefinida, que parecia uma vontade de não sorrir do céu. Era um azul umas vezes mais claro, outras mais verde, da propria ausencia de substancia da côr alta; era uma especie de esquecimento nas nuvens, purpuras differentes e esbatidas; era, não já um torpor, mas um tedio, em toda a solidão quieta por onde as ~~xxxxxxxxxxxxxx~~ nuvens atravessam.

A entrada do verdadeiro outomno era depois annunciada por um frio dentro do não-frio do ar, por um esbater-se das côres que ainda se não haviam esbatido, por qualquer coisa de penumbra e de afastamento no que havia sido o tom das paisagens e o aspecto disperso das coisas. Nada ia ainda morrer, mas tudo, como que num sorriso que ainda faltava, se virava em saudade para a vida.

Vinha, por fim, o outomno certo: o ar tornava-se frio de vento; soavam folhas num tom secco, ainda que não fossem folhas seccas; toda a terra tomava a côr e a fórma impalpavel de um paul incerto. Descoloria-se o que fora sorriso ultimo, num cansaço de palpebras, numa indifferença de gestos. E assim tudo quanto sente, ou suppomos que sente, apertava, intima, ao peito ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ a sua propria despedida. Um som de redemoinho num atrio fluctuava atravez da nossa consciencia de outra coisa qualquer. Aprazia convalescer para sentir verdadeiramente a vida.

Mas as primeiras chuvas do inverno, vindas ainda no outomno já duro, lavavam estas meias-tintas como sem respeito. Ventos altos, chiando em coisas paradas, barulhando coisas presas, arrastando coisas moveis, erguiam, entre os brados irregulares da chuva, palavras ausentes de protesto anonymo, sons tristes e quasi raivosos de desespero sem alma.

- E por fim o outomno cessava, a frio e cinzento. Era um outomno de inverno o que vinha agora, um pó tornado lama de tudo, mas, ao mesmo tempo, qualquer coisa do que o frio do inverno traz de bom - verão duro findo, primavera por chegar, outomno definindo-se em inverno enfim. E no ar alto, por onde os tons baços já não lembravam nem calor nem tristeza, tudo era propicio à noite

29/1/1932

252

L. do D.

O que tenho sobretudo é cansaço, e aquelle desasocego que é gemeo do cansaço quando este não tem outra razão de ser senão o estar sendo. Tenho um receio intimo dos gestos a esboçar, uma timidez intellectual das palavras a dizer. Tudo me parece anticipadamente fruste

O insupportavel tedio de todas estas caras, alvares de intelligencia ou de falta d'ella, grotescas até á nausea de felizes ou infelizes, horrorosas porque existem, maré separada de coisas vivas que me são alheias.....

BIBLIOTECA NACIONAL

3-71

5/2/1932

L. do D.

253

Doem-me a cabeça e o universo. As dores physicas, mais nitidamente dores que as moraes, desinvolvem, por um reflexo no espirito, tragedias incontidas nellas. Trazem uma impaciencia de tudo que, como é de tudo, não exclue nenhuma das estrellas.

Não commungo, não communguei nunca, não poderei, suponho, alguma vez commungar aquelle conceito bastardo pelo qual somos, como almas, consequencias de uma coisa material chamada cerebro, que existe, por nascença, dentro de outra coisa material chamada craneo. Não posso ser materialista, que é o que, creio, se chama aquelle conceito, porque não posso estabelecer uma relação nitida - uma relação visual, direi - entre uma massa visivel de materia cinzenta, ou de outra côr qualquer, e esta coisa por traz do meu olhar que vê os céus e os pensa, e imagina céus que não existem. Mas, ainda que nunca possa cahir no abysmo de suppor que uma coisa possa ser outra só porque estão no mesmo logar, como uma parede e a minha sombra nella, ou que depender a alma do cerebro seja mais que depender eu, para o meu trajecto, do vehiculo em que vou, creio, todavia, que ha entre o que nós é só espirito e o que em nós é espirito do corpo uma relação de convivio em que podem surgir discussões. E a que surge vulgarmente é a de a pessoa mais ordinaria incommodar a que o é menos.

Doe-me a cabeça hoje, e é talvez do estomago que me doe. Mas a dor, uma vez suggerida do estomago á cabeça, vae interromper as meditações que tenho por traz de ter cerebro. Quem me tapa os olhos não me cega, porém impede-me de ver. E assim agora, porque me doe a cabeça, acho sem valia nem nobreza o espectaculo, neste momento monotono e absurdo, do que ahi fóra mal quero ver como mundo. Doe-me a cabeça, e isto quere dizer, que tenho consciencia de uma offensa que a materia me faz, e que, porque, como todas as offensas, me indigna, me predispõe para estar mal com toda a gente, incluindo a que está proxima porém me não offendeu.

O meu desejo é de morrer, pelo menos temporariamente, mas isto, como disse, só porque me doe a cabeça. E neste momento, de repxente, lembra-me com que melhor nobreza um dos grandes prosadores diria isto. Desenrolaria, periodo a periodo, a magua anonyma do mundo; aos seus olhos imaginadores de paragraphos surgiriam, diversos, os dramas humanos que ha na terra, e atravez do latejar das fontes febris erguer-se-hia no papel toda uma metaphysica da desgraça. Eu, porém, não tenho nobreza estylistica. Doe-me a cabeça porque me doe a cabeça. Doe-me o universo porque a cabeça me doe. Mas o universo que realmente me doe não é o que existe porque não sabe que existo, mas aquelle, meu de mim, que, se eu passar a mão pelos cabellos, me faz parecer que

BIBLIOTECA NACIONAL

---

1. do 1.

L. do D.

Nunca durmo: vivo e sonho, ou, antes; sonho em vida e a dormir, que tambem é vida. Não ha interrupção em minha consciencia: sinto o que me cerca se não durmo ainda, ou se não durmo bem; entro logo a sonhar ~~xx xxxxxx xxxxxx~~ desde que deveras durmo. Assim o que sou é um perpetuo desenrolamento de imagens, connexas ou desconnexas, fingindo sempre de exteriores, umas postas entre os homens e a luz se estou disperto, outras postas entre os fantasmas e a sem-luz a que se vê, se estou dormindo. Verdadeiramente, não sei como distinguir umacoisa da outra, nem ouso affirmar se/durmo quando estou disperto, se não estou a dispertar quando durmo.

/não

A vida é um novello que alguem emmaranhou. Ha um sentido nella, se estiver desenrolada e posta ao comprido, ou enrolada bem. Mas, tal como está, é um problema sem novello proprio, um embrulhar-se sem onde.

Sinto isto, que depois escreverei, pdsque vou já sonhando as phrases a dizer, quando, atravez da noite de meio-dormir, sinto, junto com as paisagens de sonhos vagos, o ruido da chuva lá fora, a tornar-m'os mais vagos ainda. São adivinhas do vacuo, tremulas de abysmo, atravez d'ellas se escoa, inutil, a plagencia externa da chuva constante, minucia abundante da paisagem do ouvido. Esperança? Nada. Do céu invisivel desce em som a magua agua que vento alça. Continúo dormindo.

Era, sem duvida, nas alamedas do parque que se passou a tragedia de que resultou a vida. Eram dois e bellos e desejavam ser outra coisa; o amor tardava-lhes no tedio do futuro, e a saudade do que haveria de ser vinha já sendo filha do amor que não tinham tido. Assim, ao luar dos bosques proximos, pois atravez d'elles se coava a lua, passeavam, mãos dadas, sem desejos nem esperanças, atravez do deserto proprio das aleas abandonadas. Eram creanças inteiramente, poisque o não eram em verdade. De alea em alea, siluetas entre arvore e arvore, percorriam em papel recortado aquelle scenario de ninguem. E assim se sumiram para o lado dos tanques, cada vez mais juntos e separados, e o ruido da vaga chuva que cessa é o dos repuxos de para onde iam. Sou o amor que elles tiveram e porisso os sei ouvir na noite em que não durmo, e tambem sei viver infeliz.

o luar

2/5/1932.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Não sei o que é o tempo. Não sei qual a verdadeira medida que elle tem, se tem alguma. A do relogio sei que é falsa: divide o tempo espacialmente, por fóra. A das emoções sei tambem que é falsa: divide, não o tempo, mas a sensação d'elle. A dos sonhos é errada; nelles roçamos o tempo, uma vez prolongadamente, outra vez depressa, e o que vivemos é apressado ou lento conforme qualquer coisa xxx do decorrer cuja natureza ignoro.

Julgo, ás vezes, que tudo é falso, e que o tempo não é mais que uma moldura para enquadrar o que lhe é extranho. Na recordação, que tenho da xxxx minha vida passada, os tempos estão dispostos em niveis e planos absurdos, sendo eu mais jovem em certo episodio dos quinze annos que em outro da infancia sentada entre brinquedos.

Hlemmes

Emmaranha-se-me a consciencia se penso nestas coisas. Presinto um erro em tudo isto; não sei, porém, de que lado está. É como se assistisse a uma sorte de prestidigitação, onde, por ser tal, me soubesse enganado, porém não concebesse qual a technica, ou a mechanica, do engano.

Chegam-me, então, pensamentos absurdos, que não consigo todavia repellir como aburdos de todo. Penso se um homem que medita devagar dentro de um carro que segue depressa está indo xxxxxxxxxxxxxxx depressa ou devagar. Penso se serão eguaes as velocidades identicas com que cahem no mar o suicidae o que se desequilibrou na esplanada. Penso se são realmente synchronicos os movimentos, que occupam o mesmo tempo, em os quaes fumo um cigarro, escrevo este trecho e penso obscuramente.

De duas rodas no mesmo eixo podemos pensar que ha sempre uma que estará mais adeante, ainda que seja fracções de millimetrox. Um microscopio exaggeraria este deslocamento até o tornar xxxxxxxxxx quasi inacreditavel, impossivel se não fôsse real. E porque não ha o miscroscopio de ter razão contra a má vista? São considerações inuteis? Bem o sei. São illusões da consideração? Concedo. Que coisa, porém, é esta que nos mede sem medida e nos mata sem ser? E é nestes momentos, em que nem sei se o tempo existe, que o sinto como uma pessoa, e tenho vontade de dormir.

23/5/1932.

BIBLIOTECA NACIONAL

15/5/1932.

256

L. do D.

Nada pesa tanto como o affecto alheio, nem o odio alheio, porisso. O odio é mais intermittente que o affecto; sendo uma emoção desagradavel, tende, por instincto de quem a tem, a ser menos frequente. Tanto o odio como o amor nos oppriment; ambos nos buscam e procuram; nos não deixam (sós).

O meu ideal seria viver tudo em romance, repousando na vida ~~a~~ - lêr as minhas emoções, ~~xxxxxxxxxx~~ viver o meu desprezo d'ellas. Para quem tenha a imaginação à flor da pelle, as aventuras de um ~~xxxxxxxx~~ protagonista de romance são emoção propria bastante, e mais, poisque que são d'elle e nossas. Não ha grande aventura como ter amado Lady Macbeth, com amor verdadeiro e directo; que tem que fazer que assim amou senão, ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ por descanso, ~~xxxxxxx~~ não amar nesta vida ninguem?

Não sei que sentido tem esta viagem a que fui forçado, entre uma noite e outra noite, a fazer na companhia do universo inteiro. Sei que posso ler para me distrahir: Considero a leitura como o modo mais simples de entreter esta, como outra, viagem; e, de vez em quando, ergo os olhos do livro onde estou sentindo verdadeiramente, e vejo, como estrangeiro, a paisagem que foge - campos, cidades, homens e mulheres, affeições e saudades - e tudo isso não é mais para mim do que um ~~xxxxxxxxx~~ episodio do meu repouso, uma distracção inerte em que descanço os olhos das paginas demasiado lidas.

Só o que sonhamos é o que verdadeiramente somos, porque o mais, por estar realizado, pertence ao mundo e a toda a gente. Se realizasse algum sonho, teria ciumes d'elle, pois me haveria trahido com o ter-se deixado realizar. Realizei tudo quanto quiz, diz o debil, e é mentira; a verdade é que sonhou propheticamente tudo quanto a vida realizou d'elle. Nada realizamos. A vida atira-nos como uma pedra, e nós vamos dizendo no ar, "Aqui me vou mexendo."

Seja o que fôr este interludio mimado sob o projector do sol e as lantejoulas das estrellas, não faz mal decerto saber que elle é um interludio; se o que está para além das portas do theatro é a vida, viveremos; se é a morte, morreremos, e a peça nada tem com isso.

Porisso nunca me sinto tam proximo da verdade, tam sensivelmente iniciado, como quando nas raras vezes que vou ao theatro ou ao circo: sei então que enfim estou assistindo à perfeita figuração da vida. E os actores e as actrizes, os palhaços e os prestigitidadores são coisas importantes e futeis, como o sol e a lua, o amor e a morte, a peste, a fome, a guerra, a huminidade. Tudo é theatro. Ah, quero a verdade! Vou continuar o romance...

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Paira-me à superficie do cansaço qualquer coisa de aureo que ha sobre as aguas quando o sol findo as abandona. Vejo-me como ao lago que imaginei, e o que vejo nesse lago sou eu. Não sei como explique esta imagem, ou este symbolo, ~~xxx~~ ou este eu em que me figuro. Mas o que tenho por certo é que vejo, como se de facto visse, um sol por traz de montes, dando raios perdidos sobre o lago que os recebe a ouro escuro.

Um dos maleficios de pensar é ver quando se está pensando. Os que pensam com o raciocinio estão distrahidos. Os que pensam com a emoção estão dormindo. Os que pensam com a vontade estão mortos. Eu, porém, penso com a imaginação, e tudo quanto deveria ser em mim ou razão, ou magua, ou impulso, se me reduz a qualquer cousa indifferente e distante, como este lago morto entre rochedos onde o ultimo do sol paira desalongadamente.

Porque parei, estfemeceram as aguas. Porque reflecti, o sol recolheu-se. Cerro os olhos lentos e cheios de somno, e não ha dentro de mim senão uma região lacustre onde a noite começa a deixar de ser dia num reflexo castanho escuro de aguas de onde as algas surgem.

Porque escrevi, nada disse. Minha impressão é que o que existe é sempre em outra regiãc, além de montes, e que ha grandes viagens por fazer se tivermos alma com que ter passos.

Cessei, como o sol na minha paisagem. ~~Já resta~~ Não fica, do que foi dito ou visto, senão uma noite já fechada, cheia de brilho morto de lagos, numa planicie sem patos bravos, morta, fluida, humida e sinistra.

28/3/1932.

BIBLIOTECA NACIONAL

37 71.
41. 77.
81.
85.
108.

Jewish Newspapers

L. do D.

A vida é uma viagem experimental, feita involuntariamente. É uma viagem do espirito atravez da materia, e, como é o espirito que viaja, é nelle que se vive. Ha, porisso, almas contemplativas que teem vivido mais intensa, mais extensa, mais tumultuariamente do que outras que teem vivido externas. O resultado é tudo. O que se sentiu foi o que se viveu. Recolhe-se tam cansado de um sonho como de um trabalho visivel. Nunca se viveu tanto como quando se pensou muito.

Quem está ao canto da sala dansa com todos os dansarinos. Vê tudo, e, porque vê tudo, vive tudo. Como tudo, em summula e ultimidade, é uma sensação nossa, tanto vale o contacto com um corpo como a visão d'elle, ou, até, a sua ~~xxxx~~simples recordação. Danso, pois, quando vejo dansar. Digo, como o poeta inglez, ~~xxxxxxxx~~ narrando que contemplava, deitado na herva ao longe, trez ceifeiros: "Um quarto está ceifando, e esse sou eu".

Vem isto tudo, qua vae dito como vae sentido, a proposito do grande cansaço, apparentemente sem causa, que desceu hoje subito sobre mim. Estou não só cansado, mas amargurado, e a amargura é incognita tambem. Estou, de angustiado, à beira de lagrimas - não de lagrimas que se choram, mas que se reprimem, lagrimas de uma doença da alma, que não de uma dôr sensivel.

Tanto tenho vivido sem ter ~~xxxxxx~~ vivido! Tanto tenho pensado sem ter pensado! Pesam sobre mim mundos de violencias paradas, de aventuras tidas sem movimento. Estou farto do que nunca tive nem terei, tediento de deuses por existir. Trago commigo as feridas de todas as batalhas que evitei. Meu corpo muscular está moido do exforço que nem pensei em fazer.

Baço, mudo, nullo... O céu ao alto é de um verão morto, imperfeito. Olho-o como se elle alli não estivesse. Durmo o que penso ~~xxxx~~, estou deitado andando, soffro sem sentir. A minha grande nostalgia é de nada, é nada, como o céu alto que não vejo, e que estou fitando impessoalmente.

23/6/1932.

BIBLIOTECA NACIONAL

3-77

14/6/1932

AGOSTO 28 QUARTA-FEIRA

L. do D.

259

Ninguem comprehende outro. Somos, como vimos o porto, ilhas no mar da vida; como entre nós o mar que nos ~~[illegible]~~ define a separação. Por mais que uma alma se exforce por saber o que é outra alma, não sabemos sinto o que lhe diga uma palavra — sombra disforme no chão do seu entendimento.

Amo as expressões porque não sei nada do que exprimem. Sou amo o mesmo de Santos ~~[illegible]~~ Martins: contemplo-a com o que me é dado. Vejo, e já é muito. Quem é capaz de entender?

Talvez seja por esta aceptação do intelligivel que eu encarnei de igual modo uma arvore e uma cara, um cartaz e um sorriso. (Tudo é natural, tudo artificial, tudo igual)

AGOSTO 29 QUINTA-FEIRA

Tudo o que vejo é para assim o 2º visual, segundo o seu alto angulo de vista ~~[illegible]~~ branco ou manhã que he de vir, segundo o esgar falso ou que se contrahe o rosto de quem ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ suffrer a morte de quem amou ~~[illegible]~~.

Bonecos, illustrações, papeis ~~[illegible]~~ que existem e se voltam. Nem concepção não está nulla; nem para mais alterações que as precisas de fim, como um nosso ~~[illegible]~~ por um papel.

Sei em regra se está, se ~~[illegible]~~ pena, se existe? Nada: só um esclarecimento, de objectivo claro, de fim, de expressão ~~[illegible]~~ que são o ~~[illegible]~~ excellente

por vender [illegible]

L. do D.

Não é nos largos campos ou nos jardins grandes que vejo chegar a primavera. É nas poucas arvores pobres de um largo pequeno da cidade. Alli a verdura destaca como uma dadiva e é alegre como uma boa tristeza.

Amo esses largos solitarios, intercalados entre ruas de pouco transito, e elles mesmos sem mais transito que as ruas. São clareiras inuteis, coisas que esperam, entre tumultos longinquos. São de aldeia na cidade.

Passo por elles, subo qualquer das ruas suas affluentes, depois desço de novo essa rua, para a elle regressar. Visto do outro lado é differente, mas a mesma paz deixa dourar de saudade subita - sol no occaso - o lado que não vira na ida.

Tudo é inutil, e eu o sinto como tal. Quanto vivi se me esqueceu como se o ouvira distrahido. Quanto serei me não lembra como se o tivera vivido e esquecido.

Um occaso de magua leve paira vago em meu torno. Tudo esfria, não porque esfrie, mas porque entrei numa rua estreita e o largo cessou.

31/5/1932.

BIBLIOTECA NACIONAL

Nota. (ou L. do D.)

Regra é da vida que podemos, e devemos, apprender com toda a gente. Ha coisas da seriedade da vida que podemos apprender com charlatães e bandidos, ha philosophias que nos ministram os estupidos, ha licções de firmeza e de lei que veem no acaso e nos que são do acaso. Tudo está em tudo.

Em certos momentos muito claros da meditação, como aquelles em que, pelo principio da tarde, vagueio observnate pelas ruas, cada pessoa me traz uma ~~nbixia~~ noticia, cada casa me dá uma novidade, cada cartaz tem um aviso para mim.

Meu passeio c alado é uma conversa continua, e todos nós, homens, casas, pedras, cartazes e céu, somos uma grande multidão amiga, acotovellando-se de palavras na grande procissão do Destino.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Não sei quantos terão contemplado, com o olhar que merece, uma rua deserta com gente nella. Já este modo de dizer parece querer dizer qualquer outra cousa, e effectivamente q quer dizer. Uma rua deserta não é uma rua onde não passa ninguem, mas uma rua onde os que passam, passam nella como se fosse deserta. Não ha difficuldade em comprehender isto desde que se o tenha visto: uma zebra é impossivel para quem não conheça mais que um burro.

As sensações xxxx ajustam-se, dentro de nós, a certos graus e typos da comprehensão d'ellas. Ha maneiras de entender que teem maneiras de ser entendidas.

Ha dias em que sobe em mim, como que da terra alheia à cabeça propria, um tedio, uma magua, uma angustia, de viver que só me não parece insupportavel porque de facto a supporto. É um estrangulamento da vida em mim mesmo, um desejo de ser outra pessoa em todos os póros, uma breve noticia do fim.

BIBLIOTECA NACIONAL

L. do D.

Uma das minhas preoccupações constantes é o comprehender como é que outra gente existe, como é que ha almas que não sejam a minha, consciencias extranhas à minha consciencia, que, por ser consciencia, me parece ser a unica. Comprehendo bem que o homem que está deante de mim, e me falla ~~xxxxxx~~ com palavras eguaes às minhas, e me fez gestos que são como eu faço ou poderia fazer, seja de algum modo meu similhante. O mesmo, porém, me succede com as gravuras nas illustrações, com as personagens dos romances, com as ~~figuras~~ pessoas dramaticas que no palco passam atravez dos actores que as figuram.

Ninguem, supponho, admitte verdadeiramente a existencia real de outra pessoa. Pode conceder que essa pessoa seja viva, que sinta e pense como elle; mas haverá sempre um elemento ~~xxxxxxxxxxx~~ anonymo de differença, uma desvantagem materializada. ~~Xxx~~ Ha figuras de tempos idos, imagens espiritos em livros, que são para nós realidades maiores que aquellas indifferenças incarnadas que fallam comnosco por cima de balcões, ou nos olham por acaso nos electricos, ou nos roçam, transeuntes, no acaso morto das ruas.

Tenho por mais minhas, com maior parentesco e intimidade, certas figuras que estão escriptas em livros, certas imagens que conheci de estampas, do que muitas pessoas, a que chamam reaes, que são d'essa inutilidade metaphysica chamada carne e osso. E "carne e osso", de facto, as descreve bem: parecem coisas cortadas postas no exterior marmoreo de um talho, mortes sangrando como vidas, pernas e costelletas do Destino.,

~~xxxx~~ Não me envergonho de sentir assim porque já vi que todos sentem assim. O que parece haver de desprezo entre homem e homem, de indifferente que permitte que se mate gente sem que se sinta que se mata, como entre os assassinos, ou sem que se pense que se está matando, como entre os soldados, é que ninguem presta a devida attenção ao facto, parece que abstruso, de que os outros são almas tambem.

Em certos dias, em certas horas, trazidas até mim por não sei que brisa, abertas a mim por a abrir de não sei que porta, sinto de repente que o merceeiro da esquina é um ente espiritual, que o marçano, que neste momento se debruça à porta sobre o saco de batatas, é, verdadeiramente, uma alma capaz de soffrer.

Quando hontem me disseram que o empregado da tabacaria se tinha suicidado, teve uma impressão de mentira. Coitado, tambem existia! Tinhamos esquecido isso, nós todos. Amanhã esquecel-o-hemos melhor. Mas que havia alma, havia, para que se matasse. Paixões? Angustias ? Sem duvida... Mas a mim, como à humanidade inteira, há só a memoria de um sorriso parvo por cima de um casaco de mescla, sujo, e desegual nos

hombros. É quanto me resta, a mim, de quem tanto sentiu que se matou de sentir, porque, emfim, de outra coisa se não deve matar alguem... Pensei uma vez, ao compraralhe cigarros, que encalveceria cedo. Afinal não teve tempo para encalvecer. E' uma

Tenho subitamente a visão do cadaver, do caixão em que o metteram, da cova, inteiramente alheia, a que o haviam de ter levado. E vejo, de repente, que o caixeiro da tabacaria era, em certo modo, casaco torto e tudo, a humanidade inteira.

Foi só um momento. Hoje, agora, claramente, como homem que sou, elle morreu. Mais nada.

Sim, os outros não existem...

26/1/1932.

264

L. do D.

Foi-se hoje embora, definitivamente, para a terra que é d'elle, o moço do escriptorio, aquelle mesmo homem que tenho estado habituado a considerar como parte do escriptorio, e, portanto, como parte de mim e do mundo que é meu. Foi-se hoje embora. No corredor, despedindo-nos, dei-lhe um abraço, e tive contra-alma bastante para não chorar, como desejavam meus olhos quentes.

Cada coisa que foi nossa, ainda que só pelos accidentes do convivio ou da visão, porque foi nossa se torna nós. O que se partiu hoje, pois, para uma terra gallega que ignoro, não foi, para mim, o moço do escriptorio; foi uma parte vital, porque visual e humana, da substancia da minha vida. Fui hoje diminuido. Já não sou o mesmo. O moço do escriptorio foi-se embora.

Tudo que se passa no onde vivemos é em nós que se passa. Tudo que cessa no que vemos é em nós que cessa. Tudo que foi, se o vimos quando era, é de nós que foi tirado quando se partiu. O moço do escriptorio foi-se embora.

É mais pesado, mais velho, menos voluntario que me sento a carteira alta e começo a continuação da escripta de hontem. Mas a tragedia de hoje interrompe com meditações, que tenho que dominar à força, o processo automatico da escripta como deve ser. Não tenho alma para trabalhar senão porque posso ser escravo de mim. O moço do escriptorio foi-se embora.

Sim, amanhã, ou outro dia, ou quando quer que soe para mim o sino sem som da morte ou da ida, eu tambem serei quem aqui já não está, copiador antigo que vae ser arrumado no armario por baixo do vão da escada. Sim, amanhã, ou quando o Destino disser, terá fim o que fingiu em mim que fui eu. Irei para a terra? Não sei para onde irei. Hoje a tragedia é visivel pela falta, sensivel por não merecer que se sinta. Meu Deus, meu Deus, o moço do escriptorio foi-se embora.

Natal 16/12/1931.

BIBLIOTECA NACIONAL

PALHARES, ALMEIDA & SILVA, L.DA

REPRESENTAÇÕES

NOVIDADES
= MODAS =
PERFUMARIAS

R. DOS FANQUEIROS, 44
LISBOA (PORTUGAL)
PARQUE ESTORIL, LOJA 29.

CODE: BENTLEY'S-RIBEIRO
TEL.: CENTRAL 56

3-83

265

A. VICTOR LOPES

L. n D.

... barcos que ponam na noite e se
nem saúdam nem conhecem

BIBLIOTECA NACIONAL

A arte consiste em fazer os outros sentir o que nós sentimos, em os libertar d'elles mesmos, propondo-lhes a nossa personalidade para especial libertação. O que sinto, na verdadeira substancia em que o sinto, é absolutamente incommunicavel; e quanto mais profundamente o sinto, tanto mais incommunicavel é. Para que eu, pois, possa transmittir a outrem o que sinto, tenho que traduzir os meus sentimentos na linguagem d'elle, isto é, que dizer taes coisas como sendo as que eu sinto, que elle, lendo-as, sinta exactamente o que eu senti. E como este outrem é, por hypothese de arte, não esta ou aquella pessoa, mas toda a gente, isto é, aquella pessoa que é commum a todas as pessoas, o que, afinal, tenho que fazer é converter os meus sentimentos num sentimento humano typico, ainda que pervertendo a verdadeira natureza d'aquillo que senti.

Tudo quanto é ~~xxxxxxxxx~~ abstracto é difficil de comprehender, porque é difficil de conseguir para elle a attenção de quem o leia. Darei, porisso, um exemplo simples, em que as abstracções que formei se concretizarão. Supponha-se que, por um motivo qualquer, que póde ser o cansaço de fazer contas ou o tedio de não ter que fazer, cahe sobre mim uma tristeza vaga da vida, uma angustia de mim que me perturba e inquieta. Se vou traduzir esta emoção por phrases que de perto a cinjam, quanto mais de perto a cinjo, mais a dou como propriamente minha, menos, portanto, a communica a outros. E, ~~para a~~ não communicar-a a outros, ~~basta, por~~ mais facil, sentil-a sem a escrever.

Supponha-se, porém, que desejo communical-a a outros, isto é, fazer d'ella arte, pois a arte é a communicação aos outros da nossa identidade intima com elles; sem o que nem ha communicação nem necessidade de a fazer. Procuro qual será a emoção humana vulgar que tenha o tom, o typo, a fórma d'esta emoção em que estou agora, pelas razões inhumanas de ser um guarda-livros cansado ou um lisboeta aborrecido. E verifico que o typo de emoção vulgar que produz, na alma vulgar, esta mesma emoção é a saudade da infancia perdida.

Tenho a chave para a porta do meu thema. Escrevo e chóro a minha infancia perdida; demoro-me commovidamente sobre os pormenores da pessoas e mobilia da velha casa na provincia; evoco a felicidade de não ter direitos nem deveres, de ser livre por não saber pensar nem sentir - e esta evocação, se fôr bem feita como prosa e visões, vae dispertar no meu leitor exactamente a emoção que eu senti, que nada tinha com infancia.

Menti? Não, comprehendi. Que a mentira, salvo a que

BIBLIOTECA NACIONAL

é infantil e espontanea, e nasce da vontade de estar a sonhar, é tamsòmente a noção da existencia real dos outros e da necessidade de conformar a essa existencia a nossa, que se não póde conformar a ella. A mentira é simplesmente a linguagem da alma, pois, assim como nos servimos de palavras, que são sons articulados de uma maneira absurda, para traduzir os mais intimos e subtis movimentos da ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~ emoção e do pensamento, que as palavras forçosamente não poderão nunca traduzir, assim nos servimos da ~~xxxxx~~ da mentira e da ficção para nos entendermos uns aos outros, o que com a verdade, propria e intransmissivel, se nunca poderia fazer.

A arte mente porque é social. E ha só duas grandes fórmas da arte - uma que se dirige à nossa alma profunda, a outra que se dirige a nossa alma attenta. A primeira é a ~~xx~~ poesia, o romance a segunda. A primeira começa a mentir na propria estructura; a segunda começa a mentir na propria ~~xxxxxx~~ intenção. Uma pretende dar-nos a verdade por meio de linhas ~~xxxxxxxxxx~~ variadamente regradas, que mentem à inhorencia da falla; outra pretende dar-nos uma realidade que todos sabemos bem que nunca houve.

Fingir é amar. Nem vejo nunca um lindo sorriso ou um olhar significativo que não medite, de repente, e seja de quem fôr o olhar ou o sorriso, qual é; no fundo da alma ~~xxxx xxxxx~~ em cujo rosto se sorri ou olha, o estadista que nos quer comprar ou a prostituta que quer que a compremos. Mas o estadista que nos compra amou, ao menos, o comprar-nos; e a prostituta, a quem compremos, amou ao menos o comprar-mol-a. Não ~~xxxx~~ fugimos, por mais que queiramos, á fraternidade universal. Amamo-nos todos uns aos outros, e a mentira é o beijo que trocamos.

1/12/1931.

L. do D.

Muitos teem definido o homem, e em geral o teem definido em contraste com os animaes. Por isso, nas definições do homem, é frequente o uso da phrase "o homem é um animal ...", e um adjectivo, ou "o homem é um animal que"... e dizse o quê. "O homem é um animal doente", disse Rousseau, e em parte é verdade. "O homem é um animal racional" diz a Egreja, e em parte é verdade. "O homem é um animal que usa ferramenta" disse Carlyle, e em parte é verdade. Mas estas definições, e outras como ellas, são sempre imperfeitas e lateraes. E a razão é muito simples: não é facil distinguir o homem dos animaes. As vidas humanas decorrem na mesma intima inconsciencia que as vidas dos animaes. As mesmas leis profundas que regem de fora os instinctos dos animaes regem, tambem de fora, a intelligencia do homem, que parece não ser mais que um novo instincto em formação, tam inconsciente como todo o instincto, menos perfeita porque ainda não formada.

"Tudo vem da sem-razão", diz-se na anthologia grega. E na verdade tudo vem da sem-razão. Fora da mathematica, que não tem que ver senão com numeros mortos e formulas vazias, e porisso pode ser perfeitamente logica; fóra da physica e da chimica, que não teem que ver senão com elementos que não são vida, mas apenas nella entram, a sciencia não é senão um jogo de creanças no crepusculo, um querer apanhar sombras de aves e parar sombras de hervas ao vento.

E é curioso e estranho que, não sendo facil encontrar palavras com que verdadeiramente se defina o homem como distincto dos animaes, é todavia facil encontrar maneira de differençar o homem superior do homem vulgar. Nunca me esqueceu aquella phrase de Haeckel, o biologista, que li na infancia da intelligencia, quando se lêem as divulgações scientificas e as razões contra a religião. A phrase é esta, ou é quasi esta: que muito mais longe está o homem superior - um Kant ou um Goethe, creio que elle diz - do homem vulgar do que o homem vulgar do macaco superior. Nunca esqueci a phrase porque ella é verdadeira. Entre mim, que pouco sou, e um camponez de Loures vae, sem duvida, maior distancia que entre esse camponez e, não digo até um macaco superior, mas um gato ou um cão. Nenhum de nós, desde o gato até mim, conduz de facto a vida que lhe é imposta, ou o destino que lhe é dado; todos somos egualmente derivados de não sei de quê, sombras de gestos feitos por outrem, effeitos incarnados, consequencias sensiveis.

O homem superior differe do homem inferior, e dos animaes irmãos d'este, pela simples qualidade da ironia. A

ironia é o primeiro indicio de que a consciencia se tornou deveras consciente. E a ironia atravessa dois estadios: o estadio marcado por Socrates, quando disse, "só sei que nada sei", e o estadio marcado por Sanches quando disse, "nem xx sei se nada sei". O primeiro passo chega àquelle poncto em que duvidamos de nós dogmaticamente, e todo homem de superior intelligencia o dá e attinge. O segundo passo chega àquelle poncto em que duvidamos de xxxx nós e da nossa duvida, e poucos homens o teem attingido na curta extensão já tam longa do tempo que, humanidade, temos visto o sol e a noite sobre a varia superficie da terra.

Conhecer-se é errar, e o oraculo que disse "Conhece-te" propoz uma tarefa maior que as de Hercules e um enigma mais negro que o da Sphynge. Desconhecer-se conscientemente, eis o caminho. E desconhecer-se conscientemente é o emprego activo da ironia. Nem conheço cousa maior, nem mais propria do homem que é deveras grande, que a analyse paciente e expressiva dos modos de nos desconhecermos, o registro consciente da inconsciencia das nossas consciencias, a metaphysica das sombras autonomas, a poesia do crepusculo da desillusão.

Mas sempre qualquer coisa nos illude, sempre qualquer analyse se nos embota, sempre a verdade, ainda que falsa, está além da outra esquina. E é isto que cansa mais que a vida, quando ella cansa, e o conhecimento e meditação d'ella, que nunca deixa de cansar.

irregulares

Ergo-me da cadeira de onde, fincado distrahidamente contra amesa, me entretive a narrar para mim estas impressões intervallares. Ergo-me, ergo o corpo nelle mesmo, e vou até à janella xxxxxx, alta acima dos telhados, de onde posso ver a cidade ir a dormir num começo lento de silencio. A lua, grande e de um branco branco, elucida tristemente as differenças socalcadas da casaria. E o luar parece illuminar algidamente todo o mysteric do mundo. Parece mostrar tudo, e tudo é sombras com mixturas de luz má, intervallos falsos, desnivalamentos absurdos, incoherencias xx do visivel. Não ha brisa, e parece que o mysterio é maior. Tenho xxxxx nauseas no pensamento abstracto. Nunca escreverei uma pagina que me revele ou que revele alguma cousa. Uma nuvem muito leve paira vaga acima da lua, como um esconderijo. Ignoro, como estes telhados. Falhei, como a natureza inteira.

3/3/1931.

BIBLIOTECA NACIONAL

269

DO "LIVRO DO DESASOCEGO"

COMPOSTO POR BERNARDO SOARES, AJUDANTE DE GUARDA-LIVROS NA CIDADE DE LISBOA

Muitos teem definido o homem, e em geral o teem definido em contraste com os animaes. Por isso, nas definições do homem, é frequente o uso da phrase "o homem é um animal..." e um adjectivo, ou "o homem é um animal que..." e diz-se o quê. "O homem é um animal doente", disse Rousseau, e em parte é verdade. "O homem é um animal racional", diz a Egreja, e em parte é verdade. "O homem é um animal que usa de ferramenta", diz Carlyle, e em parte é verdade. Mas estas definições, e outras como ellas, são sempre imperfeitas e lateraes. E a razão é muito simples: não é facil distinguir o homem dos animaes, não ha criterio seguro para distinguir o homem dos animaes. As vidas humanas decorrem na mesma intima inconsciencia que as vidas dos animaes. As mesmas leis profundas, que regem de fóra os instinctos dos animaes, regem, tambem de fóra, a intelligencia do homem, que parece não ser mais que um instincto em formação, tam inconsciente como todo instincto, menos perfeito porque ainda não formado.

"Tudo vem da sem-razão", diz-se na Anthologia Grega. E, na verdade, tudo vem da sem-razão. Fóra da mathematica, que não tem que vêr senão com numeros mortos e formulas vazias, e porisso póde ser perfeitamente logica, a sciencia não é senão um jogo de creanças no crepusculo, um querer apanhar sombras de aves e parar sombras de hervas ao vento.

E é curioso e estranho que, não sendo facil encontrar palavras com que verdadeiramente se defina o homem como distincto dos animaes, é todavia facil encontrar maneira de differençar o homem superior do homem vulgar. Nunca me esqueceu aquella phrase de Haeckel, o biologista, que li na infancia da intelligencia, quando se lêem as divulgações scientificas e as razões contra a religião. A phrase é esta, ou quasi esta: que muito mais longe está o homem superior (um Kant ou um Goethe, creio que diz) do homem vulgar que o homem vulgar do macaco. Nunca esqueci a phrase porque ella é verdadeira. Entre mim, que pouco sou na ordem dos que pensam, e um camponez de Loures vae, sem duvida, maior distancia que entre esse camponez e, já não digo um macaco, mas um gato ou um cão. Nenhum de nós, desde o gato até mim, conduz de facto a vida que lhe é imposta, ou o destino que lhe é dado; todos somos egualmente derivados de não sei quê, sombras de gestos feitos por outrem, effeitos incarnados, consequen-

BIBLIOTECA NACIONAL

270

cias que sentem. Mas entre mim e o camponez ha uma differença de qualidade, proveniente da existencia em mim do pensamento abstracto e da emoção desinteressada; e entre elle e o gato não ha,no espirito, mais que uma differença de grau.

O homem superior differe do homem inferior, e dos animaes irmãos d'este, pela simples qualidade da ironia. A ironia é o primeiro indicio de que a consciencia se tornou consciente. E a ironia atravessa dois estádios: o estádio marcado por Socrates, quando disse "sei so que nada sei", e o estádio marcado por Sanches, quando disse "nem sei se nada sei". O primeiro passo chega àquelle ponto em que duvidamos de nós dogmaticamente, e todo homem superior o dá e attinge. O segundo passo chega àquelle ponto em que duvidamos de nós e da nossa duvida, e poucos homens o teem attingido na curta extensão já tam longa do tempo que, humanidade, temos visto o sol e a noite sobre a vária superficie da terra.

Conhecer-se é errar, e o oraculo que disse "Conhece-te" propoz uma tarefa maior que as de Hercules e um enigma mais negro que o da Sphynge. Desconhecer-se conscientemente, eis o caminho. E desconhecer-se conscientemente é o emprego activo da ironia. Nem conheço coisa maior, nem mais propria do homem que é deveras grande, que a analyse paciente e expressiva dos modos de nos desconhecermos, o registro consciente da inconsciencia das nossas consciencias, a metaphysica das sombras autonomas, a poesia do crepusculo da desillusão.

Mas sempre qualquer coisa nos illude, sempre qualquer analyse se nos embota, sempre a verdade, ainda que falsa, está além da outra esquina. E é isto que cansa mais que a vida, quando ella cansa, e de que o conhecimento e meditação d'ella, que nunca deixam de cansar.

Ergo-me da cadeira de onde, fincado distrahidamente contra a mesa, me entretive a narrar para mim estas impressões irregulares. Ergo-me, ergo o corpo nelle mesmo, e vou até á janella, alta acima dos telhados, de onde posso vêr a cidade ir a dormir num começo lento de silencio. A lua, grande e de um branco branco, elucida tristemente as differenças socalcadas da casaria. E o luar parece illuminar algidamente todo o mysterio do mundo. Parece mostrar tudo, e tudo é sombras com mixturas de luz má, intervallos falsos, desnivelamentos absurdos, incoherencias do visivel. Não ha brisa, e parece que o mysterio é maior. Tenho nauseas no pensamento abstracto. Nunca escreverei uma pagina que me revele ou que revele alguma cousa. Uma nuvem muito leve paira vaga acima da lua, como um esconderijo. Ignoro, como estes telhados. Falhei, como a naturdza inteira.

FERNANDO PESSOA

BIBLIOTECA NACIONAL